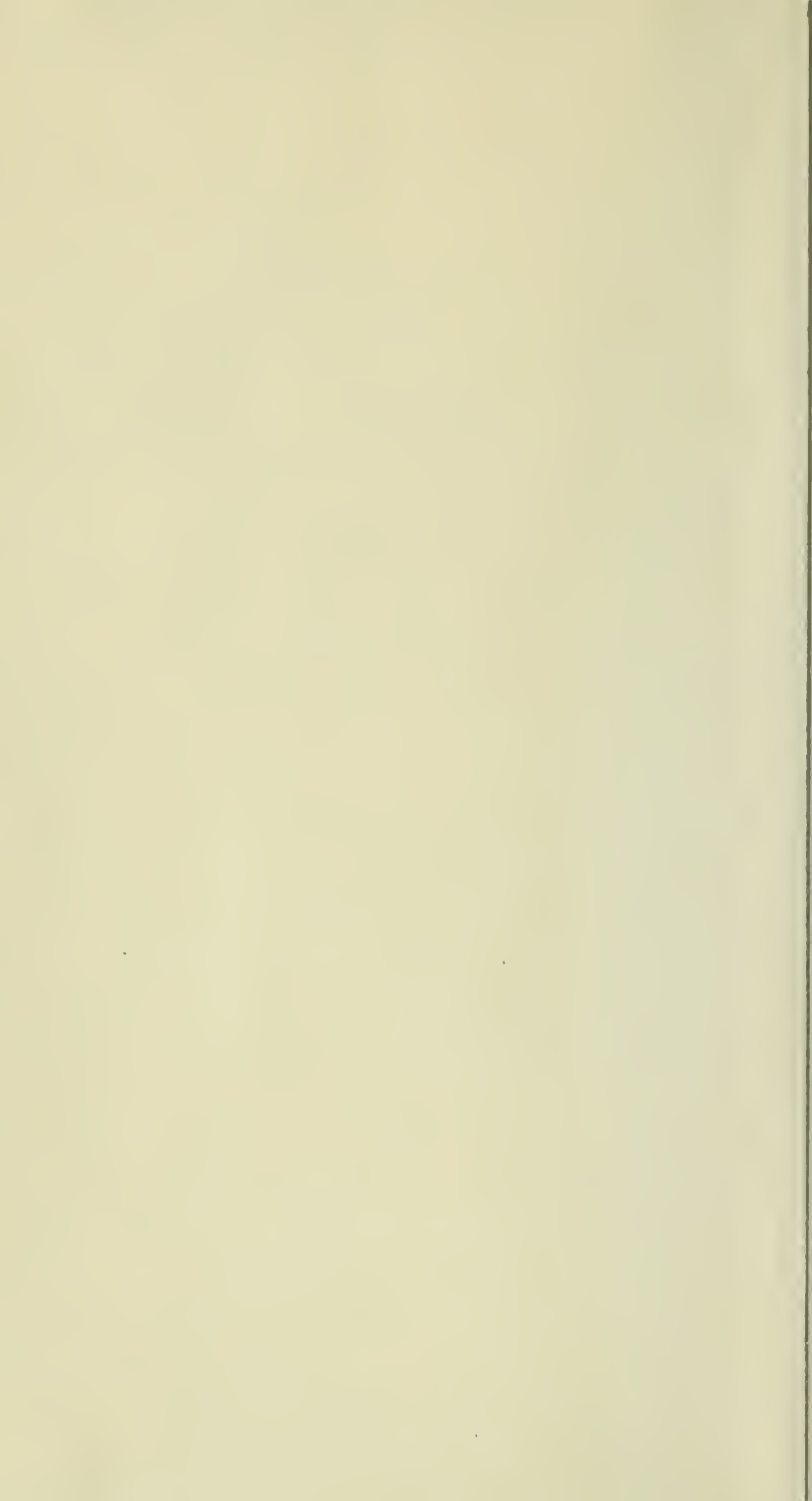


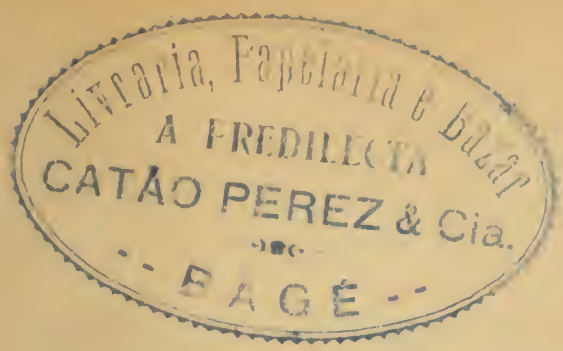
3 1761 06976077 5



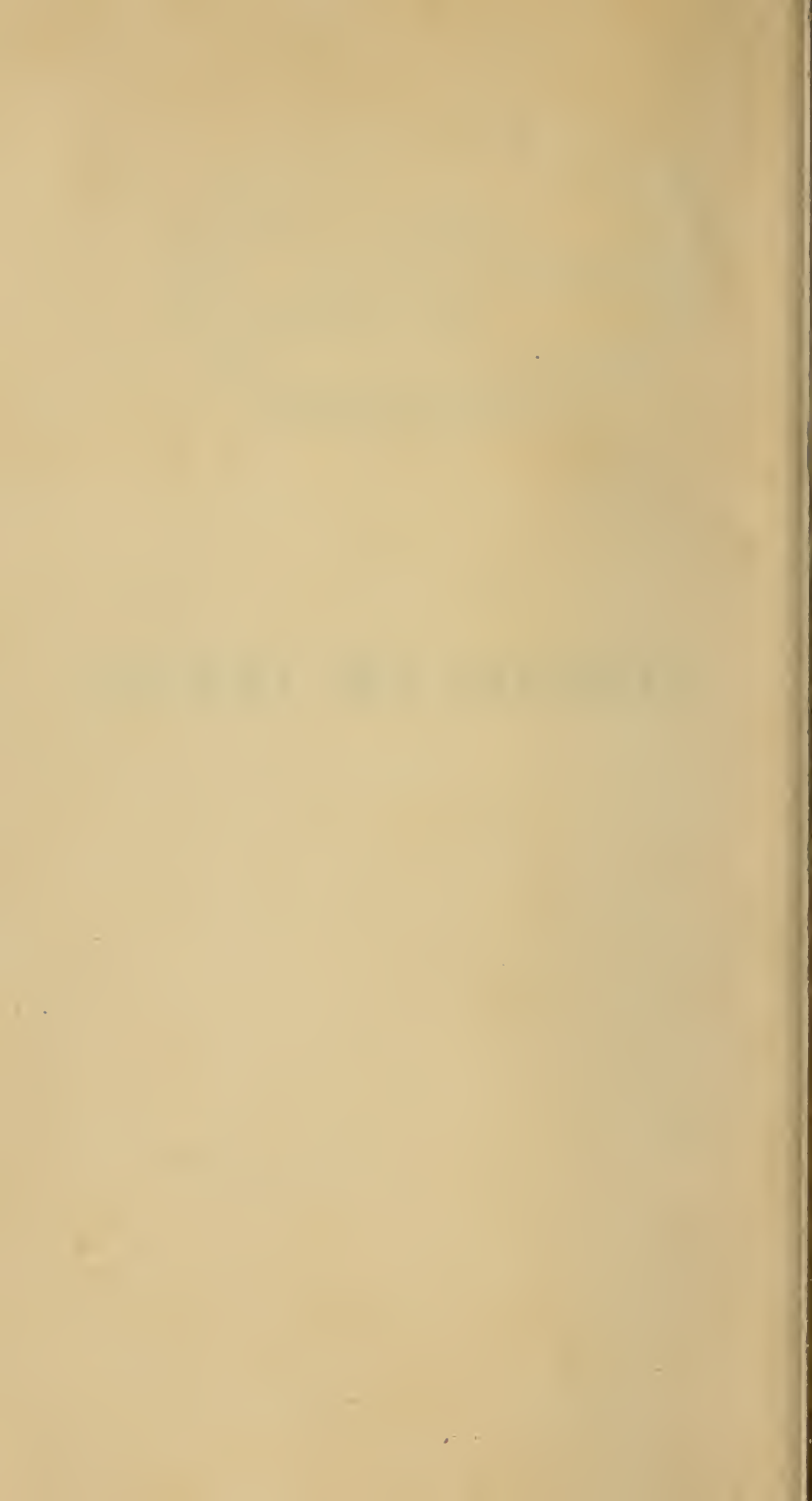


Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto





CONTOS EM VERSO



ARTHUR AZEVEDO

DA ACADEMIA BRASILEIRA

CONTOS EM VERSO



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1910



PQ

9697

A95C6

DUAS PALAVRAS DO EDITOR

Mal pensavamos que, aceitando os originaes dos *Contos em Verso* do glorioso homem de letras que desapareceu dentre nós a 22 de outubro de 1908, com grande magua e enorme tristeza de todos os intellectuaes, que o queriam e prezavam, seriam os ultimos da suã penna brilhante, querida e invejada. Longe estavamos que amanhã desgraça viesse enlutar as letras brâzeiras que tinham em ARTHUR AZEVEDO um dos seus mais eminentes vultos, um dos seus mais populares cultores.

O nome querido do escriptor maranhense já-não será olvidado por nós, que sempre o prezamos com reverencia e admiração, editando os seus trabalhos que o publico intelligente aprecia e admira.

Nenhum escriptor brasileiro gozou de maior popularidade que o extinto e os seus trabalhos não de ser sempre lidos com prazer pelos vin-

douros, porque elle comprehendeu a sociedade como um fino e delicado psychologo.

Como escriptor theatral, ninguem o excedeu: a sua bagagem é grande, variada, escolhida, invejavel. O theatro brasileiro teve n'elle o seu mais arporoso e extrenuo defensor, e não fosse a sua morte tão brusca e repentina, ARTHUR AZEVEDO triumpharia, seria um victorioso na campanha que abriu em prol da arte dramatica nacional. Foi um voloroso e foi um convencido.

A sua penna traçou os mais primorosos e delicados contos e nós tivemos a felicidade de edital-os, tirando edições duplas, cousa difficil e rara entre os livros escriptos em lingua portugueza.

Escriptor dramatico, *conteur* e poeta, o saudoso morto deixou entre os intellectuaes do Brasil um grande vacuo.

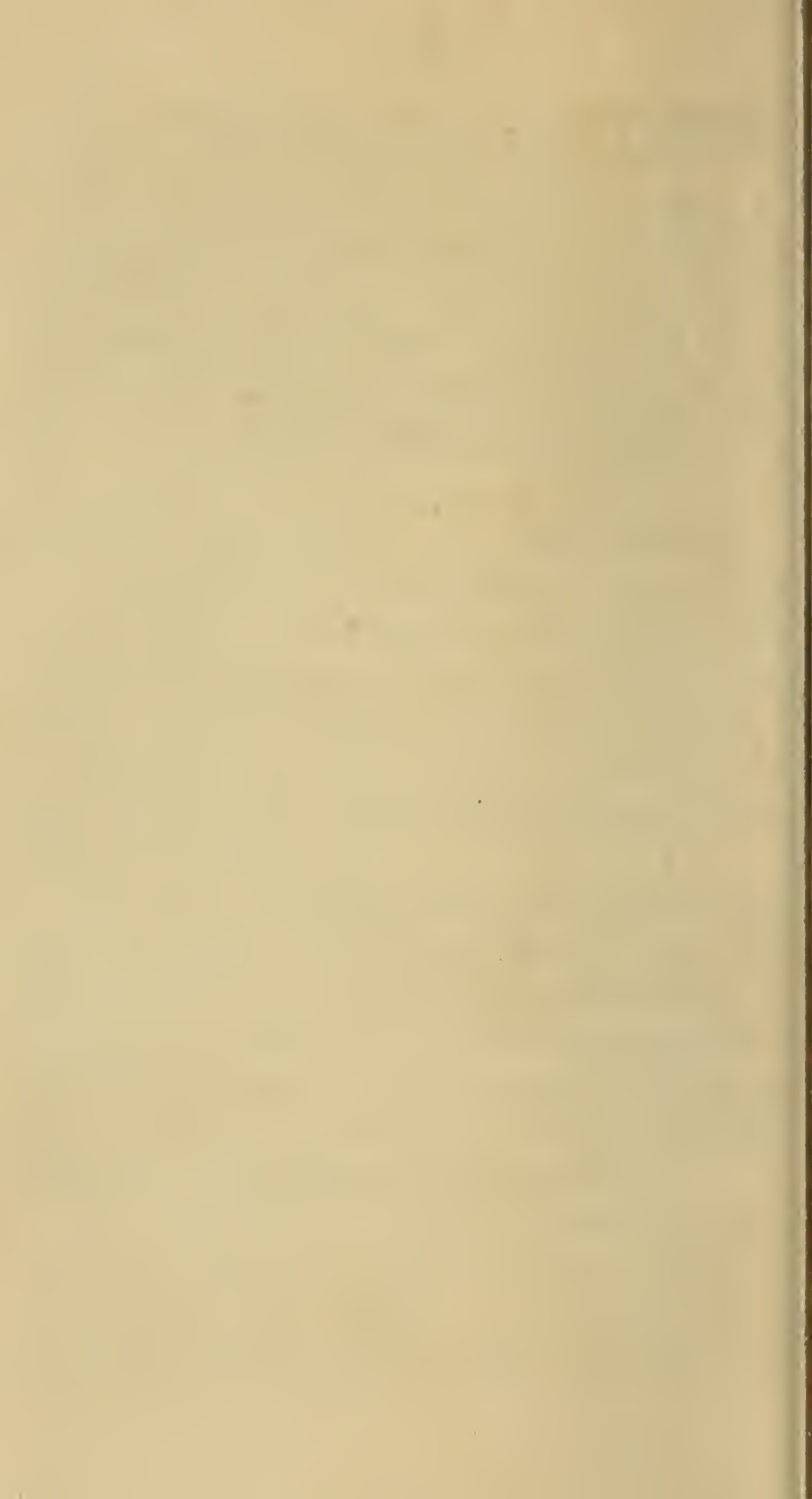
Do poeta, poucos mezes antes da tremenda desgraça que feriu as letras brasileiras, a sua familia e a seus amigos dedicados e admiradores, recebemos os primorosos originaes que constituem o presente volume — uma preciosidade que põe em evidencia o alto merito do poeta simples, singello, inspirado, expontaneo e cheio de *verve*.

Os contos que ora apparecem, foram publicados em jornaes e revistas e outros são ineditos e é de esperar que o publico, que tanto se deliciou quando os leu, dê o devido valor a esta obra que

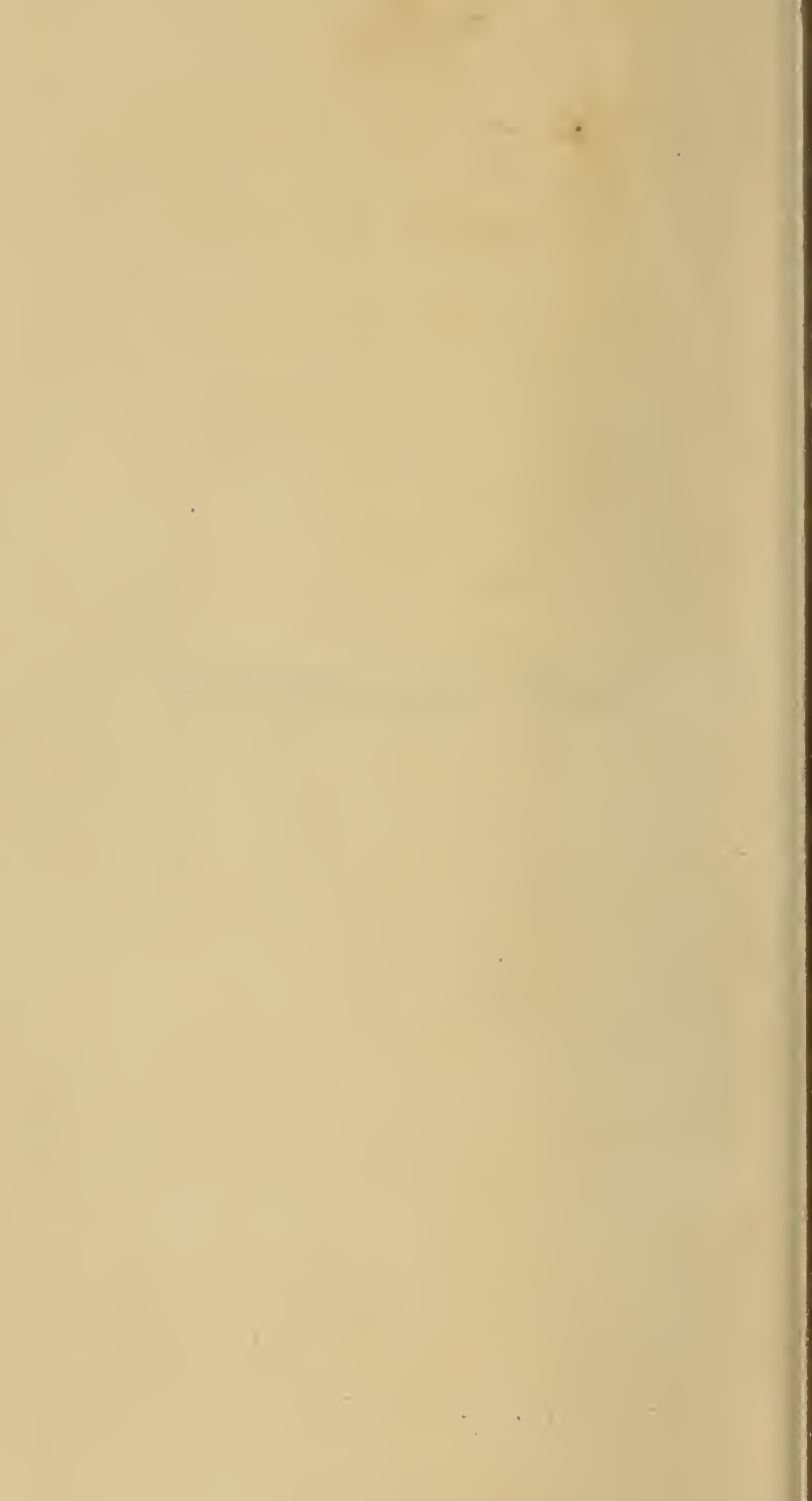
editámos, lamentando que o seu autor não possa receber os applausos a que tinha direito.

A casa Garnier aproveita o ensejo que tem para, lamentando profundamente o lutuoso acontecimento que infelicitou as letras brasileiras, prestar á memoria do illustre autor do presente livro, a sua homenagem de profundo respeito e de admiração ao seu grande talento.

Abril de 1909.



CONTOS MARANHENSES



UM PASSEIO DE BONDE

(Produção dos 17 annos)

— Pscio ! para onde
Segue este bonde ? —

O cocheiro interrogado

— Para a Estação — me responde ;

A taboleta não vê ? —

— Muito obrigado.

— Não ha de que.

Era um bonde fechado.

Sentei-me, carrancudo,

Pensando em nada ou em tudo,

Que tudo ou nada vem a dar no mesmo,

E eu penso em tudo e em nada

Todas ás vezes que passeio a esmo,

Por dar alivio á mente attribulada.

O bonde parte. Eu estava só. Ninguem

Me fazia

Companhia.

Porém

Alguem

Lá vem :

Uma moça e uma velha entram no carro,
 E eu, por ser cavalheiro,
 Renuncio a fumar o meu cigarro inteiro
 E deito fóra a ponta do cigarro.

A moça não é feia nem bonita.
 Modesta no trajar, traz um vestido
 De ramalhuda chita,
 E um chapéu já muitissimo batido.

A velha é magra, é alta,
 E parece que chora quando ri.
 Os dentes lhe fizeram muita falta.
 Uma velha mais feia nunca vi !

Aquella hedionda cara
 Muito pè de cabello e muita ruga
 Me depara,
 Sem falar na verruga,
 Coisa rara,
 Que não sara,
 No nariz,
 De pingos de tabaco chafariz.

Pente descommunal, de tartaruga,
 Lhe adorna a cabelleira, que tresanda
 Ao tal sebo de Hollanda.

Emquanto a velha enxuga
 O pingo eternamente pendurado,
 A moça o verbo *namorar* conjuga

Co'um janota caolho,
Que entrára ha poreo e lhe piscara um olho,
O unico olho que possue — coitado !

Fica a velha de orelha
Em pé, e logo enruga
A branca sobancelha,
E incha, como incha a negra sanguesua
Que o Zeferino aluga.

A moça não se importa,
E dirige ao rapaz, leviana e franca,
Peccaminoso olhar de enxova morta,
Que o enleva e transporta,
E suspiros estridulos lhe arranca.

Mas as damas chegaram
Ao seu destino. Ambas se levantaram.
A moça faz um signal
Ao conductor, que repara
E, com o choque especial
Que produz sempre o bonde quando pára,
Cáe o moça sobre a velha,
Que estava olhando de esguelha ;
Cáe a velha sobre o moço ;
Cáe o moço sobre mim !
Que alvoroço !
Que chinfrim !

Sairam todos tres. Fiquei pisado,
E ancioso por saber se o resultado

Daquella barafunda

Seria um casamento ou uma tunda.

Um casamento foi. Passado um mez,
Encontrei o caolho namorado
Na rua do Alecrim, de braço dado
A' moça, e a tal velhota desta vez
Tinha em casa ficado.

Maranhão, 1872.

LINDAS SCENAS

E' na varanda a scena, onde o trabalho
Occupa tres morenas,
Rosas do mesmo galho,
A quem desponta apenas
Um sol de primavera.

Que lindo ! ai, quem me dera
Saber reproduzir tão lindas scenas :

A primeira uma saia finalisa,
E a outra um cós posponta,
E a terceira marcando uma camisa
Está, que já das mãos lhe sahiu prompta.

Na pöbre meassaba
(O canapé da misera vivenda)
Das morenas a mãe ligeira acaba
Algumas varas de engenhosa renda.
Trabalho de encommenda.

A velha mão cansada
Dos bilros no vaivem parece nova,
Acompanhando a languida toada,
A invariavel trova,
Entre dentes cantada.

De vez em quando cessa a cantilena,
 E ao taquary sorvendo umas fumaças,
 A velha mãe ordena
 Mais activo trabalho áquellas graças.

Meu Deus! que linda scena!
 E que pintor pintal-a poderia!

A primeira das tres, toda alegria,
 Tem a feição bregeira;
 A segunda é não menos prazenteira;
 Mas que melancolia
 Entenebrece o rosto da terceira!

A primeira, da mãe severa e dura
 A distracção aguarda,
 Pois em baixo dos pannos da costura
 A *Moreninha*, de Macedo, guarda,
 E, em rapido relance,
 Fundo e furtivo olhar manda ao romãnce.

A segunda parece mais sensata:
 As vistas em redor jámais espaça,
 Mas a mana maltrata
 Um beliscão que é dado em ar de graça

Si a felicidade só no rir consiste,
 Que são felizes todas tres diviso;
 Mas a terceira ri de um rir tão triste...
 As lagrimas prefiro áquelle riso.

Em vão simúla calma...
 Deixa dos dedos lhe cahir a agulha.
 Aquella candida alma
 Acaso se mergulha
 N'alguma dor sincera?

Que lindo ! ai, quem me déra
 Saber reproduzir tão linda scena !

A velha está serena.
 — Que tens, sinhá, que tens ? Te desconheço !
 Tu bem sabes, pequena :
 Quando eu te vejo triste, me entristeço ! —

Disfarça a moça a commoção, o enleio,
 Partindo a linha co'os formosos dentes,
 Mas desfolha no seio
 Um rosario de lagrimas ardentes.

Desse modo accusada,
 Ergue-se envergonhada,
 E no collo materno, abrigo santo,
 Tenta esconder o resto do seu pranto.

As outras duas moreninhas bellas,
 Erguidas logo, serenar procuram
 A dolorida irmã, bem sabem ellas
 Que são artes de amor que assim misturam
 As lagrimas aos risos
 Tristes, amargurados, indecisos :
 Mas não sabem da missa nem metade...

Com que meiga piedade
 Em beijos degenera
 Aquella doce pena !
 Que lindo! ai, quem me déra
 Saber reproduzir tão linda scena

A porta da varanda se escancára
 E no lumiar a cara
 De um velho se apresenta.
 Carregando garboso os seus sessenta.
 Dá-lhe um solemne, venerando aspeito,
 A barba branca que lhe cobre o peito.

Não está só o ancião : traz ao seu lado
 Um bonito rapaz, typo de poeta,
 E vem acompanhado
 Por um cão agitando a cauda inquieta.

Dirigindo-se a velha
 Que, sorprehendida, franze a sobranceilha,
 — Minha senhora, diz o velho, queira
 Perdoar-me entrar aqui desta maneira,
 Sem me fazer annunciar ; urgente
 Caso me traz humilde e reverente :
 Este moço é meu filho ;
 Sahio-me, por desgraça, um peralvilho !
 De uma destas meninas
 Alcançou entrevistas clandestinas.

E fugiu della, calculando, injusto,
 Que eu, que sou velho honrado, me opporia

Ao casamento. Só a muito custo
Me revelou essa patifaria,
Da qual me prevenira um bom amigo.
Senhora, aqui o tem, trouxe-o commigo,
E peço-lhe, para este bigorilha,
Com o seu perdão, a mão de sua filha,
Si o julga digno de casar com ella.

Nesta pallida téla
Não ponho, que o pincel me não ajuda,
A longa scena muda
Que se passou ; da velha o grande espanto,
E da culpada o pranto,
E a surpresa das manas, e o enleio
Do seductor, parado ali, no meio
Da casa, cabisbaixo, e o pae sisudo,
De barbas brancas e figura austera,
E o cão curioso, farejando tudo,
Indifferente á sorte da pequena.

Que lindo ! ai, quem me déra
Saber reproduzir tão linda scena !

Quando a velha, passado o espanto immenso,
Lançou á moça um longo olhar magoado,
Esta, mordendo o lenço,
De lagrimas lavado,
— Mamãe, perdôa...murmurou apenas.

Ai, quem me déra, em verso aprimorado
Saber reproduzir tão lindas scenas !

NÃO, SENHOR!

Santinha, filha de um negociante
Que passava por ter muito dinheiro,
Bebia os ares pelo mais chibante,
Pelo mais prazenteiro
Dos rapagões daquelle tempo, embora
O pae a destinasse a ser senhora
Do Souza, um seu collega, já maduro,
Que lhe asseguraria bom futuro.

O namorado (ahi está o que o perdia!)
A' classe commercial não pertencia:
Era empregado publico; não tinha
Sympathia nem credito na praça.

Entretanto, Santinha
Nunca suppoz que fosse uma desgraça,
Um prenuncio funesto
A opposição paterna, e assim dizia:
— Elle gosta de mim, eu gosto delle...
Que nos importa o resto?
Um para o outro a sorte nos impelle:
Separar-nos só póde a cova fria!

Ria-se o pae, dizendo:
— Isso agora é poesia;

Mas deixem-na commigo : eu cá me entendo. —

Depois do almoço, um dia,
Elle na sala se fechou co'a filha,
Para tirar-lhe aquelle bigorriha
Da cabeça. A pequena,
Impassivel, serena,
Lhe disse com franqueza
Que ninguem neste mundo apagaria
Aquella chamma no seu peito accesa.

— Isso agora é poesia —

Repete o pae teimoso,
E, sentando-a nos joelhos.

Melifluo, carinhoso,

Abre a torneira aos paternaes conselhos,
Aponta-lhe o futuro que a espera,
Conforme o noivo que escolher : de um lado,
Com o pobre do empregado,
A pobreza pudera ! —

O desconforto, o desespero, a miseria!

— Sim, a fome, menina!

Estas coisas chamemos pelo nome!

A fome, — fome atroz! fome canina!...

E, do outro lado, com o negociante,
Que futuro brilhante!

Não saltarás a um baile, irás ao theatro;

Visitarás o Rio de Janeiro;

Poderás percorrer o mundo inteiro,

E ver o diabo a quatro! —

Mas a firme Santinha

Não se deixava convencer: não tinha
 Ambições, nem sonhava tal grandeza;
 Preferia a pobreza,
 Ao lado de um marido a quem amasse,
 A todo o Potosi com que a comprasse
 Outro qualquer marido.

O velho, enfurecido,
 Brada: — Isto agora já não é poesia.
 Mas grosso desaforo!
 Se não acaba esse infeliz namoro,
 Vou deitar energia! —
 — Então papae não acha coisa infame
 Que eu me case com um typo a quem não ame?
 — Infame é namorares um velhaco
 Sem dar ao pae o minimo cavaco!
 Ou casas-te com o Souza ou te afianço
 Que a maldição te lanço! —

Santinha, que era muito intelligente,
 Continuava a série dos protestos;
 Mas o irritado velho, intransigente,
 Soltando gritos e fazendo gestos,
 Nada mais quiz ouvir naquelle dia;
 Mas na manhã seguinte foi chamal-a
 Ao quarto (a pobre moça ainda dormia!)
 E pela mão levou-a para a sala.

Ficou muito espantado
 Ao ver que a filha, ao envez do que previra,

A noite houvesse muito bem pensado.
 Pareceu-lhe mentira
 Encontrar tão serena
 E tão tranquillã a moça,
 Como si a grande scena
 Da vespera lhe não fizesse mozza.

— Então ? estás na tua ? —

— Papae, de mim disponha :

Dê-me, alugue-me ou venda-me : sou sua.
 Por tudo estou, solícita e risonha ;
 Confesso, todavia,
 Que por meu gosto não serei esposa
 Do seu amigo Souza :
 Mentir não posso ! — Cala-te, pateta !
 Isso agora é poesia...
 A fortuna, verás, será completa !

Apromptou-se depressa a papelada,
 E a casa mobiliada
 Em quinze dias foi. Veio de França
 Riquissimo enxoval, conforme a usança,
 O qual esteve exposto
 E toda a gente achou de muito gosto.

Mostrava-se Santinha

A tudo indifferente, e o moço honrado
 Que o seu affecto conquistado tinha,
 Tambem não se mostrou contrariado ;
 Era o mesmo que dantes : expansivo,
 Discreto, espirituoso, alegre e vivo.

Chegou a noite, enfim, do casamento
Que era na igreja do Recolhimento,
Egrejinha modesta
Expressamente ornada para a festa
Pelo Joaquim Sirgueiro,
Que foi naquellas artes o primeiro.
O templo estava cheio
Quer de curiosos, quer de convidados.
Que mistura ! no meio
De graves figurões encasacados
E damas de vestidos decotados,
Abrindo enormes leques, —
Negros sebentos, sordidos moleques !

A noiva estava pallida e tremente,
Mas linda. Realmente
Era pena que flor tão melindrosa
Fosse colhida por um brutamontes,
Que na vida outros vagos horizontes
Não via além da Praça...

Na igreja se ouviria o som de uma asa
De insecto, quando o padre bem disposto,
A' noiva perguntou : — E' por seu gosto
E por livre vontade que se casa ?
Imagem que escandalo ! A menina,
Com voz firme, sonora, crystallina,
Respondeu : — Não, senhor ! Um murmurio
Corre por toda a igreja, e um calefrio
Pelo corpo do Souza,
Que o turvo olhar do chão erguer não ousa !

A pergunta repete o sacerdote ;

Logo o silencio se restabelece.

Para que toda a gente escute e note :

— Não-se-nhor ! — Estremece

O velho, e tosse p'ra que se não ouça

A resposta da moça.

— Não, senhor ! Não, senhor ! Mil vezes clamo :

Por gosto não me caso,

Mas obrigada por meu pae ; não amo

O senhor Souza, mas de amor me abraso

Por este ! — E aponta para o namorado

Que pouco a pouco tinha se chegado.

Não é possível descrever o resto

Depois desse protesto.

Falavam todos a um só tempo ! A egreja

Desabar parecia !

O padre corre para a sacristia...

A moça pede ao moço que a proteja...

— Isto agora é poesia !

Diz o attonito pae, qu'rendo contel-a.

Todas as convidadas

Suffocam gargalhadas...

O noivo, maldizendo a sua estrella,

Sae para a rua : a sanha

Da torpe molecagem o acompanha,

E uma vaia o persegue,

Até que elle num carro entrar consegue.

Santinha está casada e bem casada ;

O marido dispensa-lhe carinhos :

Vê sempre nella a mesma namorada.
Já tem uma ninhada
De filhos, e o avô — quem o diria ?
Morre pelos netinhos,
E diz, quando a miral-os se extasia :
— Isto agora é poesia ! —

O CHAPEO

O Ponciano, rapagão bonito,
Guarda livros de muita habilidade
Possuindo o invejavel requesito
De uma calligraphia
A mais bella, talvez, que na cidade
E no commercio havia,
Empregou-se na casa importadora
De Praxedes, Couceiro & Companhia,
Casa de todo Maranhão credora,
Que, além de importadora, era importante,
E, si quebrasse um dia,
Muitas outras comsigo arrastaria.

Do commercio figura dominante,
Praxedes, socio principal da casa,
Tinha uma filha muito interessante.
O guarda livros arrastava-lhe a asa.

Começára o romance, o romancete
N'um dia em que fez annos
E os festejou Praxedes co'um banquete,
N'um bello sitio do Caminho Grande,
Sob os frondosos galhos veteranos
Que secular mangueira inda hoje expande.

A mesa circular, sem cabeceira,
Rodeando o grosso tronco da mangueira,
Um bellissimo aspecto apresentava:

Reluzindo lá estava
O leitão infallivel,
Com o seu sorriso ironico,
Expressivo, sardonico.

Sabeis de alguma coisa mais terrivel
Do que o sorriso do leitão assado?

E nos olhos, coitado!

Lhe havia o cosinheiro collocado
Duas rodellas de limão, pilheria
Que sempre faz sorrir a gente séria.
Dois soberbos perús de forno; tortas
De camarão, e um grande e magestoso
Camorim branco, peixe delicioso,
Que abre ao glutão do paraizo as portas;
Tainhas ourichocas recheadas,
Magnificas pescadas,
E um presunto, um colosso,
Tendo enroladas a enfeitar-lhe o osso,
Tiras estreitas de papel dourado.
Compoteiras de doce, encommendado
A Calafate e a Papo Roto; fructas;
Vinho em garrafas brutas.
Amendoas, nozes, queijos, o diabo.
Que se me metto a descrever aquillo,
Tão cedo não acabo!

O Ponciano fôra convidado:

Quiz o velho Praxedes distinguil-o.

Fazia gosto vel-o

Convenientemente engravatado,

De calças brancas e chapéo de pello,

E uma sobrecasaca

Que estivera fechada um anno inteiro

E espalhava em redor um vago cheiro

De camphora e alfavaca.

Mal que o viu, Gabriella

(Gabriella a menina se chamava)

Lançou-lhe uma olhadela

Que a mais larga promessa lhe levava..

Como que os olhos d'elle e os olhos della

Apenas esperavam

Encontrar-se; uma vez que se encontravam,

De modo tal os quatro se entendiam

Que, com tanto que ver, nada mais viam!

Apezar dos perigos,

Por ninguem o namoro foi notado.

Pois que o demonio as coisas sempre arranja.

Praxedes, occupado,

Fazia sala aos ávidos amigos;

A mulher de Praxedes, nas cosinhas,

Inspeccionava monstruosa canja

Onde fluctuavam cinco ou seis gallinhas

E um paio, um senhor paio —,

E os convivas, olhando de soslaio

Para a mesa abundante e os seus thesourcs

Não tinham attenção para namoros.

Quando todos á mesa se assentaram,
 Elle e ella ficaram
 Ao lado um do outro.. por casualidade,
 E durante tres horas, pois tres horas
 Levou comendo toda aquella gente,
 Entre as phrases mais ternas e sonoras
 Juraram pertencer-se mutuamente.

Quando na mesa havia só destroços,
 Cascas, espinhas, ossos e caroços,
 E o café fumegante
 Circulou, — nesse instante,
 Eram noivos Ponciano e Gabriella.

— Como, perguntou ella,
 Nos poderemos escrever ? Não vejo
 Que o possamos fazer, e o meu desejo
 E' ter noticias tuas diariamente.
 Respondeu elle : — Muito facilmente:
 Quando á casa teu pae volta á noitinha
 Traz comsigo o *Diario*, por fortuna ;
 Escreverei com lettra miudinha,
 Na ultima columna,
 Alguma coisa que ninguem ler possa
 Quando não esteja prevenido. — Bravo!
 Que bella idéa e que ventura a nossa!
 Porém si esse conchavo
 Serve para me dar noticias tuas,
 Não te dará, meu bem, noticias minhas. —
 Mas não estive com uma nem com duas
 O namorado, e disse :

— Temos um meio. — Qual? Não adivinhas?
 Teu pae usa chapéo... — Sim... que tolice! —
 — Ouve o resto e verás que a idéa é boa:
 Um pedacinho de papel á toa
 Tu metterás por baixo da carneira
 Do chapéo de teu pae ; dessa maneira
 Me escreverás todos os dias... uteis.

Oh, precauções inuteis!
 Durante um anno inteiro
 O pae ludibriado
 Serviu de inconsciente mensageiro
 Aos amores da filha e do empregado
 — Até que um dia (tudo é transitorio,
 Até mesmo os chapéos) o negociante
 Entrou de chapéo novo no escriptorio.

Ponciano ficou febricitante!
 Como saber qual era o chapeleiro
 Em cujas mãos ficára o chapéo velho?
 Muito inquieto, o bregeiro
 Ao espirito em vão pediu conselho
 Dispunha-se, matreiro,
 A sahir pelas ruas, indagando
 De chapeleiro em chapeleiro, quando
 O chapeleiro appareceu!... Trazia
 O papelinho que encontrado havia!
 Atinára com tudo o impertinente
 E indignado dizia:
 — Sou pae de filhas!... venho promptamente

Denunciar uma patifaria !

O hypocrita queria

Mas era, bem se vê, cahir em graça

A um medalhão da praça.

O pae ficou furioso, e, francamente,

Não era o caso para menos; houve

Ralhos, ataques, maldições, *etcætra*;

Mas, emfim, felizmente

Ao céo bondoso approuve

(O rapaz tinha tão bonita letra!)

Que não fosse a menina p'r'o convento,

E a comedia acabasse em casamento.

Ponciano hoje é socio

Do sogro, e faz negocio.

Deu-lhe uma filha o céo

Que é muito sua amiga

E está casa não casa;

Mas o ditoso pae não sae de casa

(Aquillo é balda antiga)

Sem revistar o forro do chapéo.

BANHIOS DE MAR

Manoel Antonio de Carvalho Santos,
Negociante dos mais — acreditados,
Tinha, em sessenta e tantos,
Uma casa de seccos e molhados
Na rua do Trapiche. Toda a gente
— Gente alta e gente baixa —
O respeitava. Merecidamente :
A sua firma era dinheiro em caixa.

Rubicundo, roliço,
Era já outoniço,
Pois ha muito passára dos quarenta
E caminhava já para os cincoenta.
O bom Manoel Antonio
(Que assim era chamado),
Quando do amor o deus (Deus ou demonio,
Porque como um demonio os homens tenta,
Trazendo-os num cortado)
Fel-o gostar devéras
De uma menina que contava apenas
Dezoito primaveras,
E na candura de anjo
Causava inveja ás proprias assucenas.

Tinha a menina um namorado, é certo ;
 Porém o pae, um madeireiro esperto,
 Que no outro viu muito melhor arranjo,
 Tratou de convencel-a
 De que, accitando a mão que lhe estendia
 Manoel Antonio, a moça trocaria
 De um vagalume a luz por uma estrella.

Ella era boa, compassiva, terna,
 E havia feito ao moço o juramento
 De que a sua affeição seria eterna ;
 Porém dobrou-se á logica paterna
 Como uma planta se dobrára ao vento.

Sabia que seria
 Tempo perdido protestar ; sabia
 Que, na opinião do pae, o casamento
 Era um negocio e nada mais. Amava ;
 Sentia-se abrazada em chamma viva ;
 Mas... tinha-se na conta de uma escrava,
 Esperando, passiva,
 Que um marido qualquer lhe fosse imposto,
 Contra o seu coração, contra o seu gosto.

Calou-se. Que argumento
 Podia a planta contrapôr ao vento ?

No dia em que a noticia
 Do casamento se espalhou na praça,
 A Praia-Grande inteira achou-lhe graça
 E commentou-a com feroz malicia,

E na porta da Alfandega,
E no leilão do Basto

Outro caso não houve — era uma pandega '
Que ás linguas fornecesse melhor pasto
Durante uma semana, ou uma quinzena,
Pois em terra pequena
Nenhum assumpto é facilmente gasto,
E raramente um escandalo se pilha.

Quando um dizia: — A noiva do pateta
Podia muito bem ser sua filha,
Logo outro exagerava : — Ou sua neta !

O moço desdenhado,
Que na thesouraria era empregado,
E mettido a poeta,
Durante muito tempo andou de preto,
Co'a barba por fazer, muito abatido ;
Mas, se a barba não fez, fez um soneto,
Em que chorava o seu amor perdido.

Do barbeiro esquecido
Só foi á loja, e vestiu roupa clara,
Depois que a virgem que elle tanto amára
Saiu da egreja ao braço do marido.

Pois, meus senhores, o Manoel Antonio
Jámais se arrependeu do matrimonio ;
Mas, passados tres annos,
Sentiu que alguma coisa lhe faltava :

Não se realizava
O melhor dos seus planos.

Sim, faltava-lhe um filho, uma criança,
Na qual pudesse reviver contente,
E este sonho insistente
E essa firme esperança
Fugiam lentamente,
A' proporção que os dias e os trabalhos
Seus cabellos tornavam mais grizalhos.

Recorreu á sciencia :
Foi consultar um medico famoso,
De muita experiencia,
E este, num tom bondoso,
Lhe disse :— A medicina
Forçar não póde a natureza humana.
Se o contrario imagina,
Digo-lhe que se engana.

Manoel Antonio, logo entristecido,
Poz os olhos no chão ; mas, decorrido
Um ligeiro intervallo,
O medico adduziu, para animal-o :
— Todavia, Verrier, se não me engano,
Diz que os banhos salgados
Dão bellos resultados...
Experimente o oceano ! —

No mesmo dia o bom Manoel Antonio,
A' vista de juizo tão idoneo,

Tinha casa alugada
Lá na Ponta d'Areia,
Praia de banhos muito frequentada,
Que está do porto á entrada
E o porto aformoseia.

Nessa praia, onde um forte
Do sec'lo dezesete
Tem tido varia sorte
E medo a ninguem mette;
Nessa praia, afamada
Pela revolta, logo suffocada
De um Manoel Joaquim Gomes,
Nome olvidado, como tantos nomes;
Nessa praia que... (Vide o dictionario
Do Doutor Cesar Marques) nessa praia,
Passou tres mezes o quinquagenario,
Com a esposa e uma aia.

Não sei se coincidencia
Ou proposito foi: o namorado
Que não tivera um dia a preferencia,
Maldade que tamanhos
Ais lhe arrancou do coração magoado,
Tambem se achava a banhos
Lá na Ponta d'Areia...

Creia, leitor, ou, se quizer, não creia:
Manoel Antonio nunca o viu; bem cedo,
Sem receio, sem medo

Deixar a senhora ali sósinha,
 Para a cidade vinha
 N'um escaler que havia contratado,
 E voltava á tardinha.

Tempos depois — marido afortunado !
 Viu que a senhora estava de esperanças...

Ella teve, de facto,
 Duas bellas erianças,
 E o bondoso doutor, estupefacto,
 Um optimo presente,
 Que o pagou larga e principescamente !

— Viva o banho de mar ! ditoso banho !
 Dizia, ardendo em jubilo, o marido.
 — Eu pedia-lhe um filho, e dois apanho !
 Doutor, meu bom doutor, agradecido !

Pouco tempo durou tanta ventura :
 Fulminado por uma apoplexia,
 Baixou Manoel Antonio á sepultura.

O desdenhado moço um bello dia
 A viuva esposou, que lhe trazia
 Amor, contos de réis e formosura.

E no leilão do Basto
 Diziam todos os desoccupados
 Que nunca houve padrasto
 Mais carinhoso para os enteados.

O SOCIO

Frequentava o Lyceu o Arnaldo, e havia feito
Exame de francez, inglez e geographia,
Quando seu pae um dia,
Pilhando-o bem a geito,
Chamou-o ao gabinete e disse-lhe : — Meu filho,
Tu vaes agora entrar no verdadeiro trilho!
Tu já sabes inglez e francez ; o Tiberio,
Teu mestre, um homem sério,
Me disse ultimamente
Que podes dar lições de geographia á gente —
E, depois de tomar o velho uma pitada,
— Não quero, proseguiu, que tu saibas mais nada,
Pois sabes muito mais do que teu pae, e, como
Fortuna elle não tem para te dar mezada,
Deus, que me ouvindo está, por testemunha tomo :
Não has de ser doutor ! E para que o serias ?
Em breve, filho meu, tu te arrependerias.
Pois não vês por ahi tantos, tantos doutores,
Que não tomam caminho,
- Soffrem mil dissabores,
Sem ter o que fazer do inutil pergaminho ? —
Nisto o velho assoou-se ao lenço de Alcobaça, (
E a trompa fez tremer os vidros na vidraça. /

— Tu vaes para o commercio. Arranjei-te um em-
[prego

Em casa de Saraiva, Almeida & Companhia.

Acredita, rapaz, que o teu e o meu socego

Farás, se me disseres

Que não te contraria

Esta resolução. Tua mãe, que é bem boa,

Mas os defeitos tem de todas as mulheres,

Quer que sejas p'r'ahi um bacharel á tóa ;

Pois olha que teu pae tem pratica do mundo

E a machina social conhece bem a fundo ;

Para o commercio vae. Se tiveres juizo,

Em dez annos... nem tanto até será preciso...

Serás socio da casa. A casa é muito forte,

Meu filho, e todos lá têm tido muita sorte.

O Arnaldo quiz em vão protestar. O bom velho

Fel-o chegar-se ao relho,

E a ambiciosa mãe capacitou-se, em summa,

Que, na casa Saraiva, Almeida & Companhia,

Teria mais futuro o seu rapaz, que numa

Reles academia.

Pobre Arnaldo ! O logar que lhe foi reservado

Não era de caixeiro,

Mas de simples criado :

A's cinco da manhã despertava, e ligeiro

Descia aos armazens, pegava na vassoura,

E tinha que varrer o chão. Não me desdoura

O trabalhar (o moço aos seus botões dizia).

Mas não valia a pena
 Ter aprendido inglez, francez e geographia,
 Se a uma eterna vassoura a sorte me condemna!

O pobre rapazinho andava o dia inteiro
 Recados a fazer, levipede, lampeiro,
 E, á noite, fatigado,
 Atirava-se á rêde e um somno só dormia
 Até pela manhã, quando a vassoura esguia
 O esperava num canto. Elle tinha licença
 De ir á casa dos paes de quinze em quinze dias!...
 Sentia pela mãe uma saudade intensa!
 Vida estúpida e má! vida sem alegrias!...

Saraiva, o principal socio daquella firma,
 Typo honrado, conformeinda hoje a praça affirma,
 Andava pela Europa a viajar, e o socio,
 O Almeida, estava então á testa do negocio.
 Era o Almeida casado, e tinha uma sujeita...
 No intuito de evitar toda e qualquer suspeita,
 Não quiz o maganão que ella morasse perto
 Da casa de negocio, onde estava a familia:
 Em S. Pantaleão, bairro sempre deserto,
 Poz-lhe casa e mobilia.

O Arnaldo lamentava o seu mesquinho fado,
 E andava sempre triste e sempre amargurado,
 Quando o senhor Almeida, o patrão, de uma feita,
 Se lembrou de o mandar á casa da sujeita,
 Levar uma fazenda
 De que ella lhe fizera ha dicas enommenda.

Lá foi o Arnaldo, e, ao dar co' a moça, boquiaberto
Ficou por não ter visto ainda tão de perto
 Senhora tão formosa,
 Nem tão appetitosa ;
E, a julgar pelo olhar que lhe lançou a bella,
Ella delle gostou tanto como elle della.

Era bem raro o dia em que o negociante
Não tinha que mandar o Arnaldo á sua amante
Qualquer coisa levar. Por isso, de repente,
O triste varredor mostrára-se contente,
 Sagaz, activo, esperto,
 E ao pae e á mãe dizia
Que na casa Saraiva, Almeida & Companhia
 Achára um céo aberto.
 Pudéra ! o capadocio
Em dois mezes passou de caixeirinho a socio.

A NUVEM

A scena era na rua
De São Thiago, á meia noite. A lua
Brilhava intensamente
Do céo na amplidão nua,
Azul e transparente.
Que luar o luar do Maranhão ! dir-se-ia
Um bello meio-dia,
Illuminado por um sol sem fogo !

A rua era deserta.
De vez em quando, ao longe, apparecia
A negra fórma incerta
De um vago transeunte
Regressando do amor, talvez do jogo.

Que ninguem me pergunte
Quem era o moço que parado estava
Junto ao muro da casa em que morava
O capitão Pedrosa,
Velho cuja honradez foi bem famosa
Era um moço, — isto basta.
Accrescente-se apenas
Que a cabelleira vasta,
Caindo em crespas, rutilas melenas,

E o chapéo desabado,
 Davam-lhe um ar romantico...

— Parado

Já elle estava a um quarto de hora em frente
 Ao muro, e impaciente
 Esperava. Mas quem? O bom Pedrosa
 Tinha tres filhas, cada qual mais feia
 E a mais nova era já senhora idosa,
 Que vivia a rezar e a fazer meia.

Debalde o velho pretendeu casal-as,
 Correndo festas, frequentando salas..¹
 Jámais lhe foi possivel impingil-as ;
 Nos saráos, os rapazes
 Deixavam-nas tranquillias,
 Não dansavam com ellas :
 E as miseras donzellas
 Eram alvo de satyras mordazes,
 Como se fosse um crime a fealdade !

E passaram-se os dias,
 E passaram-se os mezes,
 E passaram-se os annos,
 E com elles passára a mocidade...
 E as tres irmãs, sombrias,
 Carpindo os máos revezes
 E os negros desenganos,
 Ficaram para tias
 E deram em devotas...

Sabidas essas notas,
Ninguem crerá que o moço de melenas
E chapéo desabado
Ali fosse levado
Por alguma daquellas tres pequenas,
Que não só eram feias como puras.

Não te percas, leitor, em conjecturas :
O capitão Pedrosa
Tinha em casa uma « cria » appetitosa,
Que o somno a muita gente
No Maranhão tirava
Inconscientemente...

Era mestiça e tinha sido escrava,
Ou filha de uma escrava, a rapariga
Que tanta gente boa cubiçava
No tempo em que se passa a historia antiga
Que vim, leitor, contar-te
Com toda a singeleza, mas sem arte.

Mas não estranhes que tirasse o somno
A humilde creatura,
Pois era um ideal de formosura,
Que merecia um throno !
A côr de jambo, o labio nacarado ;
O cabello ondulado,
Negro, da negridão dos olhos bellos,
Desafiando anhelos ;
Dentes alvos ; nariz arrebitado,

Petulante, expressivo ;
 O corpo esvelto, senhoril, altivo,
 De uma fina princeza ;
 Emfim, toda a belleza,
 Que na casa faltava,
 Reuniu caprichosa natureza
 Naquella moça que nascera escrava !

A linda Philomena
 (Ella assim se chamava)
 Com muita vigilancia era guardada
 Ali, desde pequena ;
 Jámais sahio senão acompanhada,
 E nem mesmo á janella
 Curiosa vizinha
 Nunca a apanhou sózinha :
 Sempre estava com ella
 Alguma das Pedrosas,
 E a companhia dessas tres feiosas
 Tornava-a inda mais bella,
 Sobresair fazendo
 O quanto nella havia de estupendo.

A rua de São Thiago
 Atravessavam muitos namorados ;
 Levava-os o desejo, embora vago,
 De entrevel-a de longe ; mas... coitados!...
 As Pedrosas faziam sentinella,
 E se um homem qualquer se aproximava,
 Philomena sahia da janella...
 E o sujeito passava !

Demais, qualquer das tias, desdennada
 Pelos rapazes dos saráos de outr'ora,
 Inveja tinha agora
 A' bella requestada.

« Passámos pelo indomito desgosto,
 Pensavam ellas, de ficar solteiras
 Por sermos feias ; queiras ou não queiras,
 Tambem o ficas... por motivo opposto. »

Eis que chega a novena
 De São Thiago. As filhas do Pedrosa
 Uma noite não perdem. Vai com ellas,
 Elegante e garbosa
 A nossa Philomena,
 Guardada á vista pelas tres donzellas.

Durante á cerimonia religiosa,
 Na pequenina egreja. á quarta noite
 (Moça opprimida é justo que se afoite...)

Ella notou que um moço,
 Que já de outra novena conhecia
 E lhe causára um intimo alvoroço,
 Certos signaes de longe lhe fazia,
 Mostrando-lhe um bilhete que trazia ;
 Pezar de muito esperta,
 Responder não podia :
 As tres estavam de olho e ouvido alerta.

A situação comprehende o moço, e logo,
 Como se endoidecesse de repente,
 Grita : — Fugam, que ha fogo ! —

De confusão enche-se toda a gente
 Que á uma quer sair da igreja aos gritos !
 Ha quedas, apertões e faniquitos !
 Separam-se as Pedrosas ! Philomena,
 Que vira o moço preparar a scena,
 Chega-se a elle, toma-lhe o bilhete,
 E mette-o logo dentro do corpete.
 Sóbe ao pulpito um frade barbadinho
 E consegue acalmar o borborinho.
 Ninguem soube que estúpido gaiato
 Produzira o medonho espalhafato.

No seu quarto, sósinha,
 Philomena, que lia soletrado,
 Suspirando de gozo a cada linha,
 Leu estas linhas do mancebo ousado :
 « Amo-te loucamente !
 Se pensas 'no futuro,
 Illude a vigilancia dessa gente,
 E amanhã, meu amor, vai ter commigo,
 A'meia noite, no portão do muro.
 Não correrás perigo,
 Por minha honra, o juro.
 Se me dàs a entrevista, ó Philomena,
 Logo que eu te appareça
 Amanhã, na novena,
 Leva a mão á cabeça. »

Escusado é dizer que, sem protesto,
 Fez Philomena o reclamado gesto,

E é por isso que estava ali parado,
Naquella noite placida e silente,
O chapéo desabado...

O namorado necessariamente
Não se lembrou da lua, mas a lua
Foi, por acaso, protectora sua,
Pois se estivesse escuro,
Não roubaria a mulatinha a chave,
E de mansinho, lepida, suave,
 Não abriria o muro...
 Elle a nada se atreve
(Pensou) : a lua defender-me deve... --

 Com effeito, queria
 Levar longe a ousadia
O moço cujo peito era offegante
 E cujas mãos curiosas...
Mas a lua era guarda vigilante,
Mais vigilante ainda que as Pedrosas.

Entretanto, uma nuvem carregada,
 A rolar isolada
 Naquelle céo tão limpo,
 Parecendo enviada
Por qualquer deusa lubrica do Olympo,
Se não a deusa em nuvem transformada,
Aproxima-se indolentemente
 Da lua. De repente,
 Vendo a moça indiscreta

O perigo imminente,
 Quiz despedir-se inquieta.

— Não ! não me fuja, Philomena ! Espera
 Que aquella benemerita cortina

Cubra a abelhuda austera,
 Que, suspensa no céu, nos illumina...

.

A nuvem libertina

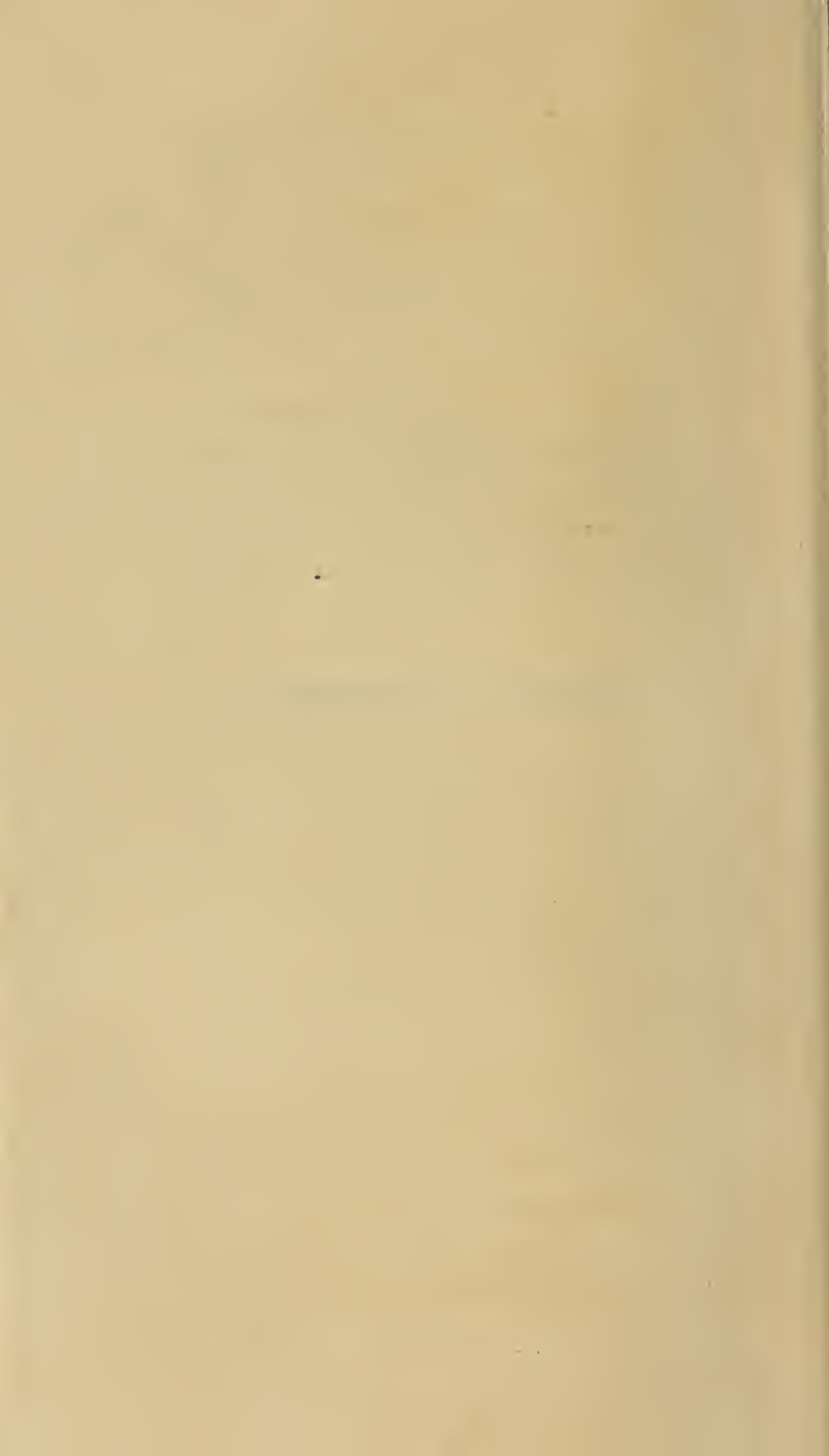
Tanto tempo os deixou ficar no escuro,

Que, ao surgir outra vez a branca lua,

Já não se via mais ninguem na rua,

Nem estava aberto o muro.

CONTOS CARIOCAS



JUVENAL

Chegado ha pouco de Napoles,
Mal completara treze annos
A flôr dos italianos,
O formoso Juvenal.
Vendia as folhas diarias ;
Cançava as perninhas nuas,
Gritando por essas ruas :
— *Cruzeiro ! Globo ! Jornal !* —

Coitado ! Vivia o misero
Como um cãesinho sem dono,
Ao mais completo abandono,
Ora aqui, ora acolá,
A dormir um somno placido
A' noite, nas horas mortas,
Sobre o batente das portas
Deitava-se ao Deus dará !

Da saude a côr purpurea
Não lh'a alterára o desgosto :
Juvenal tinha no rosto
Da infancia o roseo matiz.
Era o innocente noctivago,
No seu viver lastimoso,

Um miseravel ditoso,
Um desgraçado feliz.

O facto não é poetico,
Mas á verdade não fujo :
O pequeno andava sujo,
 Sujo que mettia dó ;
Braços, pernas, rosto — ó lastima ! —
 Ennegrecidos estavam,
E o pescoço lhe abraçavam
 Negros collares de pó.

Dos seus freguezes no numero
Havia um sor conselheiro :
Ia levar-lhe o *Cruzeiro*
 Cedinho, pela manhã.
No topo da escada nitida
 Quem a folha recebia
 E pagava, todo o dia,
Era a formosa Nhã-nhã.

Nhã-nhã, um anjo pulcherrimo !
Pallida, triste, franzina...
Era mais do que menina
E menos do que mulher ;
Desabrochava-lhe esplendida,
Entre doiradas chimeras,
Flôr de quinze primaveras
 Em labios de rosicler.

De vel-a o pobre alegrava-se
E se acaso não a via,
No fundo d'alma sentia
Mysterioso torpor...
Um sentimento novissimo
Entre o respeito e a vontade ;
Muito mais do que amizade,
Muito menos do que amor.

Como não a visse um sabbado,
Juvenal, todo innocencia,
Disse comsigo : — Paciencia ;
En hei de vel-a amanhã — ;
Mas que afflicção ! que supplicio !...
Quantas magoas e agonias !...
Passar assim vinte dias
Sem que elle visse Nhã-nhã !

Vinte dias ! Louco, attonito,
No vigesimo primeiro
A escada do conselheiro
O pobresinho subiu.7.
Estava na sala um feretro,
Por tochas allumiado,
N'uma eça collocado
Que de sorpreso o feriu.

Penetrou na sala, tremulo,
Vexado como um patife,
E, ao chegar junto do esquite,

Livido, parvo, estacou...
Nhã-nhã morrera! De lagrimas
Houve tamanha enxurrada,
Que elle de cara lavada
A vez primeira ficou.

1882.

VAGABUNDO

O Mathias, coitado,

Vive sabe Deus como, que é casado

E duzentos mil rês mensaes apenas ganha,

Pois lhe ha sido tamanha

A ingratidão dos fados deshumanos,

Que elle ainda hoje tem o parco vencimento

De quando começou, ha muitos annos,

N'uma repartição...

Caminho lento

Percorre o funcionario

Que se mostre á mesura refractario,

E, mettido comsigo

De toda a gente não se faça amigo,

Nem serviços allegue

E da sorte ao capricho apathico se entregue.

Era assim o Mathias,

E, passavam-se dias,

Semanas, mezes, annos, sem que o mundo

Lhe ouvisse a menor queixa.

De Catumby no fundo,

N'uma viela que a montanha fecha,

Reside o pobretão em companhia

Da cara esposa que, fazendo balas,
Do casal as despezas auxilia,
Porque, se assim não fôra, ambos de certo
Se veriam em talas.

Seria aquella casa um lindo céu aberto
Se tivesse o casal um filho, um filho ao menos,
Sim, porque, não ha duvida, os pequenos
Espancam a tristeza
E tornam supportavel a pobreza
No lar mais esquecido dos favores
Da eterna deusa cega e fugitiva
Que anda sobre uma roda e que nos faz, senhores,
Andar a todos n'uma roda viva.

No entanto, em casa havia
Um velho cão que, a bem dizer, suppria
De uma criança, a falta.

Era um grande peralta
Que, se a porta da rua achava aberta,
Ia logo se embora,
E eram dias e dias pela certa,
Que ficava lá fóra,
E coisas taes fazia,
Que ao regressar, trazia
Vestigios eloquentes
De haver lutado a dentes,
Disputando, talvez, uma gentil cadella,
Qual cavalheiro antigo, a lança heroica em riste,
Disputaria a sua dama bella.

O cão dessas façanhas vinha triste,
 Cauda e orelhas cahidas, receioso
 De ser mal recebido (e era muito bem feito !);
 Porém bastava um gesto carinhoso,
 Um sorriso fagueiro,
 Uma bala roubada ao taboleiro,
 Para vel-o de novo alegre e satisfeito.

Ha dez annos o cão apparecera um dia
 Ali ; ninguem sabia
 De onde viera. Tinha fome o bicho,
 E, como lh'a matassem
 E lhe dessem um nicho
 Onde nem sol nem chuva o incommodassem
 Foi-se ficando o maganão tranquillo
 Naquelle doce asylo.

Deram-lhe o nome feio
 De *Vagabundo*, e o mesmo nome, creio
 (Digo-o em seu desabono)
 Lhe havia dado o primitivo dono,
 Porque, á primeira vez que foi assim chamado,
 Correu logo apressado.

Jámais n'um cão fraldeiro
 Esse nome assentou com tanta propriedade ;
Vagabundo, melhor do que o melhor carteiro,
 Conhecia a cidade
 Do Rio de Janeiro.

Ultimamente, ha dias, quando a nossa
 Municipalidade
 A guerra declarou de morte aos cães vadios,
 Mathias e a mulher tiveram calefrios
 Por causa da patibular carroça
 Que o bairro percorria
 Engaiolando os cães, para matal-os.
 Incessantes abalos
 No piedoso casal o carro produzia.
 Que querem ? não havia
 Dinheiro para o imposto
 Que podia evitar-lhes o desgosto
 De verem *Vagabundo* engaiolado...

Um dia

A carroça fatal passou de cães repleta,
 E a mulher do Mathias inquieta,
 Debalde procurou por *Vagabundo* :
 Não estava em casa, andava a correr mundo
 — Quem sabe se toi preso e vai ali? — murmura
 E, fazendo tão triste conjectura,
 Viu a carroça... e *Vagabundo* dentro !

A mulher desespera !
 Em minucias não entro,
 Que é difficil pintar-vos a sincera
 Dor que della se apossa
 Ao ver o cão querido na carroça,
 Que lembra uma carreta
 No tempo da infeliz Maria Antonietta.

Mas, eis que o velhó cão sahe de baixo da mesa
Agitando a sorrir a cauda teza,
Como se tudo houvera comprehendido ;
Parecendo dizer: — Cá estou, não tenha medo,
Eu me havia escondido
Apenas por brinquedo.

Não era *Vagabundo*, o cão engaiolado.
Porém outro com elle parecido,
Que o não ser cão de raça
Tem este inconveniente
De se não distinguir de qualquer cão que passa.

A senhora ficou muito contente,
Para outro susto não soffrer, coitada,
Foi buscar onde estava bem guardada
Uma velha pulseira,
Joia numero um, do tempo de solteira,
E empenhal-a mandou no Monte do Soccorro,
Para pagar o imposto do cachorro.

SEM BOTAS

Em tudo acreditava
O Lopes, bom rapaz, rapaz simplorio,
Que dos seus companheiros de escriptorio,
No velho Banco onde os pirões ganhava,
Era o divertimento, era o « pratinho » ;
Não lhe pregavam peta, coitadinho !
Que lhe não parecesse uma verdade.

Mas, apesar de tanta ingenuidade,
Pezava-lhe a amargura
De não ter tido nunca uma aventura
Amorosa ; lembrava-se com pena
De que não fôra nunca heróe de um drama
Nem mesmo de uma scena,
Em que entrasse uma dama
Por elle apaixonada,
Ou solteira, ou casada.

Mas uma noite o acaso, emfim, num bonde
Que elle tomára a esmo,
Por fugir ao calor, sem saber onde
Iria ter, nem mesmo
Que tempo no passeio gastaria,
Deparou-lhe a aventura cobiçada :

Linda mulher, ao lado seu sentada,
 Olhares tão sensuaes lhe dirigia,
 E com tanta insistencia,
 Que elle, apesar da sua inexperiencia,
 Pois que jámais se vira em taes assados,
 Foi dos mais atirados,
 E fez, com o cotovello e com o joelho,
 Trabalho digno de um « bolina » velho.

A passageira bella
 Saltou do bonde, e o Lopes, promptamente,
 Tambem saltou (pudéra !) e foi traz della,
 Sem saber em que bairro se encontrava,
 Nem que rua era aquella,
 Onde além delles, nem um cão passava,
 — Rua deserta, silenciosa, escura,
 Propicia a uma aventura.

Antes que o Lopes qualquer coisa diga,
 Ella volta-se, e fala : — Por piedade
 Os passos meus não siga,
 Si não deseja a minha inf'licidade !
 Hoje, só hoje, desacompanhada
 Fui a sahir forçada
 Por um negocio urgente.
 Meu marido é doente,
 E ha tres dias estamos sem criada.
 Fez-me o senhor uma impressão profunda,
 Por parecer-se com alguém que o somno
 Eterno dorme n'uma cova funda :

Foi o primeiro dono
 Do meu amor de virgem... Acredite :
 Não posso crer que um morto resuscite,
 Mas, ao ver essa cara,
 Suppuz que o meu Gabriel resuscitára !
 Adeus, senhor ! não tente
 Tornar a ver-me ! Esqueça-me ! E' prudente !
 — Mas eu... — De conta faça
 Que uma visão eu sou... visão que passa...

E esgueirava-se a dama. O namorado
 Que se havia deixado
 Ficar mudo, enlevado
 No som daquella voz, notas estranhas,
 Mysterosa musica divina
 Que lhe invadia o amago e as estranhas,
 Tomou-lhe a mão papuda e pequenina,
 Dizendo-lhe : — Senhora,
 Não se afaste de mim, não vá se embora,
 Sem me deixar ao menos a esperança
 De que algum dia tornarei a vê-la !
 Não queira que num céo todo bonança
 Brilhe, e logo se apague a minha estrella !
 — Não! deixe-me partir ! — Oh, não! não parta!
 — Pois sim... pois bem... escrevo-lhe uma carta...
 Dê-me o seu nome e a sua *adresse* — Prompto !
 Meu cartão aqui tem.

E o Lopes, tonto,
 Qual si bebera capitoso vinho,

Ficou ali parado,
Emquanto ella seguia o seu caminho
E entrava num sobrado.
A carta não tardou. Dizia a bella
Que jámais faltaria
Ao seu dever por uma phantasia;
Que o pobre Lopes se esquecesse della;
Si, entretanto, quizesse
Mandar-lhe uma resposta, que o fizesse
Para a posta-restante.

Foi a correspondencia por diante,
E, á terceira missiva,
Já se mostrava a dama compassiva,
Promettendo que, logo que pudesse,
Uma entrevista ao Lopes marcaria.
E cumpriu a promessa um bello dia :
« Não posso mais ! Si és homem que se afoite,
Pódes vir sexta-feira, á meia-noite.
Fica á porta da rua
Uma criada á tua
Espera. Meu marido
Aqui estará, porém... adormecido.
Vê a quanto me exponho
Para tornar verdade um bello sonho ! »

Achou o Lopes no posto a medianeira,
Uma velha mulata. Esta lhe disse,
Guardando, agradecida, algumas notas,
Que a escada não subisse

Sem descalçar primeiramente as botas,
 Que tinham « ringideira ».
 Elle subiu ridiculo, em palmilhas,
 E co'um dedo enfiado nas presilhas
 Das duas botas penduradas. Ella,
 Que o vira da janella,
 Foi no topo da escada recebê-lo,
 Suggestivo o *peignoir*, solto o cabello,
 Elle quiz abraçar-a ;
 Ella, porém, fez — *Pscio!* — e, cautelosa,
 Tomando-o pela mão fria e nervosa,
 Pé ante pé levou-o para a sala,
 Dizendo-lhe baixinho ;
 — Muito devagarinho...

Elle pôde acordar... — Na sala escura
 Teve ignobil desfecho essa aventura...

— Mas teu marido? Tu não tens receio...
 — Ai! se soubesses... Eu narcotisei-o!...
 Olha... Não o ouves resonar? — O moço
 Nada ouvia, mas respondeu... Sim... ouço...

Succederam-se novas entrevistas,

Sempre co'as mesmas precauções já vistas.
 Logo á segunda, o Lopes foi sangrado
 Em quinhentos mil réis, não para ella,
 Que nada lhe faltava, Deus louvado,
 Mas para a tal mulata, sentinella,
 Que tinha precisão dessa quantia.

Dito dias depois, nova sangria;
 Outra, mais outra, e muitas, — finalmente
 Nunca se viu mulher mais exigente !

Elle mandava ao diabo a sua estrella!
 Amante cara ! E não podia vel-a
 Senão á meia luz, e receioso,
 De despertar o esposo!
 Que idade ella teria
 Elle ignorava, e desprezal-a qu'ria ;
 Porém era dos taes que não reagem
 Por falta de coragem.

Os collegas do Banço
 Perceberam que o Lopes occultava
 Alguma coisa que o mortificava.
 Perguntaram-lhe o que era, e elle foi franco :
 — Imaginem, rapazes,
 Que n'uma noite em que eu esparecia
 N'um bonde da Alegria,
 Uns olhos vi, capazes
 De um morto erguer da sepultura fria!
 Noite de amor nefasta!
Ella saltou na rua^{**}. — Basta ! basta !
 (Um dos rapazes disse)
 Que grande patetice!
 Já sei de quem se trata
 E da celebre *typa* da mulata,
 Uma velha *cocotte* aposentada,
 Que finge ser casada,

E acha que toda a gente é parecida
Co'um tal defunto de quem foi querida!
Aos amantes faz crer que narcotisa
Um marido phantastico ! Arthemisa
Diz que se chama e chama-se Thereza! —
Pasmado estava o Lopes. — Com certeza
(Accrescentou o amigo, entre chacotas),
Para subir a escada,
Foste obrigado a descalçar as botas...
— Sabes de tudo ! não ignoras nada !
— Si eu faço parte dos tres mil idiotas
Que entraram lá sem botas!

Cara foi a lição, completa a cura,
Pois o Lopes não teve outra aventura.

O PHANTASMA BRANCO

I

Não havia no mundo senhorita
Mais romanesca do que Philomena,
Das tres filhas do Arruda a mais bonita.

O honrado pae dizia-lhe : — Pequena,
Si este systema de viver não mudas,
Tu para tia has de ficar, e é pena !

Graças a Deus, porém, são mais sisudas
Tuas irmãs ; não leem livros francezes :
Perpetuarão a raça dos Arrudas !

E, de facto, passados poucos mezes,
O velho pae casou as outras duas,
E em dois annos avô foi quatro vezes !

— Que intenções, Philomena, são as tuas ?
Julgas tu, minha filha, que os maridos
Andam a tres por dois por essas ruas? —

Assim falava o velho entre gemidos,
Vendo que a moça, fria e desdenhosa,
Recusava magnificos partidos.

Em todo o pretendente achava prosa,
Prosa vil, prosa chata ; nenhum era
O noivo ideal que ella sonhava anciosa.

E, assim, correndo atraz de uma chimera,
A formosa romantica da vida
Passava a fugitiva primavera.

Sempre de uma alva tunica vestida,
Solto o cabello que lhe aos pés chegava,
E em longa scisma hysterica perdida,

Si, ao luar, no jardim, noctivagava,
Si se sentava extatica num banco,
Uma visão phantastica lembrava.

Certo gaiato irreverente e franco,
Que em toda a gente honrada nomes punha,
Um dia lhe chamou *Phantasma branco*,
E pegou essa alcunha.

II

Desesperava Arruda, a toda a hora,
De ver um dia a moça emfim casada,
Principalmente agora
Que era a um phantasma branco equiparada,
Quando em noite de luar foi despertado
Pela voz de um tenor desoccupado,

Que, por baixo do quarto da donzella,
Cantava, acompanhado
Por um choroso violão. Arruda,
De face carrancuda,
Espreitou com cautela
Philomena, á janella,
No peitoril fincado o cotovello,
A cabeça apoiada
Na mão, solto o cabello,
E do clarão da lua illuminada,
Escutava este canto,
Que lhe causava singular encanto :

« Dos bellos olhos afasta
Do somno agora o torpor,
E vem ver, donzella casta,
O teu Messias de amor !

Si, reservado, até hoje
Teu coração não falou,
Vê se um suspiro lhe foge...
Aqui me tens, aqui estou !

O trovador do teu sonho,
O noivo do sonho teu,
Soltando um canto tristonho,
Eil-o, meu anjo, sou eu !

Tu dir-me-ás : — Não te conheço !
Vae-te embora, trovador ! —
Mas ha muito que padeço,
Que morro por ti de amor !

Sou pobre, sou muito pobre ;
 Não tenho nada, meu bem ;
 Mas o manto que me cobre
 Ha de cobrir-te tambem.

E' o meu sonho mais sonhado,
 Donzella casta e louçã,
 Ser hoje teu namorado,
 Ser teu esposo amanhã. »

Calou-se o trovador. Silenciosa
 Estava a noite amena ;
 Só se ouvia, amorosa,
 Soluçar Philomena.

O namorado perguntou-lhe... em prosa :
 — Tu não respondes?... que silencio é esse ?...
 Porém, antes que a moça respondesse,
 Gritou o Arruda velho : — Vae-te embora,
 Grandissimo patife,
 Si não queres que eu saia lá p'ra fóra,
 E co'um cacete os ossos te espatife ! —

Como que por magia,
 Do trovador sumiu-se a sombra esguia,
 De chapéo desabado,
 Capa traçada, violão ao lado.
 Como que por magia, Philomena
 A janella fechou. — Aquella scena
 Continuou no quarto da donzella,
 Onde o zangado pae ralhou com ella.

Mas a moça fez frente

A' colera paterna, e, formalmente,
Lhe declarou que aquelle suspiroso

Menestrel medievo,

Que parecia de Amadis coevo,

Era o seu ideal mysterioso,

E daquella guitarra apaixonada

O meigo som lhe parecera um hymno.

— Qual guitarra qual nada!

Era um reles violão! Mas eu ensino

A'quelle capadocio, si se atreve

Outra vez...—Mas, meu pae...—Que o diabo o leve!

Aquillo é sujeitinho sem officio!

'Stás aqui, 'stás no Hospicio! —

III

Tinha Arruda uma loja de calçado.

Foi no dia seguinte procurado,

Logo depois do almoço,

Na loja, por um moço

Que lhe falou assim: — Brito me chamo ;

Sou muito rico. Eu sua filha amo ;

Ser seu esposo é meu desejo ardente.

Sei que ella é romanesca, e certamente

Não quererá marido

Como eu, com toda a gente parecido.

De um ardil lancéi mão, e agora espero

Que o senhor me perdoe, sou sincero.

O homem do violão, o namorado,
 Num capote embuçado,
 Que esta noite cantou pifias quadrinhas
 Que aliás não são minhas,
 Era eu! — O senhor? — Eu, em pessoa!
 — Então aquillo era fingido? E' boa!
 — Outro meio não ha de conquistal-a...
 — Pois, meu caro, arriscou-se a uma bengala!
 — E' por isso que venho prevenil-o,
 Pois pretendo tranquillo
 Levar por deante o plano astucioso.
 O trovador ha de voltar; furioso,
 O senhor fica... — Ficarei, descanse.
 — Haverá tudo como num romance:
 Prisão... correspondencia interceptada...
 Paterna maldição... lagrimas... pranto...
 Sua filha por mim será raptada,
 E em casa honesta ficará, emquanto
 Não se fizer o nosso casamento.
 Mal se realize este acontecimento,
 Iremos, eu e ella,
 Morar numa casinha muito pobre,
 Das de porta e janella,
 Onde tudo nos falte e nada sóbre,
 A não serem miserias e arrelias.
 Affianço-lhe que ao cabo de alguns dias
 Ella estará curada
 e tanto romantismo. — Isso me agrada,
 O velho respondeu, porque duvido
 Que de outra fórma encontre um bom marido.

IV

Tudo se fez conforme o plano. A bella,
Depois de presa e de maldiçoada,
Sahiu de casa e foi depositada,
Até que o Brito se casou com ella.
Vieram, logo depois, dias de fome,
E o menestrel dizia
Que quem ama não come:
Vive de amor e vive de poesia.
Philomena já estava resolvida
A procurar de novo o lar paterno,
Quando o marido, carinhoso e terno,
Lhe disse : — Meu amor, foste illudida...
Agora, que o romance te abandona,
Saberás que sou rico e tu és dona
De um palacete onde não falta nada ! —
E revelou-lhe toda a farçalhada,
Do'a participação do pae furioso.
— Que tolice ! por que não foste franco?
— Oh ! si o fosse, o marido venturoso
Jamais seria do *Phantasma branco!*

NHÔ-NHÔ

Outro *dandy* não ha como o Brochado ;
Na rua do Ouvidor é o rei da meda ;
Em toda a parte é sempre mencionado,
Elogiado é sempre em qualquer roda.
O melhor alfaiate o veste, e creio

Que de graça o faria :

E' o seu melhor annuncio, o melhor meio,

Os melhores engodos

Para attrahir a boa freguezia

Dos muitos moços, cada qual picado

Por negra inveja, que pretendem todos

Imitar a elegancia do Brochado.

Não tem outro o seu faro

Para a gravata descobrir da seda

De padrão mais inedito ou mais raro ;

Não ha quem o exceda

Na escolha das bengalas,

Nem na dos alfinetes

Que nas gravatas fulgidas espeta,

Provocando, nas ruas e nas salas,

A's senhoritas e aos pintalegretes,

Uma surpresa múrmura e discreta.

Quando o Brochado põe um chapéo novo,
 E vae mostral-o ao povo,
 Parando á porta da confeitaria
 Onde, das tres ás cinco, todo o dia
 Ha seis annos é visto si não chove,
 Produz o factio sensação ; promove
 Um movimento de attenção tamanho,
 Que attrae de curiosos um rebanho
 E de basbaques um corrilho ajunta!
 E muito rapazola embasbacado
 A quanto topa faz esta pergunta:
 — Já visto o chapéu novo do Brochado ? —

E tudo quanto elle usa
 As mesmas parvas attensões desperta:
 O sapato, que abusa
 Do bico estreito e o polegar aperta;
 O collarinho reluzente, o punho,
 As *chatelaines*, os anneis, e aquelle
 Insolente monoculo, que um cunho
 Lhe dá de quem suppõe que o mundo é delle.

Accresce que o Brochado
 E'um bonito rapaz, que dos quarenta
 A passo agigantado
 Para a casa caminha, embora mintã,
 Pois a todos sustenta
 Não chegar á dos trinta;
 Moreno, alto, aprumado,
 O olhar avelludado,

Negro e farto bigode

Que um nickel de tostão esconder pôde ;
 Bellos dentes e labios nacarados
 Que (dizem, não affirmo) são pintados.

Mas é um mysterio a vida planetaria
 Desse elegante, que se não emprega
 Sinão naquella exhibição diaria
 Que em seu redor tantos patáos congrega
 Na rua do Ouvidor e em toda a parte
 Onde haja riso e pandega que farte,
 E as duras penas de trabalho afogue.
 Elle não é nenhum capitalista,
 E não consta que herdasse nem que jogue,
 Como, pois, explicar que assim resista
 A uma vida tão cara e tão vadia?

E toda a gente ignora
 A sua moradia;

Nunca disse a ningnem onde é que mora,
 Nem ninguem nunca o visitou!

No emtanto,

Leitor amigo, vamos, se quizeres,

Lá do Saco do Alferes

Ao feio bairro, que desprezas tanto,
 Procuremos num morro uma casinha

Onde duas mulheres

Cada qual mais mirrada e mais mesquinha,
 Noite e dia trabalham, cosinhando,
 Engommando, lavando, costurando,

Para pagar o luxo do Brochado.
São irmãs delle. Adoram-no. Contentes,
 Não maldizem o fado:
Vivem ambas felizes, sorridentes,
Por verem satisfeito o tal peralta
Por quem se sacrificam e a quem amam!
A ellas, coitadinhas, tudo falta,
Mas nada falte ao seu irmão querido,
Ao seu lindo *Nhó-nhó*, que assim lhe chamam.

Quinquagenarias ambas, afagadas
Nem sempre são pelo patife; ás vezes,
Quando as pagas demoram os íreguezes,
Pelo irmão com injurias maltratadas
Choram, mas tudo, tudo lhe perdoam:
Lagrimas seccam e palavras vôam.

Um idéa sómente as mortifica:
Si ellas morrem, sósinho o *Nhó-nhó* fica...
 Não aguenta o repuxo...

Mas o Brochado diz-lhes, convencido:
— Nem eu trabalho, nem dispenso o luxo;
Si morrerem vocês, eu me suicido! --

POR UM FIO !

Conto-Monologo *

E's casado tambem ?... tua esposa é ciumenta
E tem — para empregar uma expressão usada —
Cabellino na venta ?

Pois vou dar-te um conselho e não te peço nada :
Evita entrar no bonde. Acaso necessitas
De ir á Copacabana ? à Fabrica das Chitas ?
A' Villa-Guarany ?

A' Muda da Fijuca ? ao Rocha ? a Catumby ?
Toma um carro de praça ! E, se não tens dinheiro
Que affronte a proverbial ganancia do cocheiro,
Enche-te de valor e vae *pedes calcantes*.

Assim se andava d'antes
Por toda esta cidade,

E havia mais saude e mais actividade.

Mas, se evitar não podes
O bonde, e um negro fado exige que tu rodes

* Se o leitor algum merecimento encontrar neste conto, não será, certamente, pelo assumpto, que nada vale. Entretanto, accusaram-me de o haver furtado. Escreviesses versos a pedido do distincto actor Mattos, aproveitando um facto contado por elle como succedido a um amigo. E' possivel que exista outro conto, monologo ou coisa que o valha, com o mesmo assumpto, mas nunca o vi nem o ouvi. — A. A.

Dentro desse vehiculo

Que um pobre diabo expõe a parecer ridiculo,
 Nunca o banco da frente escolhas ! Eu te digo
 O caso excepcional que se passou commigo...
 Ah ! ia-me esquecendo : eu abro uma excepção
 Para o electrico... oh, sim ! porque essa conducção
 Dispensa o burro... O burro !... Ainda o sangue
[me ferve !
 Ainda não estou em mim !... — Mas vamos ao
[que serve :

Eu sou casado e nunca atraíçoei Biloca
 (Minha mulher assim se chama) : não provoca
 Os meus desejos nem mesmo a Venus de Milo !
 Se eu a visse passar, ficaria tranquillo,
 Não lhe offereceria o braço ! Que mulheres
 Me fariam fugir aos conjugaes deveres ?

Um dia, ali, na Lapa,

Eu fiz como José : deixei ficar a capa !
 Por signal, que a perdi... Que boa capa aquella !...
 Vi, tres dias depois, o Putiphar com ella,
 E assentava-lhe bem ! — Mas imaginem que hontem
 (Esta desgraça a toda a humanidade contem !),
 Como houvesse luar e a noite convidasse,
 Quiz um bonde tomar que longe me levasse
 Das vendas, dos cafés, dos chopps e dos kiosques,
 Para a brisa aspirar balsamica dos bosques.
 Fui á Gavea. Um passeio esplendido, bem sabem ;
 Mas, se passeios ha que nunca mais acabem,
 Esse é um delles. A' volta, adormeci no bonde.

Acordei de repente, e, para saber onde
 Me achava, olhei ao longe e vi o mar, e logo
 Pensei commigo: — Bom! já estou em Botafogo. —
 Adormeci de novo, e quatro sacalões
 Fizeram-me acordar... no largo dos Leões!

Sim, senhor, foi bem boa:

O que me parecera o mar, era a lagôa
 De Rodrigo de Freitas!

O marido que eu sou — um marido ás direitas —
 Na alcova conjugal entrou ás onze e meia!
 Agora vejam lá qual foi a minha ceia:
 Minha mulher, de pé, as faces incendidas,
 Nos olhos o signal das lagrimas vertidas,
 Quer saber de onde e como aquellas horas venho
 E me accusa, a gritar, de culpas que não tenho
 — Onde esteve o senhor mettido até esta hora? —
 — Biloca, ouve, meu bem: a causa da demora... —
 — Não diga, que não creio! — O' Biloquinha,

[ao meno

Não grites, para não despertar os pequenos! —
 Emfim, passo por alto os longos pormenores
 Do conflicto, — eu vestido, ella em trajes menores
 Eu calmo, ella furiosa, e, n'um ciume absurdo
 Um barulho a fazer de ensurdecer um surdo!
 A's' cinco da manhã dormiamos serenos,
 Biloca, eu e os pequenos.

Mulher que por ciumenta o marido não poupa,
 Tem o habito máo de examinar-lhe a roupa,

Esperando encontrar um corpo de delicto
 Que o confunda, que o ponha attonito, contricto.
 — Biloca despertou-me aos berros ! Tinha achado

Um cabello agarrado

A' gola do meu frac ! Era um cabello louro,
 Um cabello gentil, mixto de seda e ouro.

Parecia, por Deus, cabello de senhora

Que viesse de fóra,

Ingleza ou allemã ! — era um fio comprido :

Tinha seguramente um metro bem medido !

Um minuto depois de reflectir profunda

E socegradamente (O céo que me confunda

Se a verdade não digo !) achei que o tal cabello

— Não cabello, mas pello —

Da cabeça não foi de uma mulher bonita,

Mas da cauda de um burro !

E Biloca inda grita !

Dá-lhe o mundo rasão... e vão lá convencel-o

Que é pello e não cabello !

Toda a minha ventura eu trago por um fio !

Biloca diz que vae para casa do tio

(Já não tem pae nem mãe) e quer judicialmente

Separar-se de mim !... Ai, o banco da frente !...

Mais uma vez repito o meu conselho : evita

Andar de bonde, e quando acaso, por desdita,

Não puderes fazer outra coisa, não vás

Para o banco da frente e sim para o de traz.

DESEJO DE SER MÃE

I

A minha escura e rancorosa estrella
Levou-me um dia, para meu tormento,
A certo baile do Cassino. Vel-a
E adoral-a foi obra de um momento.

Achei, depois, um optimo pretexto
Para o paterno humbral transpôr um dia ;
Mas o pae da pequena — um velho honesto —
Manifestou-me pouca sympathia.

Pois á terceira vez em que, apressado,
Lhe galguei as escadas infinitas,
Mandou dizer que estava incommodado
E não podia receber visitas.

Vendo que assim me era negada a porta,
Surgiu a minha bella n'um postigo,
E docemente murmurou : — Que importa ?
Amo-te muito, e hei de casar contigo ! —

D'ahi por diante o nosso amor vingou-se
Em numerosos e arriscados lances,

E a fantasia prodiga nos trouxe
Materia para innumerados romances.

Ouvindo-lhe as promessas mais ardentes,
Eu viajava por ignotos mundos
Durante as entrevistas innocentes
Que ella me dava no portão dos fundos.

Os passarinhos, nessas entrevistas,
Bregueiros, saltitantes, indiscretos,
Repetiam, sonisonos coristas,
O estribilho gentil dos nossos duetos.]

II

Porém um dia um molecote, astuto
Mensajeiro das nossas garatujas,
Os passarinhos transformou — que bruto ! —
N'uma alcateia de horridas corujas !

Deixou que o velho e honrado pae, sentindo
De occulta carta accusador perfume,
Interceptasse este bilhete lindo :
« Hoje, no sitio e ás horas do costume. »

Houve-pudéra ! — enorme barafunda !
A moça teve uns oito faniquitos,
O moleque apanhou tremenda tunda,
E ambos soltaram pavorosos gritos.

Vieram visinhos, medicos, urbanos...!
Encheu a casa estranho borbórinho!
O moleque infeliz foi posto em panmos
De agua e sal por benevolo visinho.

A minha namorada, semi-nua,
Rolava aos uivos pelo chão da sala;
A entremettida commissão da rua
Não tinha forças para segural-a!

O velho, irado, pallido, fremente.
Expectorava a maldição paterna,
Emquanto a filha, inconscientemente,
Mostrava a todos uma e outra perna!

III

Quando soube de caso tão nefasto,
Tive um abalo que exprimir não posso!
O meu affecto era um affecto casto...
Notem que digo « o meu », não digo « o nosso ».

Ella, os meus sonhos, ella, o meu fadario,
Para o resgate da paterna bençãam
Outro noivo aceitou. Do commentario
Dispensam-me os leitores, — não dispensam?

Demais a mais a coisa é corriqueira,
Pois muitas vezes apparece ao anno
O typo da donzella brasileira
Que ama Fulano e casa com Beltrano...

O noivo era hediondo... Eu sou suspeito,
E receio, confesso, que os leitores
Imagine que falo por despeito
Do odioso ladrão dos meus amores.

Embora ! — o noivo era hediondo e tolo ;
Gastronomo, pansudo e já grisalho,
Não valia (e foi esse o meu consolo)
Quanto eu valia e mesmo quanto valho.

Tinha dinheiro, muito bom dinheiro ;
Casas no campo, casas na cidade ;
Mas o rifão lá diz — e é verdadeiro —
Que o dinheiro não faz a f'licidade.

Eu não trocára por um palacete
A leda estancia aberta á luz do dia,
O risonho e garrido gabinete
Onde os meus versos lyricos fazia !

Não dava pela rutila commenda,
Que o indigno rival trazia ao peito,
A flôr que um dia — melindrosa prenda ! —
No frak ella me poz com tanto geito !

IV

O casamento fez-se quatro mezes
Depois da horrenda scena já descripta.
Festas assim succedem poucas vezes !
Nunca vi uma boda tão bonita !

Ricos tecidos, preciosas rendas,
 Custosas sedas e fardões bordados,
 E joias, e arrebiques, e commendas !...
 Não cabiam na igreja os convidados !

Para a mim proprio dar um grande exemplo,
 Contive n'alma a exaltação do pranto,
 Furtivamente penetrei no templo,
 E ás cerimonias assisti, de um canto.

A noiva tinha a pallidez da cêra ;
 Brilhavam pouco os olhos seus profundos ;
 Mas tão formosa não me parecera
 Nas entrevistas do portão dos fundos.

V

Quando as vozes ouvi do orgam, plangentes,
 Que coragem, meu Deus ! me foi precisa !
 Lagrimas puras, lagrimas ardentes
 Rolavam-me no peito da camisa !

Ella tambem chorava. Uma cascata
 Lhe borbotava sobre a face bella...
 Ai ! com toda a certeza aquella ingrata
 Pensava em mim como eu pensava nella.

Sahiram todos. Fiquei só na igreja,
 E de joelhos me puz, cobrindo o rosto,
 Cheio de ciumes, livido de inveja,
 E embrutecido pelo meu desgosto.

Não resava : sonhava, e em sonhos via
A minha pobre namorada morta...
Só dei por mim quando da sacristia
Gritaram : — Saia ! váe fechar-se a porta ! —

Passado um anno, vi-a em Botafogo,
N'um baile, em casa do barão *** seus olhos
Negros, brilhantes, dardejavam fogo,
E promessas faziam sem refolhos.

Tinha nos labios um sorriso franco,
Tão diverso daquelle de menina,
E o collo, arfando, entumecido, branco,
Estremecia como gelatina.

Sorriu ao ver-me ; eu não sorri ; curvado,
Tive apenas um gesto de cabeça ;
Ella, porém, correu para o meu lado,
Inconsequente, gárrula, travessa.

— O seu braço ? me disse. Dei-lhe o braço,
E começámos a passear nas salas.
Eu dizia commigo a cada passo :
— Não ha que ver : estou mettido em talas !

Ali mesmo jurou que ainda me amava
Como sempre me amára : ardentemente ;

Que en tinha nella uma senhora escrava,
Terna, submissa, amante e reverente !

Tentei ser forte... Um santo que resista
Aquelles olhos negros e profundos !...
E... não faltei á calida entrevista
Que ella me deu... não no portão dos fundos.

Duas vezes, tres vezes por semana,
Eu, venturoso, achava-me ao seu lado !
Oh ! se eu tivesse a musa ovidiana,
Cantára o nosso indomito peccado !

VII

Mas tudo acaba ! — percebi que o tédio
Seu pervertido espirito invadira...
Saudoso, vi perdido, e sem remedio,
O seu amor, estúpida mentira.

Alguem o meu logar tomou ; depressa
Outro, e mais outro... E tarda o derradeiro !
Do vicio á velha machina não cessa...
Já lá se vae o decimo primeiro !

E cada vez mais bella entre as mais bellas
A minha pobre namorada estava !
Era um anjo... sem azas, mas, sem ellas,
De coração em coração voava !

VIII

Tres mezes antes de morrer-lhe o esposo,
Poís que ella enviuvou, á desgraçada
Foi mãe. Tanto bastou — caso curioso ! —
Para que o mundo a visse transformada :

Nunca mais teve amantes ! Entretanto,
Mais bella estava do que nunca o fôra !
A toda a gente o facto fez espanto...
Se era viuva, rica e tentadora !

Mas não ! vivia apenas para o filho,
Filho suspeito de um papá incerto.
Da virtude afinal entrou no trilho,
E agora presumia-se a coberto

De qualquer tentação. Mais de um sujeito
A mão de esposo lhe off'receu, a ella
Co'um sorriso magoado e contrafeito,
Respondia que não, formosa e bella.

No filho a sua vida se cifrava...
Ella mesma o banhava, ella o vestia,
E só chorava se o bêbê chorava,
E só sorria se o bêbê sorria !

IX

Um dia encontro-a só e lhe pergunto
Como se explica tal metamorphose.
Se é o respeito á memoria de defunto
Que faz com que o gozado ja não goze

Respondeu-me que não ; que fez loucuras
Pelo desejo de ser mãe ! Jurava
Que nas suas galantes aventuras
Buscava um filho, nada mais buscava .

E nos seus labios humidos diviso,
Como uma sombra de abysmados mundos,
Aquelle mesmo angelico sorriso
Das entrevistas do portão dos fundos.

NOTA FINAL

Esta historia, leitor, é puro invento.
Eu não quero, por Deus ! ficar mal visto !
N'um dia em que me achei mais pachorrento,
Não tendo nada que fazer, fiz isto.

Essa mulher nunca viveu, nem vive
Nunca viajei por ignorados mundos ;
Nunca tive aventuras : nunca tive
Taes entrevistas no portão dos fundos.

BEM FEITO !

A mulher do Vilella

Não era uma Penelope ; os vizinhos
Viam de vez em quando em casa della
Entrar um moço de altos collarinhos,
Polainas e cartola. Não seria
Caso para estranhar, e aquella gente
A' lingua não daria,
Si não escolhesse o moço justamente,
Para as suas visitas,
As horas infinitas
Em que o dono da casa estava ausente.

Defronte, um cidadão austero e grave,
Marido e pae de umas senhoras feias,
Que, zeloso, ao sahir, fechava á chave,
Sentia o sangue lhe ferver nas veias
Sempre que via aquelle sujeitinho,
Desrespeitando a vizinhança honrada,
Em casa entrar do credulo vizinho.
Por isso, resolveu — coisa impensada ! —
Dizer tudo ao marido,
Que não era, aliás, seu conhecido,

E ter com elle foi, um bello dia,
 Lá na secretaria
 Onde o pobre diabo era empregado.

— Falo ao senhor Vilella? — A um seu creado. —
 — Pois, meu caro senhor, fique sciente
 De estar aqui presente
 Joaquim Belmonte, funcionario honrado,
 Ha muito aposentado,
 Pae de familia honesta,
 Respeitavel, pacifica, modesta. —
 Vilella respondeu : — Senhor Belmonte,

De vista já o conheço desde o dia
 Em que um predio aluguei mesmo defronte
 De vossa senhoria.

Eu tenho a honra de ser seu visinho. —
 — Bem sei, e é justamente

O que me traz. — Parece que adivinho :
 Commigo aqui ter veiu,
 Muito provavelmente,

Para commigo combinar o meio
 De fazer com que a nossa
 Municipalidade,

Que tão pouco se occupa da cidade,
 E que ás reclamações faz vista grossa,
 Mande limpar aquella immunda valla
 Da nossa rua, que nos contraria

Pelo cheiro que exhala
 E ha de ser causa de uma epidemia... --

— Nao, não venho tratar da valla ; eu venho
 Tratar de coisa muito mais nociva,
 E por cuja extincção muito me empenho,
 E hei de empenhar-me creia, emquanto viva,
 A coisa não depende
 Da Mun'cipalidade,
 Mas do senhor, — entende ?
 — Para falar verdade,
 Não entendo, — Meu caro, eu poderia
 Escrever-lhe uma carta,
 Que não assignaria ;
 Mas sou digno de haver nascido em Esparta :
 Acho as cartas anonymas infames,
 E uma infamia jámais commetteria,
 Embora me expuzesse a mil vexames. —

 Depois desse preambulo,
 O Vilella ficou pasmado e mudo ;
 Parecia um somnambulo.
 O outro continuou, grave e sisudo :
 — O senhor é casado,
 Ou, si o não é, parece, — pelo menos
 Vive na sua casa acompanhado
 De uma senhora e de mais dois pequenos. —
 — Mulher e filhos meus, disse o Vilella. —
 — Abra o olho com ella !
 Quando o senhor não está, vae visital-a
 Um janota, e, reflecta,
 Não é de cerimonia essa visita,
 Pois não lhe abrem a sala... —

Vilella deu um pulo
 Da cadeira em que estava, e ficou fulo
 Mas o velho puxou-o pelo casaco
 E obrigou-o a sentar-se,
 Dizendo-lhe : — Vá lá ! não seja fraco !
 Ouça o resto, e disfarce...
 Naquelle bairro inteiro
 O escandalo commentam,
 E o vendeiro, o açougueiro e o quitandeiro
 Mil horrores inventam,
 Dizendo que o senhor sabe de tudo,
 Mas faz de conta que de nada sabe !
 Eu não sou abelhudo,
 E outro papel no caso não me cabe
 A não ser a defeza do decoro
 De minhas filhas, que esse desaforo
 Profundamente offende.
 Não póde aquillo continuar, entende ?

Disse o Vilella emfim : — Velho maldito,
 Si tudo quanto para ahi tens dito
 Não fôr verdade, apanhas uma coça !
 Livrar-te destas mãos não ha quem possa ! —
 — Faça uma coisa, respondeu tranquillo
 O velho : quer saber si é certo aquillo ?
 Pois amanhã, quando sahir, não venha
 Para a repartição : em minha casa
 Entre, e lá se detenha.
 Fique certo de que não perde a vasa,

Escondido por traz da veneziana,
 Verá entrar o biltre que o engana,
 Está dito ? — Está dito ! — Lá o espero,
 Sou velho honrado. Convencel-o quero. —

Foi-se o Belmonte, e o misero marido
 Ficou estarrecido;
 Mas de tal modo disfarçou o estado
 Em que o deixára o velho estonteado,
 Que, entrando em casa á costumada hora,
 Não notou a senhora
 Nenhuma alteração, — e, no outro dia,
 Posto á janella do denunciante,
 Que, fechada, discreta parecia,
 Viu entrar o amante,
 Que elle não conhecia.

Correu Vilella á casa n'um rompante,
 Antes que o outro lhe embargasse os passos,
 Ou lhe puzesse os braços,
 E um barulho infernal se ouviu da rua
 Subitamente alvorotada, e cheia
 Dessa canalha vil que tumultua
 Quando vê novidade em casa alheia.

O corpo do janota pela escada
 Rolou como uma bola,
 E a luzente cartola
 Na rua, encapellada,
 Antes do dono appareceu. A vaia

Que elle apanhou foi tal, tão formidavel,
 Que, viva elle cem annos, é provavel
 Que da memoria nunca mais lhe saia.

Mas, oh, astucia de mulher, quem póde
 Sondar os teus arcanos,
 Medir os teus recursos?!
 Um Hercules não ha que não engode
 O ardil dos teus enganos
 Ou o mel dos teus discursos!

E o Vilella não era
 Precisamente um Hercules, coitado!
 A esposa, que elle amava, e por quem déra,
 Feliz, enthusiasmado,
 A vida, sí ella a vida lhe pedisse,
 A esposa... que lhe disse?
 Que o janota não era o seu amante,
 Mas o seu mestre de francez; queria
 Aprender essa lingua, que humilhante
 Era viver na roda em que vivia,
 Sem saber o francez... Elle, o marido,
 Já meio convencido,
 Lhe perguntou por que razão queria
 Aprender em segredo,
 E ella, pondo-lhe um dedo
 No labio inferior, poz-se a agital-o,
 Como si fosse um birimbáo, e disse
 — Eu queria fazer-te uma surpresa.

Passado o grande abalo,
O bom Vilella, sem que ninguém visse,
Poz-se na esquina á caça do Belmonte,
E — oh, que não sei de nojo como o conte! —
Deu-lhe uma tunda mestra, e derreado
Dois mezes o deixou. Foi coisa nova
Apanhar uma sova
Um grave funcionario aposentado.

Mas, passada tão longa penitencia,
Quando se ergueu do leito,
O velho interrogou a consciencia,
E a consciencia respondeu : — Bem feito!

NAO SEI

O tempo, que tudo some,
Não me apagou da lembrança
O dia em que á vez primeira
A passear te encontrei.
Perguntei qual o teu nome ;
Tu respondeste : — Não sei --
Mas não perdi a esperança,
E retorqui : — E'solteira ? --
Conservaste-te calada,
E eu calado não fiquei.
— Diga : é viuva ? é casada ? —
Tu respondeste : Não sei. —
— Por que vae tão apressada ?
Onde é que mora ? — Indaguei.
Alguma coisa me diga,
E, se não quer que eu a siga,
Não seja assim tão austera,
E não responda : — Não sei. —
Tomaste um bonde, e eu — pudéra ! —
O mesmo bonde tomei,
No banco em que te sentaste
Resoluto me sentei ;

Lōgo de mim te afastaste,
 E eu para ti me cheguei ;
 Do bonde, porém, saltaste,
 E eu, em seguida, saltei,
 E o caminho que tomaste
 Como a tua sombra tomei-
 As esquinas que dobraste
 Pacientemente dobrei ;
 Na confeitaria entraste,
 Na confeitaria entrei ;
 De novo á rua voltaste,
 De novo á rua voltei ;
 Caminhaste... caminhaste...!
 E eu caminhei... caminhei...

Mas, por minha desgraça,
 Passou junto de nós um tilbury de praça,
 E tu rapida, lepida,
 Mesmo com o carro a andar, saltaste nelle, intre-
 [pida !

O attonito cocheiro
 Quiz protestar ; mostraste-lhe dinheiro,
 Falaste-lhe baixinho,
 E o tilbury rodou vertiginosamente,
 Tirando fogo ás pedras do caminho,
 Em risco até de atropelar a gente !
 Naquella circumstancia,
 Recordei-me da infancia,
 Do tempo em que corria
 Como um gato com medo da agua fria,

E disse : — Pernas, para que vos quero ?

Corri com desespero !

Felizmente outro tilbury bemdito

De uma esquina surgiu. Tomei-o, afflicto,

Deitando os bofes pela bocca, e disse

Ao cocheiro que rapido seguisse ;

— Cocheiro, aquelle tilbury

Leva a mulher mais bella,

Casta visão archangela

Que nos meus sonhos vi !

Eu cem mil vezes pago-te

O preço da tabella,

Se apanhas o anjo celere

Que vae voando ali ! —

Por tua intervenção, o magico dinheiro

Póde ter azas o peor sendeiro !

Vencendo o espaço indomito, valente,

O meu carro rodou rapidamente,

E eu apanhei o tilbury ligeiro,

Dizendo aos meus botões : — Agora não me es-

[capas

Mulher que me puzeste a roupa branca em

[papas ! —

Tu foste á estrada de ferro ;

A'estação te acompanhei.

A locomotiva um berro

Raivoso estava soltando.

Não sei como, foste entrando,

E eu contigo não entrei :

Era preciso um bilhete !
Mais prompto do que um foguete
O tal bilhete comprei,
As pessoas repellindo
Que ao pé do postigo achei,
Descomposturas ouvindo
A's quaes attenção não dei.
Por causa dessa delonga,
Não mais teu vulto avistei ;
Dos vagons na cauda longa
Debalde te procurei.
Afinal, por f'licidade,
Num cantinho te encontrei
E um sorriso de bondade
Nos teus labios divisei,
Compensação generosa
Da massada que apanhei,
Promessa vaga e mimosa
Das delicias que sonhei...
Logar havia ao teu lado,
Ao teu lado me sentei,
Tão suado, tão cançado,
Que compaixão te causei.
— Em que suburbio reside ?
Arquejante perguntei.
— Responda, não se intimide...
Tu respondeste : Não sei —

— « Não sei ! » Sempre « não sei ! » Outra coisa
[responda,
E aos meus olhos os seus, o'bella, não esconda !

Onde é que mora ? Attenda á minha voz amiga !
São Diogo, São Francisco ou São Christovão !

[Diga :

Qual destes santos ? Hein ? Talvez Todos-os-San-

[tos !

Responda por quem é, sinhá dos meus encantos !

Vae ao Sampaio ? ao Rocha ? ao Cupertino ? Fale !

Da sua meiga voz a musica me embale !

A Sapopemba vae ? salta na Cascadura ?

Cala-se ? Que tortura !

Meu amor vae ficar no Meyer !... Acertei !

Respondeste : Não sei. —

Durante a nossa longa viagem,
Outra resposta não te arranquei !
— Vamos, bemsinho ! vamos ! coragem !
Alguma coisa diga ! — Não sei. —

Como deixasses que a mão fremente
Eu te apertasse, bem t'a apertei...
— Não sente nada ? Diga : não sente
Estes apertos de mão ? — Não sei. —

— Diga, meu anjo, minha alegria,
Se uma esperança ter poderei...
Deve este affecto ser pago um dia ?
— Não sei. — Não sabe ? Por que ? — Não sei. —

O trem deixámos. Sombrio atalho
Como tomasses, tambem tomei,

Quanta canceira ! quanto trabalho !
 Não está cansada, meu bem ? — Não sei. —

Depois de andarmos quasi uma hora,
 A que parasses eu te obriguei.
 — Que matta virgem ! Onde é que mora ?
 Não está cansada ? Diga ! — Não sei. —

— Pois descancemos. — Ella sentou-se
 Sobre umas folhas, e eu me sentei.
 — Que fresca aragem ! que aragem doce !
 Dá-me um beijinho... dá-me ? — Não sei. —

.

Depois de te possuir, outro vocabulo
 Dos labios arrancar-te em vão tentei :
 Sempre as mesmas, estupidas, monotonas,
 Aquellas duas syllabas — « Não sei » ! —

Lembrei-me então que tu (« horresco referens »)
 Eras idiota... e que eu... Oh, céos ! que horror !...
 Affastei-me de ti nervoso e pallido...
 Tive remorsos de meu triste amor !

Alguns mezes depois, passei num bonde
 Pela rua do Conde,
 E ti vi á janella de um sobrado
 De aspecto duvidoso.
 Fiquei muito intrigado
 E muito curioso.

Subi. Abriste a porta,
E logo me disseste : — Estava morta
Por vel-o, meu amigo,
E falar-lhe a respeito
aquella tarde que passou commigo.
— Pois mora num sobrado tão suspeito ?
— Eu já naquelle tempo aqui morava,
E era o que sou : uma mulher perdida
Que o seu corpo vendia a quem pagava.
Quiz passar uma tarde divertida...

Vendo-me perseguida,
Simulei ser uma senhora honesta...
Fugi... corri... fiz toda aquella festa !
Tilbury... trem de ferro... aquillo tudo
Pura comedia foi. 'Stou satisfeita,
Pois vi do que é capaz um cabeçudo
Que persegue na rua uma sujeita !

Mas eu formalisei-me então, e disse-te :
— Aos olhos teus por toleirão passei...
Vamos ? Dize ! Franqueza ! Fui ridiculo ?
Respondeste : — Não sei. —

ROGERIO BRITO

i

Tinha Rogerio uma ambição : ser celebre ;
Fazer bons versos, ter bonito estylo ;
Na bocca, finalmente, andar do publico.

Fez o que poude para conseguil-o.
Escreveu com ardor as *Nuvens pallidas*,
E publicou-as, de animo insoffrido,
Num bom volume de duzentas paginas ;
Mas o livro passou despercebido,
E nem as honras mereceu da critica.

Redigiu para a imprensa alguns artigos,
E ninguem deu por elles. Um periodico
Fundou, co'a protecção de dois amigos
E um calote pregado no typographo.
Vinte vezes sahiu a *Voz do Povo*,
Mas o povo foi surdo á voz do misero.

Poz-se á procura de horisonte novo :
Fez o *libretto* de uma opera-comica,

Mas não achou, depois de muita pena,
Maestro que a quizesse pôr em musica,
 Empreza que a quizesse pôr em scena.

Escreveu em seguida tres comedias
 E um drama... não me lembro em quantos actos...
 Uns cinco, seis ou sete... e tinha epilogo...
 Gastando em vão a sola dos sapatos,
 Debaldo cortejou tres empregarios :
 De palco em palco o pobre autor corrido,
 Metteu na pasta as producções dramaticas.

Minto : certo empregario que vencido
 Pelo cansaço foi, poz-lhe os *Dois bebedos*,
 Peça com que não se arriscava nada,
 A representação, primeira e ultima,
 Ficou por todo o sempre assignalada
 Por um *charivari* medonho e sério.
 Si a comedia tivesse mais um acto,
 Talvez nenhum actor ficasse incolume,
 Nenhum banco talvez ficasse intacto !

Dias depois, de certa folha publica
 No copioso e lido noticiario
 Dizia-se, a respeito dos *Dois bebedos*,
 Que um bebedo era o autor, o outro o empregario.

Mas a esperanza não deixou Rogerio,
 E elle, febril, sequioso de renome,
 Por diante fói ! Visou todos os generos

E em nenhum acertou. Morria á fome,
Si acaso não possuísse oitenta apolices,
E só contasse co'a litteratura
Para as ordens satisfazer do estomago.
Para a vida aguentar acerba e dura.

Escreveu com vagar alguns capitulos
De um romance chamado *Amor maldito*
Mas no meio estacou, e, com desanimo,
Destruiu tudo quanto havia escripto.

Os elementos reuniu, solícito,
Para um grande poema, uma obra primã,
Cujo assumpto seria a nossa Patria ;
Escolhendo por metro a oitava rima,
Quiz por modelo a fórma dos *Luziadas*;
Mas, falhando-lhe os versos e as idéas,
Nunca mais quiz saber de poemas épicos.

Seu nome em todas as polyanthéas
Appareceu, firmando artigos frivolos,
Cuja inserção quasi a chorar pedia.
Rogério Brito em toda a parte lia-se ;
Entretanto, ninguem o conhecia.
Nem uma citação, ligeira e rapida,
Faziam delle os outros literatos...
Ninguem lhe dava a minima importancia...
Publico inepto ! multidão de ingratos!...

II

Numa noite fatal em que Rogerio
Em vão tentou conciliar o somno,
E da Fortuna o perfido abandono
Memorou entre lagrimas,

— Cansado de pensar nos tantos obices
Que lhe oppunha malevolo destino,
Da sua cama inhospita o mofino
Levantou-se de subito.

O seu fato melhor vestiu num apice ;
Poz o chapéo, pegou no guarda-chuva,
Calçou numa das mãos vistosa luva ;
Sahiu de casa lepidio.

Era de madrugada. Melancolica
Na planicie dos céus vagava a lua.
Nem um cão, nem um bebedo na rua.
Era tudo silencio.

No Rocio morava o insomne, o Icaro,
Perto da rua do Ouvidor, e como
Se obedecesse a repentino assomo
De perturbado espirito.

A direcção tomou da « grande arteria ».
Chegado ao largo, pára, o olhar ardente

Medindo a rua que lhe fica em frente,
Longa, sósinha, estúpida.

— Eil-a ! murmura. O ang'lo rectilineo
Que dos lampeões descreve a dupla fila,
Aos seus olhos esplendido scintilla
Com effeitos phantasticos.

Já viste alguma vez, leitor benevolo,
A rua do Ouvidor de madrugada ?
Dir-se-ia uma travessa abandonada,
Uma viela insipida.

Quando o nosso inditoso comediographo
Entrou a percorrer a rua, tudo
Deserto estava, solitario e mudo,
Como velha necropole.

Apenas dois agentes da ordem publica
Mal animavam essas horas mortas,
E tomava café um grupo ás portas
Do *Jornal do Commercio*.

Era de junho a madrugada, e, humido,
Não convidava o tempo a estar a gente
Longe do bom colxão flacido e quente
E dos lençóes beneficos.

Porém Rogerio, allucinado o cerebro,
De par em par as lojas viu abertas,
E as lages dos passeios viu cobertas
De individuos em transito.

Lugubre, horrenda phantasia morbida,
 Terrivel sonho de cabeça enferma,
 Rua tão triste, tão sem luz, tão erma
 Enche de povo gárrulo !

Elle janotas viu, numerosissimos,
 Nos botequins e nas confeitarias,
 E mulheres formosas e vadias
 Nos armarinhos cupidos !

Que movimento ! parecia um sabbado !
 Saltavam rolhas e tiniam copos !
 E illuminava aquelle *feruet opus*
 Um bello sol mirifico !

Os transeutes acõtovelavam-se,
 Vendo passar quem tanto tinha escripto,
 E diziam: — Lá vae Rogerio Brito,
 O autor das *Núvens pallidas...*

Literatos, artistas e politicos
 O chapéo lhe tiravam, respeitosos)
 Femineos olhos, meigos e formosos,
 Contemplavam-no languidos !

Do Castellões á porta um poeta celebre,
 Vendo-o na rua, reverente acode
 E elle dois dedos rapido sacode,
 E passa magestatico.

Parece um general — que digo ? — um principe,
 Passando uma revista aos seus vassallos,

Só se aignando de cumprimental-os
Desdenhoso e fleugmatico !

No emtanto, nessa madrugada frigida,
Na rua do Ouvidor estava tudo
Triste, deserto, solitario, mudo,
Como velha necropole.

Mas Regerio lá vae, pobre lunatico !
Ora os passos minuindo, ora apressando,
Parando aqui e ali cumprimentando
Vultos imaginarios !

Só dos seus pés o ruido echôa estridulo,
Sem que outro som nos echos se desate,
Sonoro, o salto do sapato bate
Na cantaria lubrica.

Afinal, os agentes da ordem publica,
Vendo-o cumprimentar casas fechadas,
Difficilmente, á força de pranchadas,
Levaram-no, prenderam-no.

III

Ha tres annos Rogerio está no Hospicio.
E' socegado ; escreve o dia inteiro.
Quando lhe dão papel, penna e tinteiro,
Não ha doido mais commodo.

Si ha visitas, percebe-lhes o misero
Dizer, embora nada tenham dito :

— Eil-o !... E'aquelle !... Acolá... Rogerio Brito,
O autor das *Nuyens pallidas* !...

IMPROBUS AMOR...

O Alfredo era poeta,
E na imprensa chamavam-lhe eminente
E todavia, gostava loucamente
De uma mulata quasi analphabeta,
Que desdenhava o seu amor ardente,
 Pois que lhe preferia
 O primeiro caixeiro
De um armazem de seccos e molhados.

Suspirando e gemendo noite e dia,
E tirando do fundo do tinteiro
Chorosos versos, versos inflammados,
 Que a mulata não lia,
E quando os lesse, não os entenderia,
As esperanças não perdia Alfredo
 De, mais tarde ou mais cedo,
 Aquelle coração tornar mais brando.

Um dia, um bello dia, eis sinão quando
Uma poetiza de talento, e bella,
 Branca e não amarella,
 Mixto de musa e fada,

Olhos da côr do céu sereno e puro,
 E cabellos da côr da madrugada
 Quando reponta no horizonte escuro,
 — Apaixonou-se pelo nosso Alfredo,
 E taes olhares lhe lançou, tão fundos,
 Que não pôde guardar o seu segredo.

O poeta, nos seus versos gemebundos,
 Continuou a lastimar, coitado,
 Viver pela mulata desprezado
 Como folha arrastada pela brisa,
 E não deu attenção á poetiza.

Um amigo do peito,
 Que de tudo sabia,
 Protestou contra essa anomalia :
 — Alfredo ! com effeito !
 Isso é depravação ! Pois tu engeitas
 O amor de uma senhora intelligente,
 Lindissima, attrahente,
 Que faz poesias e que as faz bem feitas,
 Pelo menos tão boas como as tuas,
 Por não poderes esquecer um diabo
 Uma mulher das ruas,
 Que de ti dará cabo
 Si não tomares juizo ? !...
 Vamos ! que os olhos abras é preciso !
 Não podes hesitar entre ellas duas !...

— Meu caro amigo, respondeu Alfredo,
 Tu tens toda a razão, mas eu não cêdo.

É uma fatalidade ! O fado nosso
 Não depende de nós ; aquella eu amo,
 E outra, seja qual fôr, amar não posso !
 Insulta-a ! Não reclamo !

Dize contra ella o mal que bem quizeres ;
 Mas ha milhões, bilhões de outras mulheres
 E não posso outra amar sinão aquella,
 Que não é boa e nem siquer é bella !

Tanto amor teve, enfim, a recompensa .
 A mulata, depois de percorrida
 Uma carreira immensa
 Que não podia ser menos abjecta,
 Condoeu-se do poeta.

Hoje comem os dois á mesma mesa,
 Hoje dormem os dois na mesma cama,
 Não sei si ella é feliz, mas com certeza
 Elle o é, porque a ama,
 E a f'licidade nada mais precisa.

Por uma coincidencia, a poetiza
 Casou-se com o caixeiro
 De seccos e molhados,
 Que da mulata o amor logrou primeiro
 E creiam todos que são bem casados,

MORTOS E VIVOS

Fernando Veiga era casado, e amava
Sinceramente a sua esposa, um anjo
Que Deus, ao que parece, cobijava,
Porque um dia a levou. Que triste dia!
Inda agora ao lembral-o me confranjo,
E trinta annos passaram-se! — Maria
— Ella assim se chamava —
Morreu com dezenove primaveras;
Era bondosa, meiga,
E formosa devéras.

O meu Fernando Veiga
Tinha vinte e seis annos. Quiz a sorte
Interrompesse a morte
Tanta ventura ao cabo de dez mezes,
Maria quantas vezes,
Co'uma expressão gaiata,
Dizia: — Amor não mata;
Si matasse, eu morria...
Entretanto, Maria
Morreu de amor, isto é, morreu de parto.

O viuvo, no quarto,
Junto ao cadaver, pois não houve meio
De arrancar-o dali, me parecia
Estranho a tudo, tive até receio
De que a razão perdido houvesse, e creio
Que elle a perdera, embora
Mais tarde a recobrasse. Desvairado
Tinha o olhar, e sorria
De um modo tão estranho, que ainda agora
Só de lembral-o fico horripilado !

Porém, no atroz momento
Do funebre sahimento,
Fez explosão a dor daquelle moço !
Que lagrimas ! que gritos ! que alvoroço !
Ao caixão abraçado,
Que o tirassem dali não consentia,
Vociferando, em lagrimas banhado,
O doce nome da gentil Maria.

Perto do cemiterio
Fernando foi morar, porque sentia
Allivio e refrigerio
Ao visitar a sepultura fria
Onde o seu bem jazia.

Durante o mez primeiro
Que se seguiu á sua desventura,
Lacrimoso lá ia
Duas vezes por dia,

E muitas vezes era noite escura,
 Quando um guarda, ou um coveiro
 Ia buscal-o junto á sepultura,
 Por serem horas de fechar-se a porta.

No mez seguinte visitava a morta
 Apenas uma vez por dia, e, em breve,
 Uma vez por semana,
 Pois não ha dor que o tempo não a leve,
 E ninguem torce a natureza humana.

Ao pé da sepultura de Maria
 Uma cova vasia
 Esperava o defunto.
 — Que boa cova para mim ! pensava
 Fernando Veiga. Ficaria junto
 Da esposa morta a quem eu tanto amava !

Porém um dia a cova achou tomada,
 E, na terra, de vespera socada,
 Uma corôa em que elle viu, curioso,
 Esta banalidade :
 « Ao meu querido esposo,
 Tributo de saudade. »

Na semana seguinte o meu Fernando
 Viu, debulhada em lagrimas, orando,
 Ajoelhada junto áquella cova,
 Uma senhora ainda muito nova,
 Trajando espesso, rigoroso luto,
 E pensou : — Deve ser a do *Tributo*.

Com o véo que ella trazia
Ninguem ver poderia
Si era feia ou formosa;
Mas era esvelta, airosa;
Tinha o luto elegante;
E na alvura dos marmores, tristonha,
Destacava-se negra, mas risonha
A sua silhoeta interessante.

— Maldito véo de crepe!
Fernando murmurava...
Mas que ninguem o increpe:
O tempo é uma barrella, — tudo lava.

Segundo encontro. Desta vez a viuva,
Como o dia estivesse muito quente,
Tirára o véo e descalçára a luva.

Que visão sorprendente!
Fernando achou que ella se parecia
Com a sua Maria...

Illusão dos sentidos: a defunta
Era de um typo muito differente.

Tendo feito ao coveiro uma pergunta,
Soube Fernando Veiga que a viuva,
Houvesse sol ou chuva,
Todos os dias ia ao cemiterio,
E elle, que só aos sabbados lá ia,
Dali por diante — vejam que improperio!
Quotidianamente apparecia.

Quando á terceira vez lá se encontraram,
 Os dois viuvos se cumprimentaram,
 E á quarta vez falaram-se. Foi ella
 Quem primeiro falou, porque queria
 Que lhe indicasse o moço onde comprára
 A pedra que cobria
 A cova de Maria,
 Pedra cuja belleza lhe agradára.

— Encommendei-a a um marmorista sério,
 Que mora mesmo em frente ao cemiterio,
 Si vossa exc'lençia quer, eu vou... eu vejo...
 — Perdão, senhor ; apenas eu desejo
 Que me apresente ao homem. — Nesse dia
 Sahiu co'a viuva o viuvo de Maria,
 Sem que os dois mortos vissem nem soubessem.

Como naufragos que, passado houvessem
 Pelos mesmos perigos
 Sobre a amplidão das aguas,
 E ficassem amigos,
 Elles, passando pelas mesmas magoas,
 Os seus doridos corações juntaram.

 Confidencias trocaram ;
 Todos os episodios
 Da vida de ambos foram reveladoŝ,
 Vida de namorados,
 Vida toda de amores e sem odios:

 Tambem ella tivera
 Ephemera ventura, eternas penas

Viveu casada um anno, um anno apenas ;
Morreu-lhe o esposo em piena primavera.

Depois, pensaram ambos no mysterio
Que os reuniu naquelle cemiterio,
Elle ainda tão moço, ella tão bella.
— Dir-se-ia até, Fernando obtemperava,
Que a mulher d'elle e que o marido della
Eram a força que os approximava...
Sim, porque a morte os vivos aproxima !

O caso é que Fernando foi amado,
E' o morto ? Poz-se-lhe uma pedra em cima,
Do mesmo preço, egual á de Maria...

O resto ? Eil-o aqui vae sem circumloquios :
Cessaram os colloquios
Na paz do cemiterio :
Procuraram logar menos funereo.

Uniram-se na egreja os namorados,
E depois de casados,
Só dos queridos mortos se lembravam
Quando um com o outro acaso disputavam,
Pois são favas contadas : quem se casa
Com viuvos ou viuvvas, sempre em casa
Tem, pelos cantos ou por traz das portas,
As virtudes dos mortos ou das mortas.

Os dois defuntos nunca mais, coitados,
Foram pelos esposos visitados...

No dia de finados
Mandavam enfeitar as sepultaras,
Mas lá não iam...

Estas aventuras
Faziam muito effeito num theatro.

Hoje estão reunidos,
Mulheres e maridos,
Num jazigo perpetuo todos quatro.

FABRICIO

O defunto Fabricio

Era a personificação do vicio.

Apezar de casado

Tom Severa, uma santa, o desalmado,

Cratando-se de pandegas e orgias,

Não era typo que perdesse vasa.

Durante muitos dias

E muitas noites não entrava em casa,

Ou só entrava fóra de horas, tonto.

Tinha uns amores que sabiam caro;

Tudo quanto ganhava

N'uma repartição onde era raro

Chegar a tempo de assignar o ponto,

Longe do lar domestico esbanjava.

Além disso, jogava.

Da sordida espelunca

Sempre elle sahiu « prompto »,

Mas corrigido, nunca.

Severa, a esposa, a victima, coitada,

Começou por verter acerbo pranto;

Cahiu enferma, e tanto,

Que esteve quasi á morte ;
Mas arribou, e, aos poucos, resignada
Co' a sua triste sorte,
Disse comsigo um dia : — Paciencia ;
Farei de conta que não sou casada,
E meu marido é um hospede : — A existencia,
Que d'ali por diante
Passou, foi toda de trabalho. A pobre,
Para que em casa não faltasse o cobre,
Fez-se negociante.
O commercio ambulante
De doces, que ella mesma fabricava,
Sobejamente dava
Para toda a despeza
De casa, roupa e mesa.
Que mais ella queria ?
Naquella casa luxo não havia ;
Ella não tinha filhos, pois — pudéra ! —
Essa ventura o esposo não lhe déra.
A principio sorrira-lhe a esperanza
De ter uma criança
Que suavisasse o triste isolamento
Causado por aquelle casamento .
Porém, levado pela sorte avara,
O seu desejo de ser mãe passará
Como passa uma louca fantasia.

II

Fabricio, um bello dia,
Mudar de vida resolveu. — Que diabo !

Pensou, — este viver de mim dá cabo !

Vou tornar-me caseiro,

E despender com regra o meu dinheiro !

Julgas, leitor, que o malandrão sem brios

Aos pés da esposa martyr se arrojasse,

Lhe pedisse perdão dos seus desvios,

E, finalmente, se regenerasse ?

Mais possível seria

Miar um dia o cão, ladrar o gato,

Do que entrar contricção na alma sombria

Daquelle pulha ingrato.

Pezar de não ser joven, nem prendado,

Fabricio conseguiu, e sem fadiga,

Seduzir uma linda rapariga,

Que só vivia do trabalho honrado.

Elle poz casa e foi morar com ella.

Olga Menezes se chamava a bella.

Mudou de vida, isso mudou. Agora

Sempre á repartição chegava á hora,

E até já não bebia nem jogava,

Coisa que assombro universal causava.

Tornara-se caseiro,

Passando o tempo inteiro,

Que lhe sobrava do serviço, ao lado
Da mulher com que estava amasiado,

E de uma vez por todas olvidando

O domicilio conjugal. E quando

Teve a esposa noticia

De tanta impudicicia,
 Apenas murmurou — pobre senhora! —:
 — Estamos livres um do outro agora —,
 E continuou fazendo os seus docinhos,
 Gabados por innumerous freguezes.

III

Ai ! os fados mesquinhos
 Não quizeram durasse muitos mezes
 A regeneração do meu Fabricio.
 Farto de Olga Menezes,
 N'um momento propicio
 Fingiu ciumes e a poz no andar da rua,
 Coitada ! quasi nua!
 Comquanto ella dissesse que no ventre
 Sentia palpitar dos seus amores
 Embryonario fructo.
 — Saia depressa e nunca mais cá entre !
 Vociferava o bruto,
 Simulando furores.
 — Mas o meu filho ? — Tem um filho ? Embora !
 Si tem um filho, não é meu ! Lá fóra !... —
 Elle, de então por diante,
 Tornou a ser o typo repugnante
 Que sempre fóra, cheio de mazelas,
 Arruador de beccos e vielas;
 Jogador e devasso,

Bebedo, sujo, pedinchão, madraço;
 E não voltou, submisso e reverente,
 Para junto da esposa desdenhada.

IV

Esta, uma tarde, ouviu, sobresaltada,
 O choro de uma criança pequenina,
 No corredor. Immediatamente
 Abriu a porta e, muito sorprendida,
 Viu n'uma cesta, em pannos envolvida
 Uma criança... um menino... ou uma menina,
 Que poucos dias tinha de nascida.

— Esta creaturinha foi mandada
 A minha casa por alguém, já vejo,
 Que sabe o meu desejo
 De ter um filho ! Oh, mãe desnaturada,
 Mil vezes obrigada ! —

Ao dizer isto, a boa creatura
 Viu na cesta um papel, e fez cem vezes
 Destas sete palavras a leitura :

« Fabricio.— Ah tens teu filho.— Olga Menezes. »
 — Olga... Fabricio... Um filho d'elle e della !

Oh, não ! ficar não deve
 Commigo esta criança ! O diabo a leve !...
 Mas, entre os seus panninhos de flanela,
 O pequenito (era um menino), como
 Se percebido houvera

Esse raivoso assomo,
Teve um quasi sorriso,
E olhou para Severa
Com o olhar que não vê, vago, indeciso
De quem começa a entrar no velho mundo ;
E desse olhar no fundo,
Sem nenhuma expressão, sem luz, sem brilho,
Ella viu uma supplica fervente,
Muda, mas eloquente,
E, arrependida, murmurou : — Descansa,
O' misera criança :
Eu serei tua mãe, serás meu filho !
E' o teu fado o meu fado ;
Deves amar-me e é natural que eu te ame,
Pois, si foste engeitado,
Tambem o fui, e pelo mesmo infame ! —

O tenro engeitadinho
Mereceu á doceira tal carinho,
Que nesse dia as nitidas cocadas,
E as flacidas fatias
De pandeló não foram preparadas
Com a mesma perfeição dos outros dias!

V

Fabricio, que não quiz chegar-se ao rego,
Alguns mezes depois perdia o emprego.
Desempregado. desceu mais ainda :
Conheceu a miseria. A lista infinda

Dos amigos de outr'ora,
Reduzida foi vendo de hora em hora...
Por fim sumiu-se ao longe o derradeiro,
E o miseravel, de ulceras coberto,
Sem vigor, sem saude, sem dinheiro,
Andrajoso, faminto noite e dia,
Nem mesmo tinha domicilio certo,
E muitas vezes no xadrez dormia.
Severa teve dó do desgraçado:
Uma noite, encontrando-o embriagado,
De roupa immunda e de sapatos rotos,
Servindo de joguete a alguns garotos,
Trouxe-o consigo para o lar. (Que queres,
Leitor amigo? — tu, por mais que estudes,
Não saberás, talvez, de que virtudes
São susceptiveis todas as mulheres,
Esta era uma excepção, esta era um anjo!)

Quando o indigno marmanjo,
Acordou de manhã, ficou surpreso
Por ver que no xadrez não estava preso.
Quando Severa viu na sua frente
E tudo adivinhou, teve uma crise
De lagrimas, e foi, provavelmente,
A vez primeira que chorou. — Tu... dize...
Tu perdoas-me? — Sim, mas prevenido
Fica de que não és o meu marido.
E's um pobre diabo, que eu acolho
Sob o meu tecto, como acolheria
Outro qualquer; só por philantropia
Metto em casa um trambolho!

Cuidadinho ! vê lá ! se não te emendas,
 Si continúas a beber nas vendas,
 Ponho-te a andar, fecho-te a minha porta !

Morre p'ra ahi na rua !

A mim que bem me importa ?

Mas, se queres entrar no bom caminho,
 Nesta casa que foi, que não é tua,
 Tudo terás, menos mulher e vinho.
 Perdera ha muito o attonito Fabricio
 Da dignidade o ultimo resquicio.
 Tremulo, humilde, de cabeça baixa,
 Tal qual o criminoso quando se acha
 Do juiz na presença, ficou mudo,
 Conformado com tudo.

VI

Quando viu a criança,
 Naturalmente perguntou quem era...
 Uma idéa terrivel de vingança
 Passou pela cabeça de Severa.

Então, leitor, que queres ?

Embora vivas a caçar verdades,
 Não saberás de que perversidades
 São susceptiveis todas as mulheres
 Mesmo quando são anjos. O menino
 Que estás vendo, é meu filho ! exclamou ella,
 Vê como é vivo, nedio, purpurino !
 Uma criança quem já viu mais bella ? —

Abriu Fabricio palpebras tamanhas,
Que saltarem-lhe os olhos parecia.
— Um filho de outra, que a senhora cria...
 Filho destas entranhas !
— Pois a senhora teve um filho ? — Tive !
— E o pae ?... Oh ! Que te importa ? Já não vive.
— Estranho que a senhora... — Por que estranhas ?
Por que me olhas assim ? De que te espantas ?
 Não me fizeste tantas
 E não me abandonaste ?
De que querias que eu vivesse, traste ?
Precisava de alguém que me valesse...
Do teu desdem o resultado é esse ! —
E apontou para a linda criancinha. —

Fabricio nada respondeu ; não tinha
 Que responder ; apenas
Derramou novas lagrimas serenas.

VII

Viveu tres annos mais. Foi um modelo
 De bom comportamento.
Para pagar o bello tratamento
Que lhe dava a mulher, fez-se doceiro.
 Fazia gosto vel-o
 Andar acima e abaixo
Batendo os ovos, vigiando o tacho

Diante do fogareiro.
Tornára-se dos mestres o primeiro
Na manipulação das queijadinhas.

Ainda quatro linhas :
Afinal o mofino
Foi para a sepultura onde repousa,
Sem saber que o menino
Era seu filho e não de sua esposa.

AS VISINHAS

I

O Felizardo tinha,
Havia um mez apenas,
Uma formosa e languida visinha,
Flôr da flôr das morenas,
Por quem se apaixonára
Desde o momento em que lhe viu a cara:
A' janella sósinha,
Nunca a pilhou, mas sempre acompanhada
Por uma quarentona
Rochunchuda e anafada.

Quem seria a matrona
Elle ignorava, mas, na visinhança,
Tendo indagado, soube, sem tardança,
Que das duas visinhas
Uma era a filha e outra a mulher do Prado,
Velhote apatacado,
Que a vender gallos, a vender gallinhas,
E outros bichos domesticos, vivia

Durante todo o dia
Na praça do Mercado.

Felizardo ficou muito contente
Ao saber que a matrona
Da morena era mãe, porque a tal dona
Indubitavelmente
Mostrava ter por elle sympathia ;
Quando a cumprimentava, ella sorria
Co'um sorriso de sogra em perspectiva.

A morena adorada
Era mais reservada,
Menos demonstrativa ;
Sorria-lhe egualmente,
Mas disfarçadamente
E de um modo indeciso,
Como se fôra um crime o seu sorriso.

II

Um dia Felizardo, que era esperto,
Tendo a geito apanhado um molecote
Da casa das vizinhas, deu-lhe um bote
E o effeito foi certo,
Porque não ha moleque
Que por uns cinco ou dez mil réis não peque.
— Como se chama a filha do teu amo ?
— Mercêdes. — E a senhora ? — Julieta.
— Pois ouve cá : dona Mercêdes amo.

Toma esta nota. Dobro-te a gorgeta
 Si acaso te encarregas
 De lhe entregar uma cartinha... Entregas ?
 — Entrego, sim senhor. — Quando trouxeres
 A resposta, terás quanto quizeres !

A secreta cartinha

Uma declaração de amor continha,
 E terminava assim : « Si me autorisa
 A pedil-a a seu pae em casamento,
 Tres letras bastam... nada mais precisa..
Sim ou não... minha vida ou meu tormento. »

Veio em breve a resposta
 Pela tal mala-posta,
 E exultou Felizardo,
 Lendo, escripto em bastardo,

O grato monosyllabo ditoso
 Com que sonhava um coração ancioso.

No mesmo dia fôï o namorado

Ter com o pae da morena
 A'praça do Mercado.
 Não preparou a scena :
 Reflectiu que modesto

Devia o velho ser, por conseguinte,
 Dispensava etiquetas. Deu no vinte,
 Como o leitor verá, si ler o resto.

III

Em mangas de camisa estava o Prado.

Na barraca sentado,
Entre gallos, gallinhas, gallinholas
Das raças mais communs e das mais caras, —
Frangos, patos, perús, coelhos, araras,
Passarinhos saltando nas gaiolas,
Saguis mimosos, tremulos, sorprendos,
Acorrentados cães, macacos presos,
E no ambiente um cheiro
De entontecer o proprio gallinheiro,
Quando foi procurado
Por Felizardo. — Felizardo Pinho
E' o meu nome ; conhece-me, *seu* Prado?
— De vista, sim, senhor, que é meu visinho.
— Eu amo ardentemente sua filha,
E não sou para ahi um farroupilha.
Não quero agora expôr-lhe as minhas prendas ;
Apenas digo-lhe isto :
Vivo das proprias rendas,
Tenho boa familia e sou bem visto.
Venho, por sua filha autorizado,
Dizer-lhe que domingo irei pedil-a.
Até lá póde ser bem informado,
A fim de que me aceite ou me repilla.
O pae, que estava attonito e pasmado,
Interrogou : — E' sério ? é decidido ?

O senhor gosta da Mercêdes ? — Gósto,
 E tudo, tudo arrosto,
 Para ser seu marido !

— Bom ; domingo lá estou, e é crença minha
 Que ficaremos do melhor accordo ;
 Mas vá jantar, que sabbado, á tardinha,
 Mando p'ra casa o meu Perú mais gordo.

No domingo aprazado
 O Felizardo, todo encasacado,
 Inveja dos catitas mais catitas,
 Foi recebido pelo velho Prado
 Na sala de visitas.

— Vou chamar a Mercêdes, disse o velho,
 Enquanto o namorado, n'um relance
 Mirando-se no espelho,
 Achava-se um bom typo de romance.

Voltou á sala o Prado,
 Trazendo pela mão... a quarentona.
 — Aqui tem minha filha ! Embatucado,
 Felizardo cahiu n'uma poltrona.

O misero protesta :
 — Perdão, mas não é esta \
 — Eu não tenho outra filha ! sobranceiro
 Exclama o gallinheiro.

Felizardo, fazendo uma careta,
 — Mas a outra ?.. — pergunta. — A Julieta ?
 Essa é minha mulher ! — Minha madраста,

Accrescenta Mercêdes. — Basta ! basta
Perdão, minha senhora !
Murmurou Felizardo, e foi se embora,
Correndo pelas ruas.

Não houve nunca mais notícias suas

OS DENTES DO BRAZ

O Braz era bonito, mas — coitado ! —
Tinha máos dentes ; quando a bocca abria,
 Todo o encanto perdia :
 Por isso era calado,
 E não ria ; sorria.

Mas que namorado !... tinha a mania
De acompanhar senhoras ; quando via
Passar alguma sem marido ao lado,
Sendo bella, ficava enthusiasmado,
 E os passos lhe seguia.

Mais de uma dama, tendo reparado
Que tão bello rapaz a perseguia,
Não se mostrava esquiva ao namorado ;
 Mas quando descobria
Naquella bocca um singular teclado
Em que sómente — pobre desdentado ! —
 Sustenidos havia,
Toda a illusão se lhe desvanecia.

Muita gente dizia :

— E' pena que um rapaz tão adamado
Na bocca tenha aquella cacaria,
Quando ha dentes postiços no mercado,
E um dentista afamado
Em cada rua chama a freguezia !

O Braz bem percebia
Que aquella bocca era o seu negro fado,
Porém não se atrevia
A entregal-a ao dentista ; a covardia
Era tanta, era tal, que o desgraçado
Só de pensar no boticão, tremia !

No emtanto, o Braz, um dia
Appareceu metamorphoseado,
Mostrando, quando os labios entreabria,
Dentes que um deus do Olympo invejaria !

Foi um caso engraçado
Que dos contos a Musa desafia,
E em versos máos eil-o aqui vae contado :

I

Dissimulando os dentes,
Estava o Braz silencioso á porta
De uma alfaiataria onde se corta,
Mais do que o iato, a pelle dos ausentes,
Quando passou, ligeira e saltitante,

Uma dama elegante
E desacompanhada.

— Oh, que linda mulher! que anjo! que fada! —
Murmura o Braz comsigo, — com que graça
O vestido arregaça
E pega no sombrinha!
Vou atraz della, porque está sósinha! —

II

Ocioso é dizer-vos
Que a scena representa

A rua do Ouvidor (fere-me os nervos
Dar-lhe outro nome: nenhum mais lhe assenta.)
A dama vae ao largo da Carioca,
Seguida pelo Braz; num armarinho
Entra, e elle, de pé, fica-lhe á coca.

Ella sae afinal; toma um bondinho
Da praça Onze. Elle o bondinho toma,
Disposto a acompanhal-a ao fim do mundo.

Embora fique sem jantar nem ceia,
Pois ou bem se conquiste, ou bem se coma!
Mas — oh, felicidade! — ella dá fundo

Na praça Tiradentes.

Do bondinho se apeia

E entra na loja de um joalheiro, emquanto

O Braz fica no canto,

Suspiros a soltar intermitentes.

Sae da loja a mulher, sempre sósinha,
 E, desta vez, ligeira se encaminha
 Para o largo de São Francisco. Pára
 Deante de uma *vitrine*, e então repara
 Que é seguida de perto
 Pelo Braz, e sorri assim de certo
 Modo que o encoraja,
 Pois aquelle sorriso,
 Vago, estranho, indecis
 Não é de quem reaja.

III

Elle apr̄oxima-se, e ella, resoluta,
 Como heroína habituada á luta,
 Deste modo lhe fala:
 — Que deseja de mim o cavalheiro? —
 Elle, a sorrir, pergunta-lhe, gaiteiro:
 — Dá-me licença para acompanhá-la? —
 Ella responde muito amavelmente:
 — Pois não! como quizer! — E incontinente
 A caminho se põe. O Braz, ditoso,
 Não cabendo na pelle de contente,
 Vae-lhe seguindo o passo vagaroso.

A rua do Ouvidor atravessaram,
 E uma esquina dobraram.

IV

A dama n'um magnifico sobrado
Entra, e após ella o Braz tambem, coitado!
Ella, do alto da escada, grita : — Suba !
E elle, com mais denodo
Que um hespanhol em Cuba,
Sobe, mas fica todo
Atrapalhado quando vê que um homem
No patamar o espera.
Um lobo, um tigre, ou qualquer outra fera
Dessas que nos atacam e nos comem, ;
Tamanho susto não lhe causaria ;
Mas o dono da casa lhe sorria,
Dizendo : — Queira entrar... tenha a bondade...
O cavalheiro tem necessidade,
Disse minha mulher, dos meus serviços,
Essa bocca realmente
Pede uns dentes postiços...
Entre, e lhe afianço : ficará contente !

V

O Braz entrou, e, passeando a vista
Por tudo que o cercava,
Notou então que estava
Em casa de um dentista ;

Mas teve que fazer o pobre diabo
Das tripas coração. Sentou-se. Ao cabo
De uma hora de tormentos
E dores excessivas,
Tinham deixado as tumidas gengivas
Os ultimos fragmentos
Dos caninos de outr'ora.
Finda a sessão, disse o dentista: — Agora
Vou fazer-lhe uma rica dentadura. —

VI

E assim foi, realmente:
Pouco tempo depois desta aventura,
Impava o Braz, — não lhe faltava um dente.

CONTOS BRASILEIROS



SORÒR MARTHA

Em trajos de cerimonia,
O' Musa, sobe ao Parnazo,
Pois eu vou contar um caso
Dos bons tempos da colonia.

I

Havia, em certa cidade,
Um mosteiro-citadella,
Fundado sob a tutella
Da Senhora da Piedade

Era uma casa sombria,
Sem regras de architectura,
Mais negra que a noite escura
De noite como de dia.

Os muros, tristes e altos,
Tinham dez palmos de largos,
E punham fortes embargos
A sacrilegos assaltos.

Tão rigorosa espessura
Não tomava por lisonja
Nenhuma pallida monja
Da tenebrosa clausura.

Pois, consoante notícia,
Do povo, que não se illude,
Só respirava virtude
Tão santa e nobre milícia.

Até boatos correram
De que monjas da Piedade
Com cheiro de santidade
Ao céo as almas renderam!

Velha tradição transporta
Que perfeita e nacarada
Fôra uma freira encontrada
Seis annos depois de morta.

Seria o corpo tão casto
Daquella freira benigna
Que não foi a terra digna
De fazer delle o seu pasto?

Essa reclusa divina,
Que ninguem hoje conhece,
No meu conto reapparece,
E' do meu conto heroína.

II

Em noite de frio e ventõ
(Já meía noite soára)
A Virgem Santa olvidára
O seu piedoso convento.

Bramíu rude tempestade !
Raio horrendo fez um furo
No pujante muro escuro
Da mosteiro da Piedade !

Dos catres saltaram todas
As monjas espavoridas,
Dellas de medo transidas,
Dellas de horror quasi doudas !
Resaram no côro accezo
Até despontar o dia ;
O soalhado parecia
Vergar das monjas ao pezo.

III

Soror Martha do Cordeiro,
Havia muito professa,
Era, comtudo, a abbadessa,
Mais nova que houve em mosteiro.

Dês que lhe morrera o noivo
Naquella casa encerraou-se,
Mais doce que a pomba doce,
Mais triste que o triste goivo.

Dir-se-ia ter olvidado
De que era, ou havia sido,
Defunta sem ter morrido,
Viuva sem ter casado.

IV

Em bella manhã de Maio
(Curiosidade funesta!)
Sobe a freira á larga fresta
Praticada pelo raio,

E vê, lá fóra, enlaçados
(Par em verdade formoso!),
Um cavalheiro amoroso
E a dona dos seus cuidados.

Soror Martha os olhos tapa ;
Abre-os de novo ; examina...
Treme, chora, desatina...
Um grito d'alma lhe escapa!

A triste reconhecera
No fidalgo, que passára,

Noivo que morto julgára,
Morto que nunca esquecerá !

Já muitos annos havia
— Annos de funda saudade! —
Que a monja da Piedade
O cavalheiro não via.

A commoção tão violenta
A sua razão mesquinha
— Pobre monja! pobresinha! —
Em vão resistir intenta.

Successivas gargalhadas
Soror Martha despedia ;
Desorientada, dizia
Mil coisas desencontradas !

E pela medonha brecha
Passou a linda cabeça
E todo o corpo... A abbadessa
Rapidá cahiu qual frecha !

Trinta annos tinha a suicida ;
Divídida-lh'os a sorte :
— Quinze na morte sem morte,
Quinze na vida sem vida.

UMA VALSA

E' n'um saráo. Na sala atapetada,
Por um lustre de gaz illuminada,
 E duas arandelas
— Vinte e dois bicos imitando velas —,
Cruzam-se homens, senhoras e crianças,

Vão começar as dansas.

Eis a dona da casa. Está sentada.
 Correcto cavalheiro
Que é, se me não engano, seu marido,
Vae levar-lhe um rapaz bem parecido,
 Elegante e garrido,
 Orgulhoso e feliz,
Que é capaz de levar um anno inteiro
Dizendo asneiras sem saber que as diz.

A bella dama cora:
Foi do mancebo namorada outr'orã.

— Trago-te um par. — Com muito gosto o aceito. —
O marido lhe diz e ella responde
N'um sorriso de subito desfeito.

Uma banda de musica se esconde
No gabinete proximo.

— O seu braço? —

Ergue-se a dama, as saias endireita,
E, meio contrafeita,
Enfia a mão direita
No braço do rapaz.

De uma valsa o preludio ouvir-se faz,
E após, começa a dança. O moço, com respeito,
O seu formoso par comprime contra o peito.

Principiam marcando o airoso passo.

Da musica accelera-se o compasso.

Palpita e geme a valsa erotica, ligeira...

O moço aos hombros lança a farta cabelleira;
Depois, aperta mais de encontro ao seio
A mulher bella que nos braços traz;
Faz fincapé no chão; tem um meneio

Impetuoso, febril, precipitado, e zás!

Valsa ditosa

Vertiginosa

Que delicia nos fazes gozar!

Debil cintura

Com mão impura

O direito nos dás de apertar!

Tumidos seios,

Ceruleos veios

Junto ao peito sentimos arfar!

Ha melhor gosto

Que um lindo rosto

A' distancia de um beijo fitar ?
 Quatro imprudentes
 Labios ardentes
 Por accaso se podem tocar...
 Eternas horas,
 Noites e auroras,
 Uma valsa de vera durar !

O moço pára tremulo, descança,
 E pede ao lindo par, como lembrança,
 O cravo rubro que ella traz na trança.
 Faz que não ouve a dama,
 E põe-se a disfarçar,
 Mas a valsa de novo os reclama,
 E começam de novo a valsar.

Como ella
 Desliza !
 Mal pisa !
 Que pé !
 Tão bella,
 Tão suave
 Uma ave
 Não é !

— O cravo ?
 — Socegue !
 — Não negue !
 — Não dou !
 — Escravo

De tantos
Encantos
Estou !

Oh, dê-m'o
Depressa !
— Não peça !
— Por que ?
Eu tremo...
— Se o pede...
— Concede ?
— Não vê !

— Lembrar-se
Devia
Que um dia
Me amou !
— Distarce...
Que asneira !
Solteira
Não sou !

Descançando de novo o lindo par,
Começa a passear,
Ella a abanar-se co' uma ventarola,
E elle co'um lenço que nas mãos enrola
Mas o curto passeio se interrompe,
Porque de novo irrompe,
O motivo melhor da capitosa valsa.
De novo se inflammam
Clarins e pistons,

Que em volta derramam
Estridulos sons.

Ella uma luva rapida descalça.
Nos seus braços a moça o mancebo arreбата,
E aperta-lhe com força a descalçada mão.

Oh, pallida insensata,
Que te deixas levar no doido turbilhão !

E'agora !
Lá vão,
Embora
Cansados !
Damnados
Estão !
O moço
Destroço
Na trança
Causou :
O cravo
— Que aggravo ! —
Na dança
Roubou !
A trança
Rolou !
E todos
Taes modos
Lamentam,
Commentam :
— Audacia !
— Filaucia !

— Tunante !
— Tratante !
Já chovem
Protestos.
— Que horror ! —
E o joven,
Os restos
Beijando
Da flôr,
Pulando,
Suando,
Mostrando
Furor,
Não pára,
E, a cara
Mettendo,
Vae tendo
Logar !
A triste
Resiste
Nos braços
Devassos
Do par.
O esposo,
Furioso,
A banda
Não mandã
Calar !
A bella
Senhora

Desmaia :
Na sala,
Sem fala
Descae !
Descaia !
Que, embora
Sem ella,
O ovante
Dansante
Lá vae !
— Mas pare !
— Repare !
— Faz mal !
Aviso
De siso
Não val !
— Pisou-me !
— Matou-me !
— Soccorro,
Que eu morro
Papae !
— Borracho
'Stará ?
— Eu acho
Que está !
E a banda
Tão rara,
Nefanda,
Não pára !
O amigo

Co 'as pernas
Ligeiras
E eternas
Levando
Comsigo
Cadeiras,
Quebrando
Sofás,
A gente
Pisando
Que frente
Lhe faz,
Não cansa
Na dança,
Zás, traz !
E lhe ouço
— Que moço !
Girando,
Gritando,
Dizer :
— Almejo,
Desejo
Dansando,
Valsando
Morrer! —

A musica, porém, parou subitamente.

Jazem no chão dois miseros moleques
Que numerosos copcs de cerveja
Traziam n'uma rutila bandeja.

As damas riem por detraz dos leques.

Pulando sempre, sempre e sempre, o pobre moço
Cahiu emfim no chão. Dormiu profundamente

Até ás horas do almoço.

Quando acordou, quiz dansar...

Inda não estava farto de exercicio,

Foi necessario agarral-o,

E mandal-o

Para o Hospicio,

Onde hoje passa os dias a valsar !

O DOUTOR CANEJA

Sabido é que esta heroica e leal cidade,
Em se tratando de literatura,
Concede fóros com facilidade.

Em qualquer outra profissão, é dura
A conquista de um nome; o literato,
Esse as muralhas n'um momento fura.

Nas letras, o mais reles candidato,
Que alguma tinta e algum papel consumma,
Fazer consegue sempre espalhafato,

E alcança a gloria muita vez, e, em summa,
A uma estatua faz jús, sem que lhe seja
Preciso produzir coisa nenhuma !

A prova temos no doutor Caneja,
Que uma reputação tomou de assalto,
Sem dar combate, sem ferir peleja.

Tu, si o visses passar, longo e pernalto,
Cheiroso Murias entre os dedos preso,
Monoculo, bengala e chapéo alto ;

Magro, elegante, impertigado e teso,
Acariciando a flacida soiea,
E olhando para o mundo com desprezo ;

Não commetteras, não, grande injustiea
Pondo-o no rol da frivola canalha
Que a vadiar o tempo desperdiea.

Vinha, porém, um desmentido á balha :
— Elle, um vadio ? Pois nem vae á cama !
Toda a noite, a escrever e a ler, trabalha ! —

E ora ahi tens, bom leitor, a erronea fama
Que voava por toda esta cidade,
Cujo vuigacho vil nescios acclama.

A metade de um seculo de idade
Contava, ou mais ; formára-se em direito,
Nunca se soube por que faculdade,

E, por falta de intelligencia ou gesto,
Jámais se utilisou, que não convinha,
De um diploma platónico e suspeito ;

Como no cofre alguma coisa tinha,
Vivendo foi sem se occupar de nada,
Mas com muita decencia se mantinha.

Trajava roupa á moda e bem talhada,
Frequentava jornaes e jornalistas,
Trazia sempre a bolsa escancarada.

Arvorando-se em protector de artistas,
Creou reputação de ter, em arte,
Uma largueza singular de vistas.

A miudo apparecia em toda a parte
Onde se achassem jovens escriptores,
Desfraldando das letras o estandarte.

Era muito feliz nos seus amores ;
Uma senhora joven, rica e bella,
Dispensou-lhe reconditos favores.

Diziam todos que a gentil donzella
Fôra rendida só pelo talento
Do sabio, que afinal casou com ella.

Transformaram a casa n'um momento
Em cenaculo artistico e pedante,
Onde a literatura achava alento.

Mas o nosso doutor, de então em diante,
Se tornou mudo, nada mais dizia ;
Limitava-se a ouvir, e, se, um instante,

Os seus discretos labios entreabria,
O seu bello sorriso, esquivo e raro,
Um artigo de critica valia.

Isso de se mostrar da lingua avaro,
Para logo lhe deu credito tundo
De ser sisudo e de ter muito faro.

— Mas por que esse philosopho profundo
Não publica o que escreve? — requeriam
Na roda illustre do medítabundo.

E sobre tal assumpto quando o arguiam,
— Não vale a pena —, murmuravam labios
Que lentamente e a custo se moviam.

— Eis o orgulho, dizia-se, dos sabios !
Por ignorante e nescio quer que o tomem,
E deixa-se ficar nos alíarrabios !

Mas, quando fallecer este grande homem,
Publicadas serão todas as obras
Que na sua modestia hoje se sommem... —

Elle fazia crer — com que manobras ! —
Que guardava uma producção immensa
Da magra pasta entre as vazias dobras.

De vez em quando annunciava a imprensa
Ter Caneja entre mãos *Minhas leituras*,
Livro de erudição profunda e densa ;

Mas das suas publicações... futuras,
A mais falada era um brilhante — *Estudo
Comparativo das Literaturas*.

Romances, versos, theatro, historia, — tudo
O inedito famoso produzia,
Continuando cada vez mais mudo...

A esposa, a esposa só, não se illudia ;
Nunca vira o marido escrever nada
Desde que entrou na sua companhia ;

Era, porém, discreta e delicada,
E não falava, nem por indirectas,
De um facto que a trazia envergonhada.

Entre os seus prosadores e poetas,
Envelhecendo foi o grão Caneja,
Impune sempre de tamanhas petas.

Agora já falava, mas a inveja
Contra quem qualquer coisa ao prélo dava,
Irritava-lhe a bilis malfazeja.

Nem uma phrase de louvor soltava,
Mas o doesto, a facecia repugnante
Que o character, o espirito deprava.

N'um tom de voz bradava altisonante
Que José de Alencar era incorrecto,
Que Machado de Assis era massante.

Emfim, quando esse quasi analphabeto,
Morto, mettido foi na cova fria,
Inda a viuva lhe deu provas de affecto :

A toda aquella gente que pedia
Noticia dos papeis do fallecido,
Entre sentidas lagrimas dizia :

— Era um sabio modesto meu marido :
Tudo quanto escreveu queimou, e juro
Que disso não morreu arrependido... —

— Embora ! responderam-lhe. O futuro
Honral-o deve, e o povo fluminense
Talvez que ainda o ponha em bronze duro ! --

Caneja, o grande, aos posteros pertence !
Em cada peito um pedestal encontra !
E o povinho, afinal, não se convence
De que elle era uma besta e era um bilontra.

AS FESTAS

Era o Alfredo casado
Com formosa mulher, nova e sadia,
Mas não a merecia :
Andava enamorado,
Como um velho babão lascivo e tolo,
De uma reles corista
Com pretensões a artista,
Que trabalhava no theatro Apollo.

Fazia versos máos o pobre diabo,
E era empregado n'um pequeno banco :
Não podia dar-se ares de nababo,
Não podia mostrar-se muito franco,
Pois o que ali ganhava
Para os gastos da casa mal chegava ;
Mas o parvo suppunha
Que do Apollo a corista lhe quizesse
Não por vil interesse,
E o seu carnal desejo em versos punha,
Convencido de que ella
Com tal moeda se satisfizesse.

Escusado é dizer que elle da bella
 Nada mais conseguira,
 Tangendo a sua lyra,
 Senão coisas vulgares,
 Sorrisos ternos, languidos olhares,
 Porque já não ha musa
 Que ás coristas seduza...
 Já lá se vae o tempo em que um soneto,
 Embora não tivesse chave de ouro
 No ultimo verso do ultimo quarteto,
 Tinha a chave que abria,
 Depois de longo e pertinaz namoro,
 O duro peito da mulher mais fria.
 A mísera poesia,
 Por tantos explorada,
 Hoje é moeda desvalorizada.

O visionario Alfredo

Vae uma noite ao theatro muito cedo
 E faz chegar ás mãos da semi-artista,
 Dentro de um ramilhete,
 Perfumado bilhete,
 Pedindo uma entrevista.
 E no dia seguinte, á hora do ensaio,
 Vae ter com ella e diz : — Daqui não saio,
 Emquanto uma resposta não me deres,
 O' tu que és a mais linda das mulheres,
 Flôr das musas do Apollo !

Abre a typa uma bolsa de velludo
Que traz a tiracolo,

Dessas em que as madamas guardam tudo :

Lencinhos, luvas, pó de arroz, bilhetes,

Pentinhos, alfinetes,

E dinheiro miudo ;

Dois retalhos de seda

Tira de dentro, sorridente e prompta,

E do Alfredo aos attonitos ouvidos

Estas palavras múrmura segreda :

— Qual mais te agrada des s dois vestidos ? —

Elle o melhor aponta,

— Pois vae compral-o e traze-m'ó. A resposta

Terás então daquelle bilhetinho

A' calida proposta...

Encontras a fazenda no Godinho.

Quatorze metros bastam. Adeusinho ! —

E a corista fugiu que nem um raio,

Porque a estavam chamando para o ensaio.

Após ligeiro pasmo,

Perdeu o Alfredo todo o enthusiasmo,

Por ver, naquelle instante,

Que, para a amada se tornar amante

O metro dos seus versos

Não era ainda bastante :

Ella exigia metros bem diversos :

Metros de seda cara,
Que custar deveriam...
Quanto ? — os olhos da cara !
E os labios seus tremiam !

Para a ingrata o Parnazo era o armarinho,
E o Apollo era o Godinho !

Metteu, desilludido, na algibeira
Os retalhos. Sahiu. Foi para o banco,
E, inspirado, nervoso, num arranco,
Passou a mais feroz delcalçadeira
Na exigente corista em verso manco.
A' noite, em vez de lhe mandar fazenda,
Na fórma da encommenda,
Mandou-lhe a versalhada.

Leu-a a corista e deu muita risada.
Andou de mão em mão a poesia,
E foi lida por toda a companhia.
Alfredo, esse dormiu tranquillamente,
Aliviado e contente,
Durante a noite inteira.

Foi a esposa a primeira
Que da cama se ergueu. Eu cá duvido
Haja no mundo uma mulher casada,
Embora muito honrada,
Que não reviste os bolsos ao marido,
Quando este ainda se acha recolhido...
Tinha do Alfredo a esposa taes trabalhos,
E por isso encontrou os dois retalhos.

Quando elle despertou, ella sorrindo,
Rosto sereno, olhar sereno e lindo,

Lhe disse : — Finalmente,

Alfredo, minha vida,

Vaes dar-me de presente

Um vestido de seda ! Agradecida !

Que bellas festas de principio de anno !

Não imaginas como estou contente !

Ter um vestido assim era o meu plano !

Duas amostras vêm — naturalmente

Para escolher : pois bem... esta prefiro...

Depois daquelle triste desengano,

O Alfredo enveredou no bom caminho

O Alfredo enveredou no bom caminho,

E a senhora, modelo das honestas,

Teve esse anno de festas

Um vestido de seda... Mal sabia

Que a uma corista réles o devia !

Δ ESCRAVA

Eu nasci lá na fazenda
De uma negra e do feitor.
Vim pequena para a côrte,
Trazida por meu senhor,
E eu era em casa guardada
Como joia de valor.

Minha pobre mãe — coitada !
Deixei-a ficar na roça ;
Tinha saudades da filha,
Mas, com medo de uma coça,
As lagrimas escondia
Na solitaria palhoça.

Foi na palhoça que um dia
Meu pae irritado entrou,
E lhe bateu com o chicote...
Que ella dormisse julgou,
Desgraçada mãe, que mesmo
Depois de morta apanhou !

Eu não fui creada a esmo,
Comquanto fosse uma escrava ;
Muitas vezes sinhásinha
Junto de si me assentava,
E me ensinava leitura
E a rabiscar me ensinava.

Era, porém, na costura
Que eu mostrava mais primor ;
Vestidos fazia a ponto
De muita gente suppôr
Que eram obra da madama
Lá da rua do Ouvidor.

Não havia outra mucama
Com tão raros predicados !
Como eu engommava as rendas,
As prégas e os apanhados,
Do ferro levando o bico
Aos refolhos dos babados !

Era o meu senhor tão rico,
Tinha tantas relações,
Que não perdia um só baile,
Nem outras quaesquer funcções,
E todas ás quartas-feiras
Dava em casa reuniões.

Eram muito pagodeiras
Quer sinhá, quer sinhásinha :
De um baile mal descancavam,

Outro convite lá vinha !
E quem é que as enfeitava ?
A boa da mulatinha !

Que trabalho isso custava !
Porém que satisfação
Quando, depois de vestil-as,
Dava a ultima de mão,
Co'os alfinetes na bocca,
Ajoelhada no chão !

E, como se fosse pouca
Massada a minha massada,
Pelas duas pagodeiras
Eu esperava acordada,
Porque tinha que despil-as
A's tantas da madrugada.

Depois, na alcova, tranquillás,
Eu e sinhásinha, a sós,
Deitadas, por ordem sua,
No leito della ambas nós,
Ella, baixinho, com medo
De que lhe ouvissem a voz,

Me revelava em segredo
Quem no baile a requestára,
Qual fôra o seu preferido
E quantas vezes dansára ;
E naquellas frioleiras
Levava até manhã clara.

N'um baile nas Laranjeiras,
Um moço que a namorou,
Depois de valsar com ella
Tão embeijado ficou,
Que a pediu em casamento
Logo depois que valsou.

Tudo se fez num momento,
Pois não era um peralvilho
O moço : tinha futuro,
De outro ricaço era filho.
Que alegria, que festança !
Durante um mez que sarilho !...

Teve a noiva uma lembrança
Toda caridade e amor :
Minha carta de alforria
Pediu ao pae, meu senhor ;
Mas elle não quiz passal-a,
E disse de máu humor :

— Desejas alforrial-a ?
Mostras não ser sua amiga !
No dia em que essa mulata
A liberdade consiga,
Dá logo em mulher á tôa !
Não percas a rapariga ! —

Hoje ainda me magôa
Tão injusta opinião ;
A virgindade no corpo

Eu tinha e no coração ;
Nem a mais leve maldade
Me perturbava a razão.

Alcançando a liberdade,
Eu não daria em devassa,
Pois era trabalhadeira,
Nada tinha de madraça.
E ficar ali mettida
Foi toda a minha desgraça.

Que já estava arrependida
Do casamento, uma vez
Me confessou sinhásinha,
Não era passado um mez...
Passados dous, que tristeza !
Que prantos, passados tres !

Fiquei devéras sorpresa
Ao seu primeiro gemido,
Pois achava aquelle moço
Um excellente marido,
Delicado, attencioso,
Sempre muito bem vestido !

Logo elle viu, pezaroso,
Que ella não lhe tinha amor...
Durára aquelle capricho
O que durára uma flor
Que a noíva um dia lhe dera...
Triste, ephemero venhor !

Eu era bella ! se o era !
Mais bella que sinhásinha !
Aquelles olhos travessos,
Aquelles olhos que eu tinha,
Neste misero destroço
Já ninguem mais advinha.

Um dia notei que o moço
Os meus encantos notou...
Não podem fazer idéa
Dos olhos que me deitou !
E desde aquelle momento
De outro modo não me olhou...

Confesso que um sentimento
Estranho, novo, suspeito,
Aquelles olhos malditos
Gerou-me dentro do peito,
E eu evitar-lhe, mesquinha,
Não pude o tremendo effeito.

Uma noite sinhásinha
Foi ao theatro ; elle não,
Que, fingindo uma enxaqueca,
Se valeu da occasião...
Tinha a sua voz maviosa
Prodigios de seducção!

— Minha mulata formosa,
Nós somos ambos escravos...
Deus nos fez um para o outro :

Do amor sugamos os faves!
São desforras os meus beijos,
E os teus beijos desaggravos!

Saciaram-se os seus desejos:
Fui vencida, elle venceu ;
E, algum tempo depois disto,
Quem grávida appareceu,
Em vez de ser sinhásinha,
Fui — que escandalo ! — fui eu !

Tudo, por desgraça minha,
Se descobriu. Fui surrada,
Nua do umbigo p'ra cima,
A um grosso tronco amarrada,
Eu tive a mimosa pelle
Barbaramente lanhada !

Meu seductor... que fez elle?...
Fugiu.... a esposa deixou...
Porém, passado algum tempo
Ella mesma o procurou ;
Como fôra desdenhada,
Pela vez primeira amou.

Quanto a mim, desventurada,
Fui presa n'um velho quarto,
Padecendo mil tormentos
Até que tive o meu parto.
Meu Deus! eu quiz, mas não pude
Matar meu filho, — mandar-t'o !

Meu senhor, coração rude,
Homem que nunca chorou,
A criança para a roda
Dos engeitados mandou!
Que criminosa o seu crime
Tão caro como eu pagou ?

Tres dias depois, eu vi-me
Dentro de um carro atirada,
Como negra vagabunda
Por um soldado levada
Ao trem de ferro e á fazenda
Onde outra vez fui surrada!

Justos céos ! que vida horrenda!
Era já outro o feitor ;
Meu pae já não existia,
Mas existia o terror;
Não era menos malvado
O seu digno successor.

Deus me havia reservado
De minha mãe o destino ;
Como enojada fugisse
Aos beijos de um assassino,
Teve os beijos do vergalho
Meu triste corpo franzino.

Envelheci no trabalho,
Fui tarefeira exemplar;
Mas já não pego na agulha

Nem no ferro de engommar;
Já não visto uma senhora ;
Já não sei nem soletrar !

Da fazenda para fóra
Fui posta ao primeiro raio
Altivo, ardente, brilhante
Do sol de Treze de Maio,
E vim, trazendo sómente
Molambos no meu balaio.

Foi devéras inclemente
Essa viagem que eu fiz,
Velha, andrajosa, faminta,
Por desertos e alcantis,
Até chegar á cidade
Do meu amor infeliz.

Aurea lei da liberdade,
Bemdigo a piedade tua ;
Mas é triste, muito triste
Ver-me doente e semi-nua,
Pelos moleques vaiada,
Pedindo esmolas na rua !

Sinhásinha inda é casada ;
Ha poucos dias a vi
Pelo braço do marido,
E logo os reconheci.
Como estão bem conservados,
E eu... eu como envelheci...

Já têm dois filhos formados...
O meu... que fim levaria ?
Talvez na rua me encontre
E também de mim se ria ;
Talvez até que se offenda
Se lhe disserem um dia

Que eu, nascida na fazenda,
De uma negra e do feitor,
Sou sua mãe dolorosa,
E elle a flôr, a pobre flôr,
A pobre flôr melindrosa
Nascida do meu amor.

UM MEDICO DA ROÇA

Aos vinte e um annos Tolentino Abrantēs
Da vida a primavera desfructava,
Figurando entre os peiores estudantes,
 Pois que não estudava,
 Muito embora na Escola
De Medicina, que elle frequentava,
 Disseste toda a gente
Ter elle muito phosphoro na bola,
E ser, talvez, o mais intelligente
Da sua turma. O nosso rapazola,
Que dos paternos cabedaes dispunha,
 Mettendo-lhes a unha
Tão facilmente como si a mettesse
Num fófo pandeló, não conhecia
 Da pobreza os açoites,
E, nesta vida tudo lhe sorria.
 Antes os conhecesse :
Na pandega não passaria as noites.

 O pae, sujeito honrado,
Que no commercio havia enriquecido,
Foi por alguns amigos prevenido
Da vida que levava o seu morgado,
E corřigil-o quiz, mas era tarde,

Porém o velho, sem fazer alarde,
Resolveu, de repente,
Suspender-lhe a pecunia, declarando
Categoricamente
Que só dinheiro lhe daria quando
Elle quizesse entrar no bom caminho,
E andasse « muito, muito direitinho ».

— Um meio ha de o fazeres,
O bom pae adduziu : troca essa vida
De festas e prazeres

Pela vida em familia. A Margarida,
Filha do meu amigo Castro Motta,
Gosta muito de ti ; é moça, é bella,
O pae é rico e certamente a dota.
Serás feliz casando-te com ella.

Esse o meio será de proseguires
Nos estudos. O meu conselho segue,
E olha : si o não seguires,
Para o diabo vae que te carregue !

Não foi para o diabo o nosso Abrantes,
Que, tres mezes depois desse conselho,
Sendo embora um fedelho,
Sem conhecer do mundo as cambiantes,
Casado estava e muito bem casado.

Durante mezes, no seu novo estado,
Foi dos maridos jovens o modelo :
Fazia gosto vel-o
Sempre ao lado da sua mulhersinha,

Que uma afeição purissima lhe tinha ;
 Mas, depois de formado,
 (Sim, porque o moço conseguiu a béca),
 Daquelle duetto se sentiu cançado
 E fez coisas da bréca,
 — Tantas e taes, que Castro Motta, o sogro,
 Observando o mallogro
 Da ventura da filha amada, um dia
 Não quiz que ella nem mais uma semana
 Vivesse em companhia
 Daquelle doudejana,
 Que a deixava ficar sósinha em casa
 Dias e noites, nem perdia vasa
 De se exhibir escandalosamente,
 Com mulheres perdidas, nos logares
 Onde havia mais gente,
 Sem dares nem tomares.
 Carregou-a dali. — Pois satisfeito
 (Podeis acreditar) ficou Abrantes
 Quando, ao entrar, com passos vacillantes,
 No seu quarto, lá pela madrugada,
 Achou vasio o leito
 Onde a esposa devia estar deitada,
 E sobre o travesseiro
 Um papel em que havia este letreiro :
 « Vou para casa de meu pae. » Mais nada.
 O medico, durante alguns instantes,
 Pensou em Margarida...
 — Fugiu ? Melhor ! E' tão desenxabida ! —
 Era um patife Tolentino Abrantes.

las como o pae do lado o houvesse posto,
 E do sogro infeliz seccasse a teta,
 E doente nenhum fizesse gosto
 Em recorrer á sua medicina,
 Em breve Abrantes se apanhou sem cheta,
 E passou existencia bem mofina.

Não tinha o pobre diabo
 O que fazer da vida, e já pensava
 Em della emfim dar cabo,
 Quando um roceiro, que na côrte estava,
 Propoz leval-o para certa villa
 Ignorada e tranquilla
 Onde faltava um medico; podia,
 Se não fazer fortuna,
 Pelo menos ganhar grossa maquia.

A proposta opportuna
 Abrantes acceitou; foi para a roça,
 Quinze annos respirou, num mundo a parte;
 O oxygenio do matto, que remoça,
 E, aprendendo a sua arte
 No corpo dos escravos, nas fazendas,
 Afinal ganhou fama
 De haver feito umas curas estupendas,
 Moribundos erguendo até da cama!
 Regenerou-se. O ver constantemente
 As molestias alheias,
 Fez-lhe voltar o coração ausente,
 Deu-lhe boas idéas;

Tinha Abrantes agora
Fundos remorsos do viver de outr'ora.

Sim, quinze annos esteve
Naquella redondeza. Um dia, teve
Desejos de ir á capital do Estado,
Afim de espairecer o seu bocado,
E, indo ao theatro, viu num camarote
Uma linda mulher; impressionado,
Pretendeu dar-lhe um bote:
Subiu ao corredor dum intervallo...
Qual foi o seu abalo,
Reconhecendo nella,
Vista de perto, a pobre Margarida,
Que não lhe pareceu desenxabida!
Muito mais gorda, mas tamhem mais bella
Estava. O porte altivo e magestoso,
Languido o olhar vellado e mysterioso...
Tão formosa não era a propria Venus!...
Que singular acaso!
Sorpreso elle ficou; pudéra! — o caso
Não era para menos.

— Gosta della, doutor? disse-lhe rindo,
Um conhecido que passava. — Gósto.
— Não se lhe dava de a apanhar, aposto!
Anjo não ha mais lindo!
Pois bem: tire dahi o pensamento:
E' casada. — Casada? — Sim, casada!

O marido não tarda ahí um momento:

E'engenheiro da Estrada.

Ha dias aqui estão, vindos do Rio. —

Outro individuo, typo de vadio,

Que passava tambem parou e disse:

— Casada? Que tolice!

Elles não são casados!

O marido era um medico: deixou-a

E nunca mais nem novas nem mandados

Deu da sua pessoa.

Depois de abandonada,

Ella viveu com o pae pura e honrada.

Mas o velho morreu; ella, coitada!

Do engenheiro gostou, e não podendo

Casar-se, ficou sendo

A mais fiel das amantes.

Foi para o hotel Abrantes,

E, na manhã seguinte,

No trem das seis e vinte

Para a roça voltou, bem castigado

De todo o seu passado.

Hoje elle é morto, e é ella a esposa amada

Do engenheiro da Estrada.

O COPPO

Era uma noite de São João. João Canto,
Que era um João prazenteiro,
Não olhava a dinheiro :
Todos os annos festejava o santo,
Que andou pelo deserto,
O corpo mal coberto,
A comer gafanhotos, e, ao que julgo.
Foi santo melancolico, e, no emtanto,
Passa aos olhos do vulgo
Pelo mais brincalhão do calendario.

Naquella noite, em casa do João Canto,
Que era um velho e zeloso funcionario,
As gárrulas visitas
Entravam aos rebanhos :
Moços e velhos, homens e mulheres,
Muitos rapazes, muitas senhoritas,
E creanças de todos os tamanhos.

— Estás tu como queres !
Cuzia dona Andreza, a esposa amada
Do João, contrariada

Por ver a casa assim, cheia de estranhos ;
Porém a filha do casal, Ritinha,
Que dezesete primaveras tinha,
Passava o arno inteiro desejosa
De que chegasse a noite venturosa
Do vinte e tres de junho.

Nas approximações da festa havia
Em casa muita faina
Do brasileiro cunho ;
Tanto davam ás mãos, como ás idéas,
Afim de preparar a comesaina
Com que o bandulho aquella gente enchia.
Eram doces de vinte variedades,
Pudins, bolos, compotas e geléas,
Pitéos de forno em grandes quantidades
E não menos modesta
Era a abundancia de bebida : havia
Cervejas, vinhos e licores finos :
Anisette, Cacáo, Benedictinos !

Mas a maior despeza dessa festa
Era a que o João fazia
Enchendo um grande quarto de bichinhas,
Bombas, pistolas, buscapés, rodinhas,
E o mais que tem creado o interessante
Engenho pyrotechnico. Centenas
Havia de balões, que a cada instante,
Magestosos, inchados, atrevidos,
Subiam do ar ás regiões serenas,

De altivolos foguetes perseguidos,
 Entre assobios e horridos rugidos,
 E ao som do « Viva São João ! » gritado
 Pela voz chrySTALLINA
 Da multidão alegre e pequenina.
 E n'um espaço adrede preparado
 Em frente á casa, ardia,
 Uma fogueira immensa, crepitante,
 Emquanto no alto céo se desfazia
 O seu pennacho rubro e chammejante.]

Dona Andreza, insensivel á poesia
 Dos costumes que herdámos do passado,
 Suspirando, dizia :
 — Quanto dinheiro, santo Deus, queimado ! -

A formosa Ritinha
 Dois namorados tinha,
 Alberto e Alfredo, ambos autorizados
 A pedil-a ao João Canto em casamento.
 Tendo dois namorados,
 Era o seu pensamento
 Que é coisa assaz prudente
 Em tudo nesta vida
 Ter um sobrecellente,
 Prevenindo-se a gente
 Contra qualquer partida ;
 Mas o caso é que andava a dois carrinhos ;
 Como, entretanto, um coração não póde,
 Tratando-se de amor, os seus carinhos

Dividir igualmente

E fazer com que tudo se accommode,

A donzella imprudente

Gostava mais do Alfredo que do Alberto.

O Alfredo era, de certo,

O mais digno de ser por ella amado ;

Era um rapaz muito morigerado,

Character de ouro, coração aberto,

Estimado por toda a gente séria,

E, pela sua educação, munido

Contra o negro fantasma da miseria ;

Ao passo que o Alberto era um perdido :

Ignorante, vadio, sem futuro,

Que quasi aos trinta aos trambolhões chegára

Sem na vida achar furo :

Mas... tinha boa cara,

E boas roupas, e era petulante,

E o Alfredo um modesto, um hesitante,

Que de tudo e por tudo tinha medo.

Naquella festa de S. João, o Alfredo,

De ciumes ralado,

Por ver o seu rival considerado,

As penas da sua alma soffredora

N'um canto do quintal esconder fôra,

Que, apezar da fogueira, estava escuro,

— Quando viu a Ritinha,

Pé ante pé, sósinha,

Vir de casa, chegar junto de um muro,

Sobre o rebordo deste
 Pôr um objecto que na mão trazia,
 E voltar para dentro. O moço investe
 Contra o muro. Quer ver ! E' curioso,
 E um augmento prevê á sua magoa !...
 Risca um phosphoro. Um copo ! Um copo d'agua
 Dentro do qual fluctúa

Alguma coisa branca... E' clara de ovo..
 Ritinha espera uma abusão do povo —
 Que aquelle copo de destino a instrua.

O magoado galan percebe tudo,
 E despeja do copo o conteúdo ;
 Volta á casa, e, do João no gabinete,
 Acha penna e papel, traça um bilhete,
 Dobra-o bem dobradinho, e num momento
 Vae deital-o no copo que ao relento
 Ha de a noite passar.

Não ha quem pinto
 Da moça o espanto na manhã seguinte,
 Quando o seu copo d'agua achou vasio,
 Sem esquite, sem cama, sem navio,
 Mas co' um bilhete — oh, céos ! caso estupendo !—
 Que ella tremendo abriu, e leu tremendo :

« Mulher, por quem de lagrimas, mofino,
 O travesseiro confidente ensopo,
 Não busques prescrutar o teu destino,
 Em clara de ovo dentro deste copo !
 Serás feliz, recompensando o affecto

Que te consagra o Alfredo, que te adora
E quer que o tecto seu seja o teu tecto
E ter em ti, meu bem, dona e senhora ! ▶

No São João seguinte a casa tinha
Ainda mais animação e brilho,
Pois baptisava-se o primeiro filho
Do Alfredo e da Ritinha.

CONFIDENCIAS

Dialogo comico entre as senhoritas Leonor e Thereza, que entram, uma da esquerda, outra da direita, ambas tristes e lacrimosas.

LEONOR

Theresa, por que estás triste ?

THEREZA

Por que estás triste, Leonor ?

LEONOR

Essa magua em que consiste ?

THEREZA

Em que consiste essa dôr ?

LEONOR

Suspiras constantemente !

THEREZA

Estás sempre a suspirar !

LEONOR

Tu, que eras tão sorridente !

THEREZA

Tu, que eu nunca vi chorar !

LEONOR

As tuas maguas, Thereza,
Confia ao meu coração.

THEREZA

As causas dessa tristeza,
Leonor, dize-me quaes são.

LEONOR

Repetes o que te digo,
E não respondes, bem vês !

THEREZA

Mas eu tambem não consigo
Que uma resposta me dês !

LEONOR

Perguntas por que estou triste,
E estás mais triste do que eu !

THEREZA

Do meu enfado inquiriste,
E o teu é maior que o meu !

LEONOR

Por que por um mal indagas
Que não te é dado sanar ?

THEREZA

Por que queres ver as chagãs
Que tu não pódes curar ?

LEONOR

Quem sabe se um linitivo
A's tuas dôres trarei ?

THEREZA

Ao menos um palliativo
A's tuas maguas darei !

LEONOR

São minhas maguas daquellas
Que palliativos não têm !

THERÉZA

E as minhas dôres são ellas
Inconsolaveis tambem !

LEONOR

Não querem talvez levar-te
Ao baile do dia um...

THEREZA

Não ! — eu vou a toda a parte ;
Não falto a baile nenhum.
— Teu pai não foi convidado
Para esse baile, talvez...

LEONOR

Um convite delicado

Tivemos ha mais de um mez,
 — Mas para o baile, faceira,
Toilette nova não tens ?

THERYZA

Já lá está na costureira!

LEONOR

Acceita os meus parabens.
 — Um vestido te negaram ?
 Essa é a causa do teu mal ?

THEREZA

Pelo contrario : mandaram
 Fazel-o ao *Palais Royal*.

LEONOR

Mas algum outro capricho
 Contrariado, não é ?

THERYZA

Não acertaste no bicho ?
 No bicho perdeste a fé ?
 — Caprichos ! pois disso trato ?

LEONOR

Tenho palpites de truz :
 Ante-hontem ganhei no gato,
 Hontem ganhei no avestruz !

THEREZA

Nesse caso, não percebo
 Dessa tristeza a razão !

LEONOR

O motivo não concebo
De tão estranha afflicção !
Conta-me a tua tristeza !

THEREZA

Confia-me a tua dôr !

LEONOR

Sou tua amiga, Thereza !

THEREZA

Sou tua amiga, Leonor !

LEONOR

Se eu te disser o que sinto...

THERÈZA

Si o que soffro eu te disser...

LEONOR

Julgarás talvez que minto..!

THEREZA

Não suspeitarás sequer...

*(Depois de se certificar de que estão sósinhas.
Toda a discrição reclamo.*

LEONOR

Guarda segredo.

THEREZA

Pois bem :

Eu amo !

LEONOR

Tambem eu amo.

THEREZA

E sou amada !

LEONOR

Eu tambem !

THEREZA

Eu amo um bonito moço !

LEONOR

Eu amo um bello rapaz !

THEREZA

Amo-o com todo o alvoroço
De que minh'alma é capaz !
Elle é tão intelligente !

LEONOR

Tanto talento elle tem .

THEREZA

E' de tal modo eloquente !

LEONOR

Sabe exprimir-se tão bem !

THERIZA

Alto, moreno, bem feito..?

LEONOR

Os mesmos signaes te dou...

THERIZA

Formou-se ha pouco em direito.

LEONOR

Ha pouco o meu se formou.

THEREZA

Que coincidencia ! Ora essa !

LEONOR

Amamos dois bachareis !

THEREZA

Seu nome ? Dize depressa !

LEONOR

Chama-se Alberto Vergeis.

THEREZA

Vergeis ! Alberto ! E' lá possivel ! Mentos !

E' o meu amado, ouviste ?

E se ha pouco me viste

Contendo as minhas lagrimas ardentes,
 Desesperada, lacrimosa e triste,
 Foi por ter recebido ainda agora
 A noticia de que elle foi nomeado

Juiz municipal ahi p'ra fóra,
E vai partir mais dia menos dia !

LEONOR

Queres zombar de mim ? O meu amado,
Ar que respiro, sol que me allumia,
Meu noivo, meu futuro,
Tambem Vergeis se chama, affirmo e juro !
E se estou triste assim, é que elle deve
Para o destino seu partir em breve,
Pois é juiz municipal na roça !

THEREZA

Que situação a nossa !
Leonor, uma de nós vive illudida !

LEONOR

Thereza, uma de nós anda enganada !

THEREZA

Tenho certeza de que sou querida !

LEONOR

Tenho certeza de que sou amada !

THEREZA

De um impostor és victima !

LEONOR

Não creio ;
Se uma victima existe, és tu, supponho !

THEREZA

Não será isto um sonho ?

LEONOR

Um pesadello não será ?

THEREZA

Receio,

Pois que tão novas, tão ingenuas somos,
Que tanto eu como tu logradas fomos !

LEONOR

Ah ! eu tenho comigo
Um documento real de quanto digo !

THEREZA

E eu tenho aqui tambem, por f'licidade,
Uma prova de que falei verdade.

*(Cada uma dellas tira uma photographia do
bolso)*

E'o seu retrato !

LEONOR, *comparando-os.*

Eguaes !

THEREZA

Eguaes ! E' certo !

LEONOR

Quem t'o mandou ?

THEREZA

Foi elle, o proprio Alberto.

LEONOR

Das suas mãos o recebi.

THEREZA

Das suas ?

Eu vejo que illudida

Não fui eu só, nem tu : fomos as duas.

LEONOR

E' o desgosto maior da minha vida !

THEREZA

Lê a dedicatoria.

LEONOR

Conta-nos, com certeza, a mesma historia.

(Lendo.)

« A' minha noiva Thereza...

LEONOR, *lendo.*

« A' minha noiva Leonor...

THEREZA, *lendo.*

« Penhor da minha firmeza... »

LEONOR, *lendo.*

« Protesto de meu amor. »

THEREZA

Dedicatorias e photographias

São dos mesmos *clichés*. *(Ri-se)*

Oh ! não te rias !

LEONOR

O tratante jurou que meu marido
Seria quando fosse promovido...

THEREZA

A juiz de direito. Igual promessa
Me fez a mim !

LEONOR

Que logração !

THEREZA

Que peça !

Mas não nos agastemos,
Que o coisa ruim não vale taes extremos.
Mandemos-lhe uma duzia de ironias
Em carta que ambas assignar devemos.

LEONOR

E devolvamos as photographias.

THEREZA

E procuremos outros namorados !
E' a vingança melhor ! Valeu ?

LEONOR

Valeu;

Porém tenhamos todos os cuidados :
Que o meu seja meu só e o teu só teu.

O MARIDO, A MULHER E O OUTRO

O Secundino Arantes

Era um marido commodo : a senhora
Tivera quatro, cinco ou seis amantes,
E o desgraçado, embora
O soubesse, faltando-lhe energia,
Caladinho ficava e não reagia.

Vivia escravizado ;
Amava-a, achava-a bella ;
Estava acostumado
A'quillo, e não podia
Outra vida viver senão aquella.

Entretanto, n'um dia
Em que um tal Souza, o derradeiro amante,
Nos adulteros braços esquecido,
Se deixou surprehender pelo marido,
Este, que, até tão malsinado instante,
Tudo embora sabendo, nada vira,
Teve um accesso de ira!

Para que o seu furor deixasse traços
(Assim um pusilanime se ving!),

Lançou ao chão e fez em mil pedaços
 Uma infeliz moringa ;
 Sahiu de casa, e da mulher infida
 Se separou definitivamente.

Só depois de tres mezes, convencida
 Ella ficou de que o marido ausente
 Nunca mais voltaria. O Souza, o amante,
 Que, esperando tambem que elle voltasse,
 Não contava com esse desenlace,
 Teve, de então por diante,
 Que aguentar — pobre Souza! — aquella carga
 Que jámais figurou no seu programma.
 Não larga um cavalheiro a sua dama.
 Quando, por causa d'elle, o esposo a larga.
 Foi cavalheiro o Souza.

Tu farias, leitor, a mesma cousa,
 Si estivesse no rol desses peraltas
 Mettidos em cavallarias altas,
 E um dia fosses, como um sevandija,
 Apanhado co'a bocca na botija.

O desditoso Secundino Arantes
 Nunca mais teve um'hora de ventura ;
 Elle, tão ledo, tão alegre d'antes,
 Só desejava agora a sepultura ;
 Si coragem tivesse,
 Ou si soubesse
 Onde ir buscal-a,

Talvez fizesse

Com que uma bala

Cabo da vida estúpida lhe dêsse!

Viveu assim seis mezes, e á medida

Que os tempos tristemente se passavam,

Mais e mais na sua alma se avivavam

Fundas saudades da mulher querida

Gastava a pensar nella o dia inteiro,

Durante toda a noite a via em sonhos,

E acordava a soltar gritos medonhos,

Abraçando e beijando o travesseiro!

Um dia, finalmente, subjugado

Por uma idéa impavida, constante,

Resolveu ir passar pelo sobrado

Em que a mulher morava com o amante...

Quatro vezes passou por lá sem vel-a;

Porém, á quinta vez, quando passava,

Viu que á jannella a perfida se achava,

E foi como se vira a sua estrella!

A' sexta vez elle cumprimentou-a,

E foi correspondido;

A' setima sorriu-lhe, namorou-a,

Namoraram-se ambos, e o marido

Durante um longo mez passou por ella,

Que o esperava á janella!

Escreveu-lhe, afinal, uma cartinha,

Pintando ao vivo o eterno amor que tinha.

Pedindo uma entrevista

Com o mesmo empenho com que supplicára
A vida um moribundo, um cego a vista.

Morta por isso andava a esposa cara.

Estava o nosso Arantes

A sós com ella, como dois amantes,
Quando o dono da casa, de repente,
Subiu a escada inesperadamente.

— Oh ! diabo ! é o Souza ! Esconde-te depressa !

— Eu esconder-me ! Hom'essa ! —

Elle abre o guarda-roupa, e elle, tremendo,
Para evitar um incidente horrendo,
Esconde-se.

Entra o Souza, e desconfia :

Ella nervosa está, tem a mão fria,

E o guarda-roupa geme...

Suando em bicas, Secundino treme,
Entre calças e saias, suffocado

Por um cheiro de camphora, coitado !...

— Quem está dentro daquelle guarda-roupa ?

Pergunta á queima roupa

O Souza, e, vendo que ella não responde,
Abre o movel...

— Senhor, por que se esconde ?

Deve ficar aqui bem assentado

Que o marido enganado

E' o senhor e não eu ! Saia p'ra fóra !

Aqui tem a senhora :

Ella é sua e não minha, Deus louvado ! —

E, dizendo isto, o Souza foi-se embora.

Final coherente,

Que satisfaz

Completament

A todos tres.

A TOALHA DE CRIVO

I

Fica entre alegres collinas
E matizados verdores
A freguezia das Dores
No fim dos sertões de Minas.

Muitos annos são passados
Que essa obscura freguezi
Duzentos fogos teria,
Muito por alto contados.

Gente que mais se accommode
Nunca se viu n'outra villa:
Agital-a e desunil-a
Nem a politica póde.

Como se dar o contrario?
A população devota
N'um candidato não vota
Sem consultar o vigario.

Aos domingos (nenhum critico
Ha que isso ao parochio improve),
Depois da missa das nove
Ha sempre sermão politico.

Por isso, cada habitante
E' do partido do padre,
E este, embora o mundo ladre,
E' sempre do dominante!

E graças a tão profundo
Systema é que a freguezia
'Stá de perfeita harmonia
Com Deus e com todo o mundo.

Da policia o delegado,
Envelhecido co'a vara,
De vez em quando prepara
Lá um ou outro attestado,
E a essa formalidade,
Cavaco do honrado officio,
Reduz-se todo o exercicio
De uma longa autoridade.

Porém o que, sobretudo,
Dos outros povos distingue
Povo tão pouco belingue,
E' crer em tudo e, por tudo.

Que diga o parochio velho
Embora diga tolice.
E' como se a villa ouvisse
Falar o proprio Evangelho!

II

O interessante motivo
Ides saber, meus leitores,
Porque a Senhora das Dores
Teve uma toalha de crivo.

Ha seis mezes que era morto
Um moço da freguezia,
Deixando a pobre Maria
Viuva, prenhe e sem conforto.

Entre nuvens de alfazema
Teve Maria uma filha,
Melindrosa redondilha
Que promettia um poema.

Mas do mal de sete dias
Fica doente a pequerrucha...
Maternas tetas não chucha;
Descem-lhe as palpebras frias.

A indefectivel parteira
Incontinentemente chamaram :
— Quebranto que lhe botaram !
Diz a velha mezinheira.

A mãe, debulhada em pranto,
Roga a Deus que ao anjo accuda,

E a parteira pede arruda
Para tirar o quebranto.

Asneiras não eram ditas,
Entra na casa um sujeito,
Homem grave e de respeito,
Que tem maneiras bonitas.

E' um medico da roça,
Esculapio de encommenda,
Que, de fazenda em fazenda,
Obituarios engrossa.

A' vontade dos freguezes
O infatigavel charlata,
E' alopata, é homœopathia,
E é dozimetrico ás vezes.

Passei aqui por accaso...
Deixem-me ver a menina,
Diz elle. E' tão pequenina!
Parece grave este caso.

De despeitada, a parteira
Os labios, sorrindo, ajusta,
Mal sabendo quanto é justa
Essa curva zombeteira.

Ausculta o doutor ; discorre,
E, emfim, prepara a botica...
Mas a criança immovel fica ;
Abre os olhinhos... e morre.

A mãe, coitada ! não sabe
Que está morta a pequenita..
Dizem-lh' o ; não acredita
Que o seu lindo sonho acabe,
E grita com voz sonora :
— Se me dás este anjo vivo,
Tens uma toalha de crivo,
O' minha Nossa Senhora !

III

Enche-se a casa de gente.
Visitas e mais visitas.
Caras as mais esquisitas
Entram animadamente.
Fazem berreiro as mulheres
Só não chora uma vizinha
Velha, velha, bem velhinha
Dizendo á mãe: — Que mais queres ?
E és bem feliz, minha rica !
E' uma felicidade
Quando ellas *vae* nessa idade
E aqui no mundo não fica !
Oh, creatura serodia,
Que a Morte esqueceu no mundo,
Tens, do espirito no fundo,
Mais egoismo que prosodia !

Maria tambem não chora
E a todo o instante começa
A repetir a promessa
Que fez a Nossa Senhora.

Uma sinhá caridosa
O mimoso anjinho beija
E deita-o n'uma bandeja
Cheia de folhas de rosa.

A bandeja é collocada
Depois no centro da meza,
E vem uma véla accesa,
Pelo vigario mandada.

Hirto, branco, ensanguentado,
Com o seu resplendor de prata
Os corações arrebatá
Um Christo crucificado.

E da viuva o olhar fixo
A todos estar parece
Acompanhando uma prece,
Cravado no crucifixo.

Mas de repente expectora :
— Se vejo este anjinho vivo,
Tem uma toalha de crivo
Tua Mãe, nossa Senhora !

IV

Eis que chega a hora do enterro,
Já está mettido o corpinho
Num pobre caixão de pinho
Com quatro argolas de ferro.

Com ar de muito criterio,
Todas de vestidos brancos,
Quatro meninas, aos trancos,
Conduzem-no ao cemiterio.

Na frente o nedio vigario
Os passarinhos espanta
Pelo vigor com que canta
O latim do seu breviario.

Quando o caixão, entretanto,
Os umbraes transpõe da porta,
Maria tudo supporta
Sem desperdicio de pranto,

E mais uma vez implora :
— Se me dás este anjo vivo,
Teus uma toalha de crivo,
O' minha Nossa Senhora !

V

Lá vae um anno, leitores.
Na matriz branca, e modesta.
Realisa-se a grande festa
Da Santa Virgem das Dores.

De petalas recamada,
Por baixo da Eucharistia,
Vê-se a toalha de Maria,
Rija de tão engommada.

Não chega p'r'as encommendas
O parocho attencioso,
Que a todos mostra, garboso,
O trabalhado das rendas.

Bimbalha o sino festivo,
Com um olhar doce e magoado
A Virgem, do altar doirado,
Envolve a toalha de crivo.

Entra na egreja a viuvinha,
E vem com ella a parteira,
Que traz, muito prazenteira,
Ao collo uma criancinha.

Ao seu encontro, apressado,
Vae o padre sorridente.

Enche-se a egreja de gente,
Celebra-se o baptisado.

Toma o caminho da porta
O povo, mas o vigario
O silencio do sanctuario
Com estas palavras corta :

— Meus filhos, Nossa Senhora
Olhou uma maravilha
Dando a Maria essa filha
Que baptisei ainda agora.

A criança resuscitada
E' — mysterioso arcano ! —
A mesma que, faz um anno,
Morreu e foi sepultada !

A Virgem disse-lhe um dia :
« Este milagre proclama
Por salvar a boa fama
Da boa e pura Maria.

Fique, portanto, inteirado
O povo, que esta menina
Foi, por vontade divina,
Concebida sem peccado !

E porque de peçonhentos
Mais tarde não seja victima,
Vou como filha legitima
Pol-a nos assentamentos.

VI

Contra o caso extraordinario
Protestar ninguém lá ousa,
Pois a verdade da coisa
Só sabe a mãe... e o vigario.

E ahí está contado o motivo,
Ahi está, meus caros leitores,
Porque a senhora das Dores,
Teve uma toalha de crivo.

DONA ENGRACIA

Dona Engracia fizera cincoenta annos,
Mas a todos dizia

(Como si algo valessem taes enganos)
Que trinta e seis não mais completaria
A vinte e seis de abril. Toda a cidade,
Que estes casos malevola commenta,
Dizia á puridade

Que nem a páo a misera senhora
Queria entrar na casa dos quarenta.

Era viuva. Outr'ora
Junta ao esposo brilhára,
Mas nesse tempo tinha melhor cara,
Não pintava o cabello,
A sua dentadura era um modelo,
E o seu rosto não tinha
Tantos pés de gallinha.

Fôra o marido um homem de juizo,
Mas deixou-lhe, ao baixar á terra fria,
Apenas o preciso
Para viver com muita economia.

Dona Engracia era só ! Nem um parente
No mundo conhecia.

Tinha tido um irmão, antigamente,
Praticando não sei que falcatruas,
Fugira para a America do Norte,
E nunca mais dera noticias suas,
Nem soube a irmã qual fôra a sua sorte.

O isolamento a certas almas serve :
Edifica, avigora, fortalece ;
Faz com que o coração a flôr conserve
Da mocidade que desapparece ;
A outras almas não serve : um'alma fraçã
Co'a triste solidão não se conforma ;
Soffre uma agitação que nada applaca
Nem suavisa, e logo se transforma.

Dona Engracia queria
Outro marido achar, e esta mania,
A mais perniciosa
Que póde entrar n'uma cabeça edosa,
Cobriu-a de ridiculo, coitada !

A principio mostrou-se apaixonada
Pelo primeiro poeta da cidade,
Que dos seus annos tinha só metade ;
Mas o mancebo, frio e desdenhso,
Riu-se daquelle amor de velha tonta,
E um soneto lhe fez tremendo e iroso,
Que andou de mão em mão, de ponta a ponta.

Vendo que o poeta não correspondia
 A'quelle fogo, áquella pertinacia,
 Apaixonou-se a pobre dona Engracia
 Por um tenente de cavallaria.
 Foi uma troça no quartel ! Tamanha,
 Que o tenente, irritado,
 Quiz ser do batalhão desaggregado,
 E outra terra buscar, embora estranha.

Mas dona Engracia não desanimava ;
 Por teril-a, Cupido,
 Todas as settas empregou da aljava...
 Ella, entretanto, não achou marido.

Desenganada, enfim, pelos rapazes,
 Atirou-se aos velhotes,
 Que seriam, pensava, mais capazes
 De apreciar os seus dotes.

Um conselheiro auster
 Juiz aposentado,
 Foi até obrigado
 A tratá-la de um modo bem severo.

Afinal, dona Engracia,
 Dos seus esforços vendo a inefficacia,
 Resolveu entregar-se ao isolamento,
 Enunca mais pensou em casamento

Alguns mezes, porém, depois, retumba
 Como uma bomba, — bumba !
 A noticia da morte

Do irmão da velha que esquecido estava
 Na America do Norte
 E dois milhões de dollars lhe deixava !

Ninguem calcula da noticia o effeito !

Que scenas de theatro !

Não tinha dona Engracia um só defeito !

Ella até augmentava a idade : tinha
 Trinta e dois annos ; augmentava quatro

Não havia no mundo outra viuvinha

Que os seus encantos naturaes tivesse !

Ah ! si o poeta pudesse

Negar haver escripto

O soneto maldito !

Como se arrependia

O tal tenente de cavallaria !

O proprio conselheiro,

Vendo tanto dinheiro,

As orelhas torceu ! — E a millionaria,

Examinado os offerecimentos,

Poderia, co'a calma necessaria,

Um marido escolher entre duzentos.

Não escolheu nenhum. Lição tão crua

Aproveitou-lhe. Percorreu a Europa.

Voltando á patria, fez-se philantropa.

E os pobres, felizmente,

Tambem gozaram da riqueza sua,

Que as lagrimas seccou a muita gente.

A MAIS FEIA

As Pennafortes eram tres: a Joanna,
A Leonor e a Laurinda.
A Joanna era mui linda;
Altivez soberana
Tinha, no olhar, no caminhar, no porte;
Dir-se-ia uma princeza,
Se o pae della não fosse o Pennaforte,
Cuja honrada pobreza
Foi publica e notoria.

Era a Leonor tambem muito bonita,
Da estranha boniteza
Que, em cada olhar cantando uma victoria,
Olhos encanta e corações agita.

Poderia dizer-se que a belleza
Era naquella casa obrigatoria,
Se a Laurinda, das manas a mais nova,
Não fosse muito feia,
O que prova (ou não prova)
Que á equidade é a natureza alheia.

A inditosa Laurinda, todavia,
 Tinha tal graça e tanta sympathia,
 E tão bonitos dentes,
 Que os da familia amigos e parentes
 Todos gostavam della ;
 Só o Pennaforte não lhe perdoava
 Não ser, como as irmans, bella
 E com menos carinhos a tratava.

A Leonor e a Joanna
 Vestiam do melhor, quasi com luxo :
 Era rara a semana
 Em que perdiam festa,
 Embora o pae se visse atrapalhado
 Era aguentar o repuxo.

A Laurinda calava-se, modesta,
 Até sorria de um sorrir magoado,
 E vestia as irmans, e as enfeitava,
 Qual n'outros tempos a mucama escrava.
 — Fica em casa! dizia o Pennaforte.
 Que irias lá fazer se te eu levasse ? —
 E ás outras em voz baixa accrescentava.
 — Com tal cara não ha quem na suporte
 Meninas, a *vox populi* fallace
 Diz que os filhos maís feios
 São pelos paes os filhos preferidos.
 A tal proposição não deis ouvidos,
 Pois em todos os meios
 O contrario se vê ; sempre a belleza
 A preferida foi pelos humanos,

Gemesse embora a fraca natureza ! —
As duas, caracteres levianos,
 A irmã não defendiam ;
Dos seus defeitos physicos se riam ;
Apenas aturavam-na, coitada,
Porque ella lhes servia de criada.

A duas raparigas tão bonitas
Não faltavam, stá visto, pretendentes ;
Andava a casa cheia de visitas
E a rua de transeuntes persistentes ;
Mas as moças vaidosas não achavam
Nem nos que entravam, nem nos que passavam.
Nenhum noivo que fosse digno dellas :
Uns eram gordos, outros magricelas ;
Este vestia mal, fóra da moda ;
Aquelle era o contrario : um figurino ;
Este não pertencia á boa roda ;
Aquelle sim, mas era um libertino ;
Emfim, por pretendentes infinitos
Foram pedidas não sei quantas vezes,
Mas, por não terem os seus namorados
 Taes e taes requisitos,
 Com phrases descortezes,
Um por um, foram todos regeitados,
Inclusive tambem o Rodovalho,
Moço elegante, ajuizado e puro,
 Muito dado ao trabalho.
 Verdade é que era pobre,
 Mas, talvez, no futuro,

Lhe deixasse algum cobre
 Um tio velho e cheio de dinheiro,
 Que estava no estrangeiro
 E era — inda mais ! — do Pennaforte antigo
 E muito bom amigo.

O Rodovalho requestou a Joanna
 E depois a Leonor em pura perda ;
 A' vista dessa impafia deshumana,
 Ninguem mais se atreveu a requestal-as.
 Vendo-se o velho em posição esquerda,
 Sempre mettido em talas
 P'ra sustentar o luxo das pequenas,
 Receou que, passando-se mais dias,
 Ellas ficassem ambas para tias,
 E fez-lhes um discurso,
 Dizendo-lhes : — Meninas,
 Casar-vos é o meu ultimo recurso ;
 Se continuaes fazendo-vos tão finas,
 Tornaes-me esta existencia muito amarga,
 E um dia destes eu arrio a carga ! —
 Ellas mostraram-se ambas obedientes,
 Tornando-se, da noite para o dia,
 Em vez de pretendidas, pretendentes.

Mas eis que um bello dia
 Recebe Pennaforte
 A noticia da morte
 Do amigo no estrangeiro,
 O qual em testamento
 Deixava o Rodovalho por herdeiro,

Porém se contrahisse casamento
Co'a Leonor, co'a Joanna, ou co'a Laurinda.
O rapaz ficou muito consternado,
Que a nova foi bemvinda e foi malvinda,
Mas aceitou a deixa
Sem protesto nem queixa,
Mesmo porque, se houvesse recusado,
Todo aquelle dinheiro passaria
Para uma casa pia.

A Leonor e a Joanna
Pularam de alegria,
Pensando cada qual que entre ella e a mana
O Rodovalho não hesitaria.
Este avisou o velho Pennaforte
Que no domingo visital-o iria,
Afim de decidir-se a sua sorte.

As duas raparigas,
Que desfaçadamente, sem disfarce,
Já pareciam velhas inimigas,
Olhando-se com olhos iracundos
E evitando falar-se,
Noite e dia passaram agitadas
E desassocegadas,
Contando horas, minutos e segundos.

Chegou, emfim, o rico Rodovalho,
O futuro marido,
E logo recebido
Foi pelo velho e as duas, que a Laurinda,
Essa era carta fóra do baralho...

Antes da historia finda,
Adivinham ter sido pelo moço
Escolhida a mais feia.
Assim foi, realmente. Que alvoroço.
Affirmo-lhes que ainda
A Leonor chora e a Joanna sapateia.

O NOVO E O VELHO

I

Rosa casára-se aos dezeseis annos,
Antes de entrar definitivamente
Neste mundo choroso e sorridente,
Cheio de enganos e de desenganos.
O marido, homem pratico, mettido
Em mil negocios, cada qual mais grave,
Daquelle coração não tinha a chave...

Imprudente marido !

Longe della passava todo o dia,
Não almoçava nem jantava em casa.
E quando á noite, ao triste lar volvia
Um somno só das nove ás seis dormi

Certo leão, que não perdia vasa,
Quando no seu caminho
Encontrava mulher inexperiente,
Casada com marido sempre ausente,
Quiz perturbar a paz daquelle ninho ;

Rosa, porém, mostrou-se, nobremente,
Esposa fiel aos conjugaes deveres,
Não se deixando seduzir de prompto
 Por ignobeis prazeres,
E o seductor á seducção fez ponto.

Elle era um cidadão desoccupado,
Um tal Solano. Tendo, aliás, chegado
Aos trinta e cinco, inda vivia ás sopas
De uma velha abastada, sua tia,
 E de nada entendia
A não ser de mulheres e de roupas.

Mas, por desgraça, tinha um primo Rosa,
Da sua idade pouco mais ou menos...
Brincaram juntos quando eram pequenos,
 Na estação descuidosa,
 Em que tudo são flôres
 E o riso é um privilegio.

Ainda estava o primo no collegio,
 Mas, desde que podia
Um momento furtar, logo corria
Para casa da prima, a visital-a.

Ambos elles sentados
No canapé da sala,
Dedos entrelaçados,
O olhar saudoso fito
No vago, no infinito,
Suspiravam lembranças
Das suas travessuras innocentes.

Deixar ficar sósinhas as crianças
 E das coisas que eu sei mais imprudentes..
 Aquellas entrevistas dos priminhos
 Acabaram naquillo que — pudéra!—
 O leitor maliciosamente espera :
 Passaram das palavras aos carinhos,
 Dos carinhos aos beijos,
 E a tudo mais que apaga os máos desejos.

 A mãe preta de Rosa,
 Uma ex-escrava idosa,
 Que a amava muito e a desejava honrada,
 Ficou deveras escandalizada ;
 Porém a moça, leviana e tonta,
 Fazendo uma pirueta,
 Lhe disse : — Ora, mãe preta !
 Elle é tão novo que não entra em conta !

Graças a Deus, o primo venturoso
 Partiu pouco depois para o Recife.
 Nunca mais o patife
 Da prima se lembrou. Quando, orgulhoso,
 Voltou á terra bacharel formado,
 Co'uma pernambucana era casado.

II

Passaram-se vinte annos. O marido
 De Rosa, sendo, aliás, tão operoso,
 Viu-se um dia á pobreza reduzido,
 Por ser ambicioso

E embarcar tudo quanto possuía
 Numa especulação muito arriscada,
 Que polymillionario o tornaria,
 Ao não deixar, como deixou, sem nada.

Obrigado a ausentar-se da cidade,
 Para ver se arranjava alguma coisa
 Elle deixou a esposa
 E foi tratar da vida.

 Na verdade,
 Constante era o Solano,
 Que um feroz desengano
 Tivera um dia e que esperou, paciente,
 Com insolito affinco,
 Imperturbavelmente,
 Até os cincoenta e cinco
 Occasião azada
 Para apanhar a presa cobiçada.

Apanhou-a, afinal, e — quem diria? —
 Foi o dinheiro que venceu!

Vivia

Ainda a preta velha, a ama de Rosa,
 Que, ao vel-a desta vez cair mais fundo,
 Ficou tão furiosa
 Que parecia pôr abaixo o mundo.
 Rosa, porém, fazendo uma careta,
 Lhe disse : — Ora, mãe preta!
 Foi uma coisa de bem pouca monta...
 Elle é tão velho que não entra em conta!

ESCOLA DOS VELHOS

O Prospero Pimenta
Passava dos cincoenta,
Quando encontrou na vida
A mulher longamente appetecida
Entre sonhos, visagens e chimeras.
Ella contava apenas
Dezoito primaveras,
E era a mais deliciosa das morenas.

Elle encontrou-a, por acaso, um día
Em que um novo diluvio parecia
Desabar sobre a terra, e attencioso,
Offereceu-lhe o braço e o guarda-chuva
Que é, quando chove, rufião precioso.
Levou-a para casa. A sua vida
Ella contou-lhe muito commovida:
Tinha sido casada, era viuva.
Já viuva ? E' verdade !
Andava o dia inteiro na cidade,
Procurando um emprego...
Um destino... um conchego...
O Prospero Pimenta era solteiro ;

Tinha muito dinheiro
E um palacete mobilado tinha;
Por isso, a viuvinha
Ali ficou de casa e pucarinha.

Elle amou-a devéras ;
Não era um homem gasto,
Um coração cansado que repasto
Outr'ora fosse de paixões violentas ;
Elle podia ainda
Perpetuar a raça dos Pimentas,
Levar longe o seu nome ;
Mas aquella menina ingenua e linda,
Si a imperiosa fome
De um exigente amor satisfazia ;
Estranha sensação lhe produzia ;
Elle ficava contrafeito quando,
Os seus labios de purpura beijando,
O doce mel do amor nelles sorvia ;
E pensava : — Estou velho, e certamente
Só me tolera porque sou, não rico,
Mas solícito, bom, condescendente ;
Sinto que a sacrificio,
A consciencia diz-me que a deturpo,
E o logar de outro, menos velho, usurpo.

Ora, um dia, o Pimenta
Foi avisado de que a sua amante,
De amor faminta e de prazer sedenta,
Tinha um amante que não era elle,
E pilhou-a em flagrante,

Furioso — meu Deus! que dia aquelle! —
Ia fazer escandalo e alvoroço,
Quando caiu em si, vendo que o moço
 Com quem ella o enganava,
 Nem trinta annos contava
 E era um rapaz bonito;
Não lhe faltava nem um requisito
 Para ser della amado
— Afinal, tens razão, disse o coitado,
Quem não a tem é o meu amor absurdo
 Que me fez cego e surdo.
 Amae-vos, pois, meus filhos,
 Amae-vos á vontade!
 En não ponho empecilhos
 A'vossa f'licidade! —

E fez mais o Pimenta:
Dotou a viuvinha com quarenta
Contos de réis, e o bello moço amado
(Grande pulha!) com ella está casado.

Nasceu-lhes um filhinho,
E o Pimenta foi logo convidado
Para ser o padrinho.

O SA

I

Fôra um bohemio outr'ora,
E, para attenuar o seu passado
Vadio e dissoluto,
Costumava a dizer: — O meu tributo
Paguei — Era outro agora:
Tranquillo e socegado,
Muito bem comportado,
Tal qual Pero Botelho

Que se faz ermitão depois de velho,
Ou como certas cortezans que, ao cabo
De uma vida de gozos e loucuras,
Vulgando assim ficar menos impuras,
Votam a Deus o que não quiz o diabo.

Elle, entretanto, ainda não era edoso;
Da Montanha da vida não chegára

Ao cume pavoroso:

Quincoenta annos não tinha, e — coisa rara! —
Não obstante a existencia que levára,

Estava já grizalho, mas não tinha
 Esses pés de gallinha
 A que no mundo pouca gente escapa,
 E que o aspecto dão a nossa cara
 De castanha ou de mappa.
 E' que a pelle, que estica,
 Livre de sulcos mais ou menos fica,
 E o Sá (era esse o nome
 Do heróe dessa novella)
 Si havia sido em moço um magricla
 E padecido fome,
 Teve, afinal, socego
 Quando, volvidos os quarenta annos,
 Num succulento emprego.
 Fez boas digestões, dormiu bons somnos,
 E entrou, como entra um passaro, na muda.
 Tanto corpo deitou, engordou tanto,
 Que era um Deus-nos-acuda,
 E até causava a toda a gente espanto.
 Os amigos de outr'ora
 Não n'ó reconheciam,
 Quando sereno por acaso o viam
 Medindo os passos pela rua afóra,
 Respirando virtude
 E vendendo saude.

 No emtanto, que passado !
 Que existencia infeliz de aventureiro !
 Actor, continuo, sacristão, soldado,
 Negociante, jogador, fixeiro,

Grande « planista » de primeira classe,
Tudo o Sá tinha sido ;

Não houve profissão que não tentasse,
Sem haver em nenhuma se mantido.

Afinal — tudo cança ! — encontrou rumo,
E assentou no logar, que lhe foi dado,

De fiscal do consummo,

Graças a um deputado,

Seu companheiro antigo,

Que por milagre inda era seu amigo.

N'uma provincia aonde o levára a sorte,

Já não sei si do sul ou si do norte,

O Sá gostára de uma pequerrucha

Que, apesar de gorducha,

Não deixava de ter seus attractivos.

Olhos travessos, petulantes, vivos,

E magnificos dentes.

— Não são precisos mais ingrediente

Para alimento de uma paixãosinha,

E esses a nossa provinciana os tinha.

Ella perdera ambos os paes ; morava

Em casa da madrinha

Que com olhos de mãe a vigiava,

— Tanto que Sá tentou, como um demonio,

Possuir a pequena

Sem a preliminar do matrimonio

Que, a dar-lhe ouvidos, não valia a pena ;

Mas a madrinha, vigilante hyena,

Pondo a cidade inteira em alvoroço,
 Cortou-lhe o máo intento,
 E, como estava apaixonado, o moço
 Teve que sujeitar-se ao casamento.

Mas na manhã seguinte,
 Por negregado accinte
 O Sá (que a tudo um barbaro se afoita)
 Da cidade abalou sem dizer nada,
 Abandonando a esposa de uma noite,
 Casada e não casada !
 Nunca se soube ao certo
 Si elle achou descoberto
 Aquillo que suppunha inexplorado,
 Ou si foi simplesmente
 Um injusto, um malvado.

Que n'uma forza não padeceria
 Castigo sufficiente.

O caso é que daquelle
 Dia em diante — angustioso dia,
 Cuja lembrança os nervos arrepela ! —
 Ella não teve mais noticias delle,
 Nem elle as teve della.

II

Da janella do quarto em que morava
 Entre nuvens de fumo
 Que n'um cachimbo sordido aspirava,

O fiscal do consummo
 amorceava uma mulher magrinha,
 e nas lides caseiras avistava
 No interior da cosinha
 e um sobrado do qual só via os fundos.
 Não sei porque, a vizinha,
 entre panellas, caldeirões immundos,
 Tachos e caçarolas,
 Impressionou-o a ponto
 De o fazer dar ás solas,
 Tonto, ainda mais tonto
 Que quando requestava a moça imbele
 Que se casou com elle.

A vizinha sorria

« Nos gatimanhos que lhe o Sá fazia,
 E não tardou que uma correspondencia
 Epistolar houvesse...
 Desimpedida a misera não era :
 « Deus a livrasse que o doutor soubesse...
 Tinha ciume de fera !
 Entretanto, a explorava,
 Tornando-a, coitadinha,
 N'uma especie de escrava
 Mettida na cosinha. »

O Sá pensou, com certo fundamento,
 Que, na impossibilidade
 De recorrer a novo casamento
 Pois não sabia, na realidade,
 Qual era o seu estado,

Se viuvo ou casado,
Precisava arranjar, da sua idade,
Uma mulher solteira
Que quizesse ser sua companheira ;
Escreveu á vizinha cosinheira
E na carta lhe disse
Que de casa sahisse
E fosse procural-o,
Pois lhe daria muito mais regalo.
Ella, que estava farta
Do tal doutor, mal recebeu a carta,
Por aqui é o caminho :
Logo trocou de ninho !

O Sá ficou pasmado e boquiaberto,
Vendo agora, de perto,
Que era a boa vizinha
Sua mulher que emagrecido tinha,
— E ao mesmo tempo ella reconhecia
Naquelle novo amante
O esposo magro que engordado havia !
Que scena interessante !
Ella contou a sua historia triste,
E elle, o cynico, achou-lhe certo chiste !

Repellida dos seus, da sua terra,
Onde esteve na berra,
De mão em mão andára,
Até que a sorte avara
Deu com ella no Rio de Janeiro.

Está aqui, depois de ser do mundo inteiro,
Cahi nas mãos do tal doutor mesquinho,
E agora, loucamente,
Às seducções cedendo de um visinho,
Tinha neste encontrar — fado inclemente! —
O marido que outr'ora
De maneira tão vil se fôra embora!

III

Individuos na terra os ha capazes
Das mais feias e estranhas aventuras ;
As duas creaturas
Celebraram as pazes,
E o Sá, que no impudor não tem segundo,
Deu este exemplo ao mundo
De um cidadão casado,
Co'a legitima esposa amasiado.

A PROVA

AO LEITOR

O pudor não affronto ;
Por isso em tom solemne,
Previno-te, leitor, que este meu conto
E' do genero dos de Lafontaine ;
Portanto, amigo, se corar receias,
Passa adiante, não leias ;
Mas se, apesar do que te expuz sem pejo,
Os olhos deste escripto não desvias,
Sabe que eu só desejo,
Não que tu córes, mas que tu sorrias.

Embora perto dos quarenta, ainda
Era Antonietta esvelta, fresca e linda,
Formosura esquecida sobre a terra.
Tinha dois olhos rutilos, capazes
De pôr o mundo inteiro em pé de guerra,
E n'um momento promover as pazes
Co'um rapido volver, languido e quente.

Ella esposára prematuramente,
Menina ainda, o Andrade, um bom sujeito,

Que, sendo rico, moço e intelligente,
Tinha um defeito só... mas que defeito !...

Elle estava inhibido

De ser um bom marido

Se não lá uma vez por outra, quando

Natureza inclemente

Condescendia um pouco..: O miserando

Era, pois, um marido intermittente.

Dessa desgraça, induzo,

Provinha o viço, a juvenilidade

Que conservava Antonietta Andrade!

Era mulher sem uso,

Ou, pelo menos, muito pouco usada.

Tinha enorme desgosto

Em que a sorte mesquinha a houvesse posto

A essa meia razão de amor, coitada;

Era, porém, senhora muito honrada,

E capaz não seria

De procurar um dia

A outra meia razão fóra de casa.

De ter uma criança,

Sonho de toda a gente que se casa,

Ella perdera a debil esperança,

E, por isso, adoptara

Uma orphã. Educou-a como filha.

Não lhe deu, como esmola,

A protecção que humilha,

Mas o amor que consola
 E Deus só nos depara
 No coração de nossas mãis.

A moça

Nada tinha de ensossa
 Era bella e prendada,
 Tocava bem piano,
 Arranhava francez e italiano.
 Não lhe faltava nada,
 Nem mesmo de luzidos pretendentes,
 Pressurosos e ardentes,
 Variado magote
 Naturalmente farejando um dote.

Surgiu, dentre elles, um rapaz sisudo
 Que agradou muito, quer á rapariga,
 Quer á mãe adoptiva. — Esta, comtudo,
 Sendo, como era, desvelada amiga
 Da moça, receiou que elle tivesse
 Defeito igual ao do incompleto Andrade,
 E da razão de amor á esposa dêsse
 Apenas a metade.

Entretanto, o namoro caminhava
 A passos largos para o casamento.
 Tratos inuteis ao bestunto dava,
 De momento em momento.
 Antonietta, procurando meios
 De afastar para sempre os seus re ceios

Um dia a rapariga,
 Depois dos mil rodeios
 Que em casos taes são coisa muita antiga,
 A avisou de que o moço
 No proximo domingo a pediria.

Antonietta ficou logo fria,
 E, cheia de alvoroço,
 Saiu de carro logo após o almoço.

Era uma quinta-feira.
 Tinho chovido muito a noite inteira.
 Continuava a chover. Neblina densa
 Cobria os morros da cidade immensa,
 Pelas ruas desertas,
 De agua e lama cobertas,
 Andava o carro rapido, ligeiro,
 Affrontando o aguaceiro.

Da moça o pretendente
 Morava só, — e quando, de repent
 Viu na sua saleta
 Entrar Antonietta,
 Ficou tão surprehendido
 Que até...

(Permittirás, leitor queridô,
 Que uma linha de pontos
 Suppra alguns versos que, depois de promptos,
 Resolvi supprimir. As reticencias
 Fizeram-se para estas emergencias).

Antonietta, que ali fôra tremendo,
Voltou calma e tranquila,
A si mesma dizendo :

— Agora sim, póde elle vir pedil-a !
Meu coração já nada mais receia ;
De toda a inquietação se acha liberto !
Ella não ha de ter, já sei, ao certo,
Meia razão, porém razão e meia !

INDICE

	Pages
Duas palavras do editor.	v

CONTOS MARANHENSES

Um passeio de bonde.	3
Lindas scenas	7
Não, senhor !	12
O chapéo.	19
Banhos de mar.	25
O socio	31
A nuvem.	35

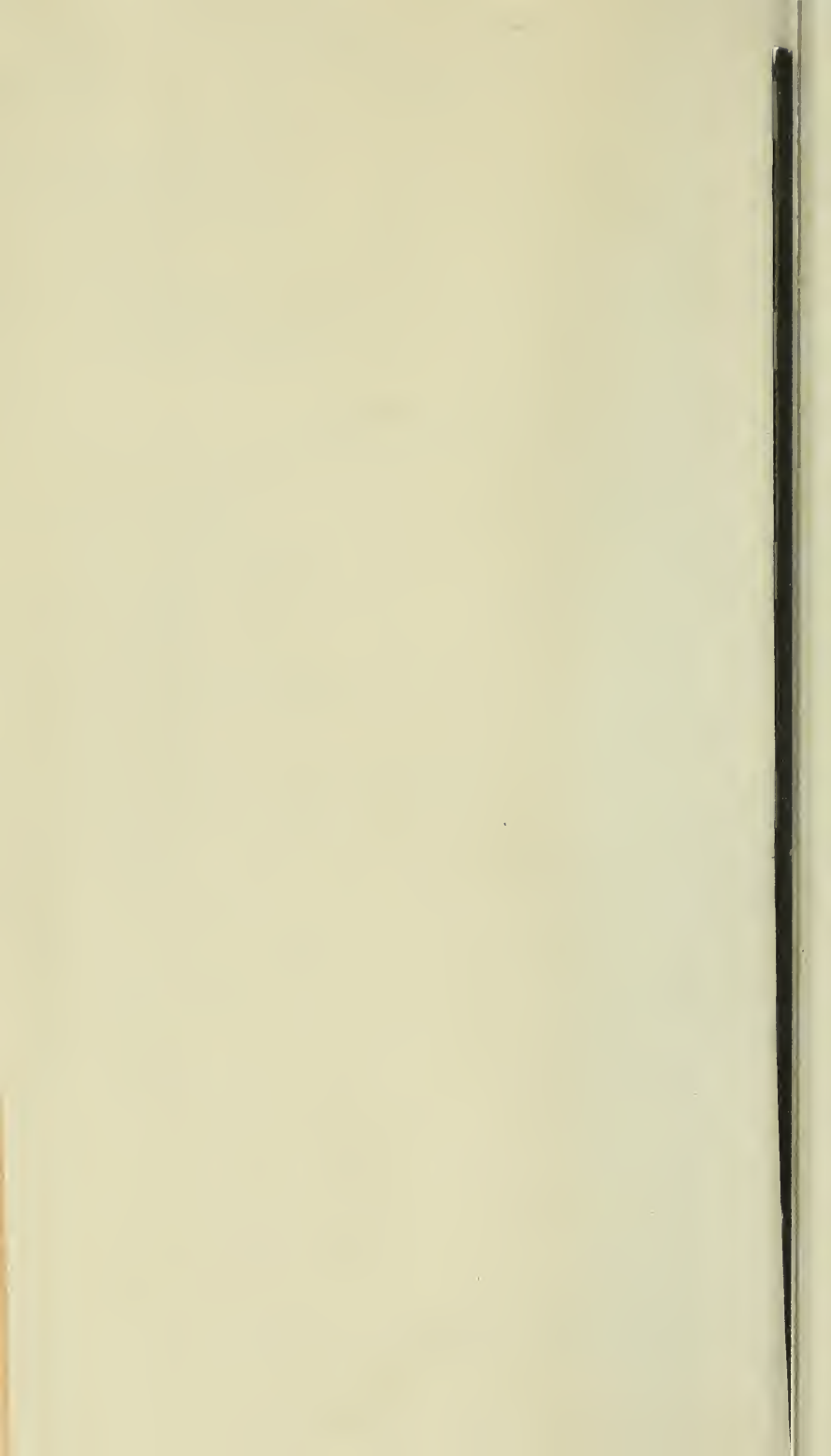
CONTOS CARIOCAS

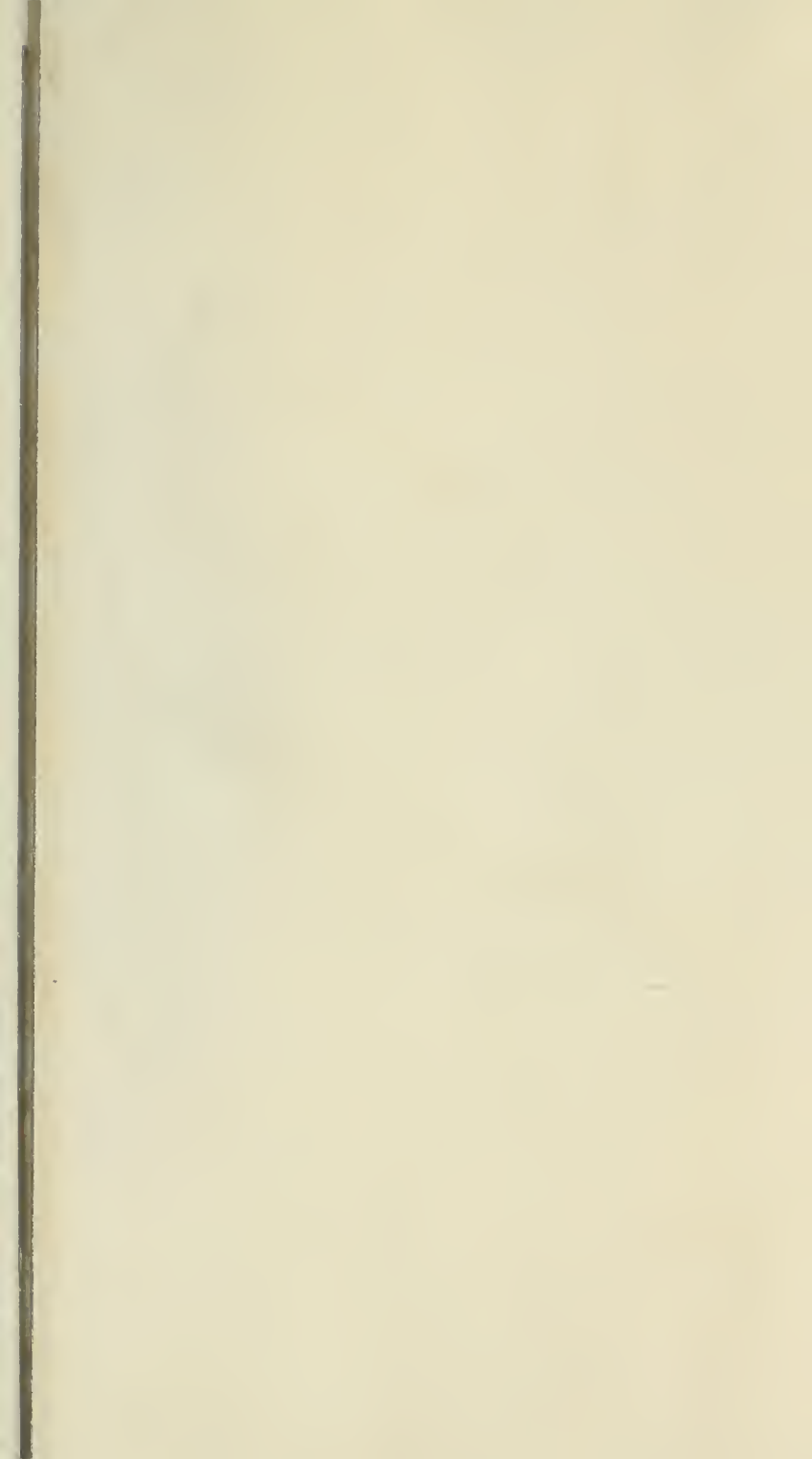
Juvenal	45
Vagabundo	49
Sem botas.	54
Phantasma branco.	61
Nhô-nhô !	68
Por um fio	72
Desejo de ser mãe.	76
Bem feito !	85
Não sei	92

Rogério Brito	99
Improbos amor !	107
Mortos e vivos.	110
Fabricio	117
As visinhas	127
Os dentes do Braz.	133

CONTOS BRASILEIROS

Soror Martha	141
Uma valsa	146
O doutor Caneja	155
As Festas.	161
A escrava	166
Um medico da roça	176
O copo	182
Confidencias.	188
O marido, a mulher e o outro.	199
A toalha de crivo	204
Dona Engracia	214
A mais feia.	218
O novo e o velho.	224
Escola dos velhos.	228
O Sá	231
Avpora	238







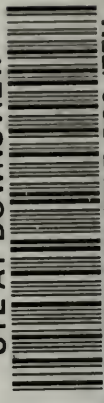
PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9697
A95C6

Azevedo, Arthur
Contos em verso

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 03 05 02 004 5